



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL -
CAMPUS CHAPECÓ SANTA CATARINA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (PPGEL)
LINHA DE PESQUISA: DIVERSIDADE E MUDANÇA LINGÜÍSTICA**

CLARÍ WEHRMANN

**A SITUAÇÃO DO ALEMÃO EM TUNÁPOLIS E EM CUNHA PORÃ,
SANTA CATARINA: DIMENSÃO DIARRELIGIOSA**

**CHAPECÓ – SC
2016**

CLARÍ WEHRMANN

**A SITUAÇÃO DO ALEMÃO EM TUNÁPOLIS E EM CUNHA PORÃ,
SANTA CATARINA: DIMENSÃO DIARRELIGIOSA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação da Prof^a. Dra. Cristiane Horst.

**CHAPECÓ – SC
2016**

UNIVERSIDADE FEDERAL FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413 D

CEP: 89802-210

Caixa Posta: 181

Bairro Jardim Itália

Chapecó – SC

Brasil

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Wehrmann, Clarí

A situação do Alemão em Tunápolis e em Cunha Porã,
Santa Catarina: Dimensão Diarreligiosa/ Clarí Wehrmann.

-- 2016.

161 f.:il.

Orientador: Cristiane Horst.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Estudos
Linguísticos (PPGEL), Chapecó, SC, 2016.

1. Contato linguístico variedade alemã-variedade
portuguesa . 2. Dialetologia Pluridimensional e
relacional. 3. Manutenção e substituição linguística .
4. Termos de parentesco. I. Horst, Cristiane, orient.
II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CLARÍ WEHRMANN

**A SITUAÇÃO DO ALEMÃO EM TUNÁPOLIS E EM CUNHA PORÃ,
SANTA CATARINA: DIMENSÃO DIARRELIGIOSA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em
Estudos Linguísticos, defendido em banca examinadora em 19/02/2016.

Orientadora: Profª. Dra. Cristiane Horst



Aprovado em: 19/02/2016

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug - UFFS
Profª. Dra. Martina Steffen Universität Kassel - Alemanha

Profª. Dra. Claudia Finger-Kratochvil - UFFS

Chapecó/SC, fevereiro de 2016.

AGRADECIMENTOS

A **Deus** por tudo;
A **FUMDES** pelo apoio financeiro;
À Professora Orientadora **Cristiane Horst** pela paciência, compreensão, incentivo, dedicação
Aos **informantes** pelos dados fornecidos;
Aos **professores** do PPGEL da UFFS pelo conhecimento;
Aos **colegas do mestrado** turma 2014/2015 pelas trocas de ideias;
Aos **colegas do grupo** de estudo pelas discussões;
À **Isaura** pela companhia e refúgio em Chapecó;
À minha **família** pelo apoio e pela compreensão;
Ao **pai e à Renata** por ceder seu espaço, pelo apoio e pela compreensão;
Ao **Eloir e família** por ceder espaço físico e temporal;
Aos **colegas de trabalho** pela flexibilidade;
Aos **amigos** pelo respeito;
Aos colegas **tradutores** pelo conhecimento linguístico;
A **todos e a tudo** que diretamente e indiretamente contribuíram na concretização deste sonho,
Muito Obrigada!

RESUMO

Este estudo objetiva investigar o grau de manutenção de variedades alemãs em contextos plurilíngues - variedades alemãs variedades portuguesas-, nas cidades de Tunápolis (SC) e Cunha Porã (SC). A presença de variedades alemãs nesses locais decorre da colonização alemã, porém com o diferencial de que Tunápolis foi colonizada por católicos e Cunha Porã, predominantemente, por alemães luteranos. Tunápolis é uma comunidade pequena, com 4.633 habitantes, isolada; e predomina a etnia alemã e católica; enquanto Cunha Porã é maior, com 10.613 habitantes, apresenta mais mobilidade, a etnia é heterogênea e 95% da população divide-se em 50% católicos e 50% luteranos. Diante desses dados, considera-se Tunápolis ponto de pesquisa católico, e Cunha Porã, luterano. Os dois pontos são contextos plurilíngues nos quais se constata um constante contato linguístico entre as variedades alemãs e variedades portuguesas. Nesses contextos, pretende-se averiguar o grau de manutenção dos termos de parentesco sanguíneo e espiritual em variedade alemã na fala de indivíduos que possuem a variedade alemã como língua materna e pertençam às confessionalidades católica e luterana. A metodologia de pesquisa segue os princípios teóricos da dialetologia pluridimensional relacional de Thun (1996, 1998, 2005a, 2005b, 2009, 2010, 2012). Através desta perspectiva, a fim de observar qual a situação do alemão nos diferentes estratos sociais, foca-se a pesquisa nas dimensões diastrática, diageracional, diagenérica e diarreligiosa. A partir dessas dimensões, selecionam-se oito informantes em cada ponto de pesquisa; a eles aplica-se um questionário geral e um lexical, leitura de textos e conversa livre com a temática termos de parentesco sanguíneo e espiritual. Os dados dessas entrevistas são o *corpus* analisado. A escolha pelos termos de parentesco deve-se à importância e à presença da família na cultura alemã. Na revisão bibliográfica, constata-se uma intrínseca relação entre imigração alemã, igreja e língua alemã. Para os católicos, o alemão é um instrumento de comunicação, uma vez que a base dessa confessionalidade é o latim. Para os luteranos, de outra forma, além de ser um meio de comunicação, o alemão também é um símbolo religioso, pois com a primeira tradução feita da Bíblia para a língua alemã pelo alemão Martin Lutero e, através da pregação por este da alfabetização para todos, nasceu a confessionalidade luterana. Resultados de outras pesquisas da linha de manutenção de variedades alemãs, realizadas no Brasil, demonstram uma tendência de um grau maior de manutenção de variedades alemãs pelos luteranos, porém não há dados empíricos comprobatórios. A presente pesquisa parte dessa mesma hipótese e, pelos resultados apurados, aponta, com dados empíricos, que são os luteranos que aplicam mais os termos de parentesco em alemão. Indiretamente, constata-se também a grande interferência da igreja, como um grupo de domínio e de identidade, a favor da manutenção de uma língua minoritária. Pela sua natureza, o trabalho se inclui na linha de pesquisa diversidade e mudança linguística, mais especificamente na área de manutenção de variedades alemãs em contextos plurilíngues.

Palavras-chave: Contato linguístico variedades alemãs-variedades portuguesas. Manutenção e substituição linguística. Confessionalidade católica e luterana. Termos de parentesco.

ABSTRACT

This study aims to investigate the degree of maintenance of the German variety in plurilingual contexts – German variety and Portuguese variety- , in Tunápolis (SC) and Cunha Porã (SC) cities. The presence of the German language in these places depends on the german settlement, however, there is a differential between these places – Tunápolis was settled by catholics and Cunha Porã, predominantly, by Lutheran germans. Tunápolis is a small community with 4.633 inhabitants, secluded; and the german and catholic ethnic predominate. While Cunha Porã is bigger, with 10.613 inhabitants, and shows more mobility; its ethnic is heterogeneous and 95% of the population is divided into 50% catholics and 50% lutherans. In face of these results, Tunápolis is considered a place for a catholic research and Cunha Porã, a place for a lutheran one. Both places are plurilingual contexts where it is observed a permanent linguistic contact between the German varieties and the Portuguese varieties. In these contexts, it is intended to ascertain the degree of maintenance of the sanguine and spiritual kinship terms in German variety as a native language and belong to the catholic and lutheran confessions. The research methodology follows the theoretical principles of Thun Relational Multidimensional Dialectology (1996, 1998, 2005a, 2005b, 2009, 2010, 2012). From this perspective, in order to observe which the real condition of the German variety in different social backgrounds, the research aims in diastratic, diageracional, diageracional and diarreligious dimensions. Based on these dimensions, eight informants are selected in every point of the research; a general and lexical questionnaire, text readings and free conversation with the theme based on sanguine and spiritual kinship terms are applied to them. These data from the interviews are the *corpus* analysed. The sanguine kinship choice is due to the importance and the presence of the family in the German culture. In the bibliographic review, it is observed an intrinsic relation among german immigration, church and German variety. For catholics, the German language is a communication tool, since the basis of this confession is the Latin. For the Lutherans, otherwise, besides being a means of communication, German is also a religious symbol for with the first translation of the Bible to the German language made by Martin Luther and, through the preaching and so literating everyone by him, the Lutheran Confession came about. The results of other researches of the german variety maintenance line, carried out in Brazil, show a tendency of a higher degree of the german variety maintenance by the lutherans, but there are no corroborative empirical data. This present research is under the same assumption and, based on the results determined, I indicated, with empirical data, that are the lutherans who more apply the sanguine terms in German. Indirectly, it is also observed a great interference from the church as a domain and identity group, in favor of keeping a minority language. Because of its nature, the work includes in the line of research diversity and language change, more precisely in the area of german varieties maintenance in plurilingual contexts.

Key-words: Linguistic contact german varieties –portuguese varieties. Linguistic maintenance and substitution. Catholic and lutheran confession. Kinship relation terms.

RESUMO¹

Dieser Orweit investigiert wie viel Deitsch noch gesproch wed in Plätzer wo die Leit viel Sohder Spracher sprechen wie Deitsch und Portugues. So ist das in Tunápolis (SC) und in Cunha Porã (SC). Da wed noch Deitsch gesproch weil die Stähte von Deitscher kolonisiert gewoh sind. Awer die zweu Plätzer hon was anders zwischen dener. Tunápolis ist von der Katholiker koloniseirt gewoh und Cunha Porã von die Evangelischer Lutheraner. Tunápolis ist een kleen Plätzer, 4.633 Leit wohner da und es liegt ganz ab. Die meinschter Leit sind Deitscher und Katholiker. Cunha Porã ist größer, hot 10.613 Leit die da wohner. Es liegt besser, hot mehr Moviment von außer. Es gibt viel andre Leit in Cunha Porã, mehr Brasilioner, Italianer und och die Deitscher. Von 95% der Leit, 50% sind Katholiker und die andre 50% sind Lutheraner. Deswecher ist dann für diese Orweit hier Tunápolis een Katholisches Platz und Cunha Porã Lutheranisch. Die zweu Muniziper sind Plätzer da die Leit immer viel Sohder Deitsch und Portugues sprechen. Da wed gesehen wie viel Wörter üwer Familienschaft vom Blut her und von den Kerch her von den Leit die von Kind on Deitsch sprechen Katholiker und Lutheraner uf Deitsch sprechen. Die Methodologie für die Orweit geht noch de Theorie der Dialektologia Pluridimensional Relacional von Thun (1996, 1998, 2005a, 2005b, 2009, 2010, 2012). Noch dieser Perspektive und um zu sehen wie das ist mit der Deitsch unter die verschiedener Sohder Leit wed die Orweit die Dimensionen Diastrática, Diageracional, Diagenérica und Diarreligiosa noch gehen. Von die Dimensionen aus weren acht informanda in jedes Platz ausgesucht. An dener wed Perguntas gemacht von een Questionário Geral und een Lexical. Die leser och Texte und sprechen frei. Alles üwer Wörter von den Familienschaft von Blut her und von der Kerch her. Die Dados von dem Gespräch ist dann das was damit gelent wed. Die Wörter üwer Familienschaft sind ausgesucht gewoh weil die Familie für die Deutscher wichtig ist. Beim Lesen von Bücher und Texte hot man festgestellt dass die deutscher Koloniesierung, Kerch und der Deitsch Sproch zusammen sind. Für die Katholiker ist der Deitsch nur voh verzähler weil die joh der Latim in der Kerch hon. Für die Lutheraner ist der Deitsch zum verzähler awer och es hot mit der Kerch zu tun. Der Deitsch für die Lutheraner ist wie een Simbolo. Weil Martin Luther hot joh zum erschter mol die Bibel in der Deitsch geschrieb. Und der Mann woh joh davor dass alle Leit lener schreiben und leser. Mit das hot die Lutheranische Kerch ongefön. Andre Orweiten die in Brasil gemach sind, hon schon rausgefön das die Lutheraner noch der meischter Deitsch sprechen. Awer es gibt noch keener echter Dados davor dass das werklich so ist. Dieser Orweit hier mennt das och von onfong on dass die Lutheraner der meischter Deitsch sprechen und das hot es am End die Dados och ongegeb. Die Lutheraner sind die die der meischter Wörter üwer Familienschaft uf Deitsch gesproch hon. Dabei stellt man och fest dass der Kerch viel mithelft der Deitsch zu behallen. Die Kerch ist och een Grupo wo die Leit identifiquiert, das die Leit Deitsch sprechen. Nach der Sohd Orweit gehört die zu der Linha de Pesquisa Diversidade e Mudança Linguística, noch mehr zu der Studium von der Deitsch weider sprecher in Plätze wo viel Sohder von Sproche gesproch wed.

Hauptwörter: Sprochkontakt Deitsch-Portugues. Sproch behallen und verlieren. katholische und lutheranische Kerch. Wörter üwer Familienschaft.

¹ Resumo na variedade alemão local (Tradução da autora)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa com a localização dos pontos de pesquisa, Tunápolis e Cunha Porã, em Santa Catarina	22
Figura 2 - Cruz representando as diferentes dimensões	73
Figura 3 - Esquema da cruz nos dois pontos de pesquisa.....	74
Figura 4 – Matriz para escolha de informantes católicos no ponto de pesquisa católico de Tunápolis (SC)	74
Figura 5 - Matriz para escolha de informantes luteranos no ponto de pesquisa cluterano de Cunha Porã (SC).....	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro dos termos e das relações de parentesco sanguíneo	38
Quadro 2 - Dimensões focalizadas na pesquisa.....	77
Quadro 3 – Totais de respostas espontâneas na aplicação de termos de parentesco a partir da dimensão diarreligiosa católica / Tunápolis (SC).....	82
Quadro 4 – 87 Totais de respostas espontâneas na aplicação de termos de parentesco a partir da dimensão diarreligiosa luterana / Cunha Porã (SC).....	83
Quadro 5 – Regra de três simples para cálculo da percentagem das respostas espontâneas em Al. da dimensão diastrática Ca Católica	84
Quadro 6 - Regra de três simples para cálculo da percentagem das respostas espontâneas em Al. da dimensão diagenérica masculina luterana	84
Quadro 7 - Regra de três simples para cálculo da percentagem das respostas espontâneas em Al. da dimensão diagenérica feminina luterana.....	84
Quadro 8 – Totais de termos de parentesco aplicados em Al., misto e em Pt. durante a conversas semidirigida no ponto de pesquisa católico / Tunápolis (SC)	85
Quadro 9 - Totais de termos de parentesco aplicados em Al., misto e em Pt. durante a conversas semidirigida no ponto de pesquisa luterano / Cunha Porã (SC)	85
Quadro 10 – Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al. misto e em Pt. a partir da dimensão diastrática católica / Tunápolis (SC)	94
Quadro 11 - Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al. misto e em Pt. a partir da dimensão diastrática luterana / Cunha Porã (SC).....	94
Quadro 12 - Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al. misto e em Pt. a partir da dimensão diageracional católica / Tunápolis (SC).....	98
Quadro 13 - Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al. misto e em Pt. a partir da dimensão diageracional luterana / Cunha Porã (SC).....	98
Quadro 14 - Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al. misto e em Pt. a partir da dimensão diagenérica católica / Tunápolis (SC).....	102
Quadro 15 - Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al. misto e em Pt. a partir da dimensão diagenérica luterana / Cunha Porã (SC).....	102
Quadro 16 - Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al. misto e em Pt. a partir da dimensão dialingual católica / Tunápolis (SC).....	107

Quadro 17 - Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al. misto e em Pt. a partir da dimensão dialingual luterana / Cunha Porã (SC).....	107
Quadro 18 - Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al. misto e em Pt. a partir da dimensões diastrática, diageracional, diagenérica, dialingual e diarreligiosa católica / Tunápolis (SC).....	111
Quadro 19 - Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al. misto e em Pt. a partir da dimensões diastrática, diageracional, diagenérica, dialingual e diarreligiosa luterana / Cunha Porã (SC).....	111

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Ca – Classe Alta

Cat – Confessionalidade católica

Cb – Classe Baixa

em Al. – Respostas na variedade alemã

em Pt. – Respostas na variedade portuguesa

GI – Geração I (jovens)

GII – Geração II (velhos)

Inf.(s) – Informantes

F – Informante do sexo feminino

Lg – Língua objetiva

Lut – Confessionalidade Luterana

M – Informante do sexo Masculino

MLg – Fala Metalinguística

ADDU – Atlas Linguístico Diastrático y Dyatopico del Uruguay

ALCF–OC – Atlas das Línguas em Contato da Fronteira – Oeste Catarinense

ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul

ALiB – Atlas Linguístico do Brasil

ALMA-H- Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata - *Hunrückisch*

CEP – Conselho de Ética em Pesquisa em Seres Humanos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	22
1.1 AS LOCALIDADES DE PESQUISA: TUNÁPOLIS E CUNHA PORÃ	22
1.1.1 Tunápolis	23
1.1.2 Cunha Porã	24
1.1.3 Configuração linguística dos pontos de pesquisa.....	25
1.1.4 Configuração religiosa dos pontos de pesquisa.....	29
1.2 IMIGRAÇÃO ALEMÃ, RELIGIÃO E LÍNGUA	30
1.3 TERMOS DE PARENTESCO SANGUINEO E ESPIRITUAL	35
1.3.1 História dos termos de parentesco	36
1.3.2 Funções sociais dos termos de parentesco e das relações de parentesco	38
1.3.3 As relações de parentesco entre os descendentes de alemães no Brasil	40
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	41
2.1 LÍNGUA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: DEFININDO NOÇÕES E CONCEITOS	41
2.1.1 Língua, dialeto e variedade linguística	41
2.1.2 Língua Materna, língua de imigração, língua minoritária e língua majoritária	44
2.2 PLURILINGUISMO/BILINGUISMO E CONTATOS LINGUISTICOS	45
2.2.1 <i>Diglossia</i>	48
2.2.2 <i>Code-switching, code-mixing e mixed codes</i>	49
2.2.3 Processos de substituição	51
2.3 TERRITORIALIDADE DE UMA LÍNGUA	52
2.4 FATORES DE MANUTENÇÃO E DE SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA	53
2.5 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL	61
2.5.1 Dimensão Dialingual	63
2.5.2 Dimensao Diatópica	64
2.5.3 Dimensão Diagenérica	64
2.5.4 Dimensão Diastrática	65
2.5.5 Dimensão Diageracional	66
2.5.6 Dimensão Diarreligiosa	67

2.5.7 Dimensão Diafásica	67
2.5.8 Dimensão Diarreferencial	68
2.5.9 A pluridimensionalidade	69
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	72
3.1 A METODOLOGIA PELA PLURIDIMENSIONALIDADE	72
3.2 PERFIL E SELEÇÃO DOS INFORMANTES	72
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DOS DADOS	76
3.4 COLETA DE DADOS	78
3.5 SELEÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS	80
4 ANÁLISE DOS DADOS	86
4.1 DESCRIÇÕES INDIVIDUAIS DAS APLICAÇÕES DE CADA TERMO DE PAREN- TESCO DO QUESTIONÁRIO LEXICAL	87
4.2 DIMENSÃO DIASTRÁTICA	93
4.3 DIMENSÃO DIAGERACIONAL	95
4.4 DIMENSÃO DIAGENÉRICA	101
4.5 DIMENSÃO DIALINGUAL	106
4.6 DIMENSÕES DIASTRÁTICA, DIAGERACIONAL, DIAGENÉRICA, DIALINGUAL, E DIARRELIGIOSA	110
4.7 CONSIDERAÇÕES SOBRE A APLICAÇÃO DOS TERMOS DE PARENTESCO EM AL. NA CONVERSA SEMIDIRIGIDA E NA LEITURA-DIMENSÃO DIAFÁSICA..	113
4.7.1 Estilo conversa semidirigida	113
4.7.2 Estilo leitura	115
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERENCIAS	124
ANEXOS	131

INTRODUÇÃO

A presença do plurilinguismo no Brasil é uma temática amplamente discutida, inclusive muitos estudiosos concluem que o normal é ser plurilíngue e uma exceção é ser monolíngue. Essa não é só uma realidade brasileira, mas também mundial. A presença do bilinguismo no Brasil deve-se, principalmente, à sua história de colonização, realizada por imigrantes de vários países. Devido à quantidade de grupos étnicos vindos ao Brasil e que, consequentemente, trouxeram suas línguas, formou-se um contexto plurilíngue. Raso, Mello e Altenhofen (2011, p. 13) afirmam, inclusive, que “a história do Brasil após a chegada do homem branco é toda uma história de contatos linguísticos”. Conforme os autores, antes mesmo da chegada dos colonizadores já havia no Brasil uma história de contato entre as línguas autóctones, as línguas indígenas.

As línguas dos imigrantes são classificadas como línguas minoritárias, de acordo com Altenhofen (2011), pois como são línguas originárias de outros países; elas coexistem com as línguas do novo meio, que se caracterizam como línguas majoritárias. No contexto brasileiro, as línguas consideradas majoritárias são as variedades portuguesas², e as demais são consideradas línguas minoritárias ou estrangeiras.

Dreher (1999), Labov (2008), Raso, Melo e Altenhofen (2011) afirmam que os falantes não permanecem isolados, mas mantêm contatos com indivíduos da sua própria comunidade de fala, bem como com distintas comunidades de fala. Através desses contatos, as diferentes variedades se interinfluenciam e levam à variação linguística, que pode implicar uma gradual substituição. Em contrapartida à substituição, ocorre um processo de manutenção.

O presente trabalho está pautado na linha de pesquisa diversidade e mudança linguística mais especificamente na área da manutenção de variedades alemãs em contextos de contatos com variedades portuguesas. O tema deste estudo é o emprego de variedades alemãs e de variedades portuguesas pelos indivíduos falantes dessas variedades nas cidades de Tunápolis e Cunha Porã, localizadas no extremo oeste catarinense. As variedades alemãs empregadas nos pontos de pesquisa são conceituadas, neste trabalho, pelo termo alemão, uma vez que os

² De acordo com Coseriu (1982), no momento de comunicação sempre se realiza variedades de língua. Nesta pesquisa, emprega-se o termo “variedades”, classificando-o com a sua língua correspondente.

falantes destes locais as assim definem³. As variedades portuguesas dos pontos de pesquisa, são denominadas, nesta pesquisa, de português.

Ambos os pontos de pesquisa são contextos bilíngues – variedades alemãs e variedades portuguesas – pois, ao observar as falas locais, pode-se verificar que elas apresentam características de alternância de códigos e interferências entre elas que, de acordo com Mackey (1972), são típicas de bilíngues. Denota-se, também, que os falantes mantêm diálogos nos dois códigos.

Tunápolis e Cunha Porã foram colonizadas por descendentes de imigrantes e por imigrantes alemães. Há um grande diferencial na colonização entre os municípios, uma vez que Tunápolis foi destinada a imigrantes católicos⁴, e Cunha Porã, a imigrantes luteranos⁵. Esta diferença de confessionalidade religiosa é marcante até hoje: de acordo com dados do IBGE de 2010⁶, Cunha Porã possui uma população total de 10.613 pessoas, dos quais 95% dividem-se entre 50% de católicos e 50% de luteranos, e 5% entre outras confessionalidades; enquanto Tunápolis possui 4.633 habitantes, dos quais 95% são católicos e 5% são os de outras confessionalidades incluindo os luteranos.

De acordo com Dreher (1999), no Brasil, prevalecem os católicos, pois no total dos imigrantes – considerando também os portugueses como tais – havia sempre mais católicos. A confessionalidade Católica Romana é a primeira a ser estabelecida mundialmente e, portanto, historicamente, considerada a mais antiga. O Brasil já era denominado “país católico” quando da chegada dos primeiros luteranos. Se classificarmos as confessionalidades como se classificam as línguas, a católica seria a majoritária, e a luterana, a minoritária.

O **objetivo geral** desta pesquisa é averiguar o grau de manutenção dos termos de parentesco sanguíneo e espiritual em Al⁷. na fala de indivíduos das confessionalidades católica e luterana nos municípios de Tunápolis e Cunha Porã. A escolha por esses dois locais ocorreu

³ Conforme anotações do caderno de campo, os falantes de variedades alemãs nos pontos de pesquisa afirmam: “*Mir sprechen de alemão*” (Nós falamos o alemão), “*Mir sprechen nur de Deutsch Dahemm*” (Nós somente falamos o alemão em casa) ou, ainda, “*Mir sprechen alles Deutsch*” (Nós falamos tudo em alemão). (Tradução da autora).

⁴ Denomina-se, nesta pesquisa, de “católicos” os adeptos da Igreja Católica Apostólica Romana.

⁵ Considera-se “luteranos”, no presente estudo, os membros das igrejas históricas atualmente denominadas Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) e Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

⁶ Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=421875&idtema=91&search=santa-catarina|tunapolis|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-religiao->>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

⁷ Se refere as respostas ao questionário lexical sobre termos de parentesco expressas em alemão, doravante emprega-se “em Al”.

justamente por terem em comum a colonização e, ainda, por haver a presença do alemão, porém com o diferencial de serem colonizadas por confissões religiosas distintas – católica e luterana. Diante disso, estabeleceu-se que Tunápolis será considerado ponto católico, e Cunha Porã, ponto luterano.

A partir do objetivo geral centrado na dimensão diarreligiosa, definem-se os seguintes **objetivos específicos**:

- 1) conferir a situação do alemão nos diferentes níveis socioculturais, segundo a dimensão diestrática;
- 2) observar, conforme a dimensão diageracional, como está a manutenção do alemão na geração mais nova e na geração mais velha;
- 3) apurar, a partir da dimensão diagenérica, qual a situação do alemão entre homens e mulheres;
- 4) verificar, de acordo com a dimensão dialingual, em que situação se encontra o emprego do alemão pelos indivíduos falantes de alemão como língua materna.

A influência da igreja na manutenção de variedades alemãs tem fundamentação em estudos sobre a história da imigração alemã ao Brasil, bem como em pesquisas com cunho religioso, educacional, antropológico e linguístico. Em Dreher (1999), constatamos que os imigrantes alemães possuíam uma forte bagagem religiosa e se distinguiam em dois grandes grupos: os de confessionalidade católica e os protestantes – estes, denominados futuramente, no Brasil, de luteranos ou evangélicos. Pesquisas como as de Dreher (1984, 1999, 2005), Jungblut (2000, 2011), Nadalin (2007), Rambo (1999), Ranzi (1996), Seyferth (1999), Werle (2002) e Wiese (2005) relatam histórias dos emigrantes quanto a suas formas de vida e seus contatos linguísticos. Prevaecem, nessas pesquisas, a temática sobre a ligação intrínseca entre igreja, escola e língua.

Na área linguística, há trabalhos realizados sobre a manutenção de variedades alemãs que indicam a influência da igreja nas pesquisas de Horst (2014) sobre a manutenção da variedade alemã westfaliano⁸ no Vale do Taquari (RS); de Altenhofen (1996, 2004, 2007, 2011), no seu projeto de pesquisa ALMA-H⁹; e, ligada a este projeto, a pesquisa de Meyer

⁸ Uma variedade mais baixo-alemã e mais desviante do *Hochdeutsch* (alemão padrão), também denominada pelos falantes no RS de “sapato de pau”, em função do calçado com o qual eram identificados os primeiros imigrantes dessa origem (HORST; KRUG, 2012, p. 369).

⁹ Atlas Linguístico-Contatual das minorias alemãs na bacia do Prata – *Hunsrückisch*.

(2009), sobre a variação da variedade alemã *Hunsrückisch*¹⁰ em 37¹¹ pontos localizados nos três estados do sul do Brasil, leste da Argentina e Paraguai; e também a pesquisa de Krug (2004) sobre identidade e comportamento linguístico na percepção de uma comunidade pluri-lingue alemão-italiano-portugues em Imigrantes/RS. Estes estudos demonstram que a igreja influencia na manutenção de variedades alemãs por ser um veículo de comunicação de fé.

As pesquisas de Kaufmann (1997) e Dück (2011), sobre a manutenção do alemão pelos menonitas, também indicam que a igreja exerce papel fundamental nessa preservação.

Altenhofen (2011), em seus estudos com o projeto ALMA-H, salienta que a presença de diferentes confissões religiosas, pontos católicos *versus* evangélicos/luteranos é uma variável que exerce influência nos processos de territorialização da variedade *Hunsrückisch*. O autor também se apoia na reflexão de Willems (1980) de que os imigrantes evangélicos luteranos tendem ao emprego maior da variedade alemão padrão e, assim, mantêm mais as variedades alemãs, conforme vemos neste comentário:

Essa tendência [de aceitação do português] é mais forte entre católicos do que entre protestantes. Para estes, a língua alemã é um símbolo religioso: é o idioma de Lutero. Os pais católicos não se opõem, em geral, ao uso do português, mesmo em família. (WILLEMS, 1980, p. 230).

Willems (1980) defende a ideia de que os católicos se adaptavam mais facilmente à cultura do novo país, pois para eles a língua não teria o mesmo peso que para os luteranos. Devido ao fato de ser o idioma de Lutero, a língua alemã é um veículo de expressão de fé; o resultado disso é uma maior manutenção dessa língua por este grupo, por empregá-la mais.

Nesse mesmo sentido, Ranzi (1996, p. 12) afirma que

[...] os alemães luteranos procuraram difundir entre o seu grupo a ideia de que a sua autoconsciência étnica era mais forte e legítima que a dos alemães católicos, pois – além de se contrapor à sociedade majoritária por uma série de traços de distintividade – eles contavam com a religião e todos os seus componentes básicos (língua litúrgica, hinos, sermão e livros) [...]

Meyer (2009), em sua pesquisa sobre a variação da variedade *Hunsrückisch* rio-grandense em contato com o português em 37 pontos localizados nos três estados do sul do Brasil, Argentina e Paraguai; Horst (2014), em seu estudo sobre variação e contatos linguísti-

¹⁰ *Hunsrückisch* é definido como uma coine de contato com o português derivada historicamente do contínuo dialetal de base francônio-renana e francônio-moselana do alemão como língua de imigração trazida ao Rio Grande do Sul a partir da primeira metade do séc. XIX (Altenhofen 2004a).

¹¹ A pesquisa de Meyer (2009) foi realizada com dados de 38 pontos, atualmente, o projeto ALMA-H possui 41 pontos de pesquisa.

cos da variedade Westfaliano rio-grandense no Vale do Taquari; e, também, Krug (2004) em sua pesquisa em Imigrantes/RS sobre identidade e comportamento linguístico, também apresentam os evangélicos luteranos como os que exercem maior influência na manutenção de variedades alemães;

Diante dos resultados das pesquisas ora expostas, partimos da **hipótese**, quanto ao resultado do objetivo geral, de que, pela dimensão diarreligiosa, a igreja exerce influência na manutenção de variedades alemães e os indivíduos da confessionalidade luterana possuem o maior grau de manutenção das mesmas.

Por outro lado, pela localização dos pontos de pesquisa – Tunápolis (católico)¹² e Cunha Porã (luterano) –, parte-se também da hipótese de que Tunápolis é o ponto que mais emprega os termos de parentesco sanguíneo e espiritual em alemão. O grau de manutenção do alemão se deve ao fato de Tunápolis ser um ponto menor e mais isolado, e não por influência religiosa. Conforme Thun (1996) e Altenhofen (2011), a variável grau de isolamento e de urbanização – que considera as vias de comunicação, a proximidade com grandes centros urbanos, a localização geográfica e as regiões fronteiriças – exerce uma grande influência na variação linguística, neste caso, variedades portuguesas em substituição a variedades alemãs. Além disso, ainda conforme Altenhofen (2011), a variável diversidade étnica também é relevante na manutenção de uma língua. Tunápolis, ainda, é predominantemente homogênea: 95% da população¹³ são de descendência alemã e 5% de outras etnias; além disso, 95% da população são seguidores da confessionalidade católica e 5% de outras confessionalidades¹⁴.

A hipótese do primeiro objetivo específico, o da dimensão diastrática, é a de que o grupo de entrevistados com menos formação escolar (Cb – classe socioculturalmente baixa) apresente o maior emprego de termos de parentesco sanguíneo, espiritual em Al. – é o que demonstram os resultados de pesquisas já realizadas por Horst (2011), Meyer (2009), Kaufmann (2014), Horst (2014). Horst (2011, p. 200) afirma, inclusive, que a escola contribui para que as variedades portuguesas se tornem cada vez mais presentes na fala dos indivíduos.

¹² Como se lerá nos itens 1.1.1 e 1.1.2, no primeiro capítulo desta pesquisa, Tunápolis faz divisa com a Argentina – mas não há qualquer via de contato –, com outros municípios pequenos e com predominância de descendentes alemães – possui somente uma rodovia de acesso pavimentada, a SC 493, e não há grandes indústrias. A cidade de Cunha Porã, ao contrário, localiza-se ao lado de uma via de transporte interurbano de alta velocidade, uma rodovia federal nomeada de BR 158 e também a BR 282 perpassa pelo município. Cunha Porã possui fronteiras com municípios maiores cuja população é de descendência alemã e/ou italiana, e conta com a presença de indústrias, como uma filial da Aurora.

¹³ Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=421875&search=santa-catarina|tunapolis>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

¹⁴ Idem.

De acordo com resultados de pesquisas de Horst (2011), Meyer (2009), Kaufmann (2014) e Horst (2014), a hipótese para o segundo objetivo específico, na dimensão diageracional, é a de que os informantes com mais de 55 anos (GII) expressem mais os termos de parentesco em Al., uma vez que ainda há mais falantes de variedades alemães nesta geração, portanto há mais possibilidades de contatos e a maioria possui uma proximidade geracional, ou seja, são da 3ª ou 4ª geração dos imigrantes, os quais possuíam mais fluência nas variedades alemães do que nas variedades portuguesas.

Pela dimensão diagenérica, terceiro objetivo específico, partimos da hipótese de que o homem (M) empregue mais os termos de parentesco em Al., pois, de acordo com Labov (2008, p. 146-147), a mulher (F) é mais sensível aos padrões de prestígio e se autocorrige nitidamente – também é o que indicam as pesquisas de Meyer (2009), Kaufmann (2014) e Horst (2014).

Quanto à dimensão dialingual, quarto objetivo específico, tem-se a hipótese de que o grau de manutenção do alemão nos termos de parentesco sanguíneo e espiritual pelos indivíduos se apresenta em um grau maior em relação ao grau de substituição pelo português. Essa hipótese apoia-se nas pesquisas de Horst (2011) sobre o emprego dos termos de parentesco nas variedades *Hunsrückisch* e *Westfälisch* no contexto plurilíngue de Colinas (RS). A autora esclarece que o emprego dos termos de parentesco sanguíneo pelos indivíduos ocorre de forma distinta nos diferentes grupos entrevistados, mas que de forma geral, somando todos os resultados, ocorre maior emprego das variedades alemãs.

Kaufmann (2014), na sua pesquisa sobre a influência do português no uso dos termos de parentesco sanguíneo por indivíduos falantes de *Hunsrückisch* em contextos plurilíngues¹⁵, também confirma, com os resultados nos diferentes grupos entrevistados, um grau maior no emprego de variedades alemãs em relação à substituição de variedades portuguesas.

Para atingir o objetivo da presente pesquisa, far-se-á uma coleta e análise de dados a partir da perspectiva da dialetologia pluridimensional e relacional de Thun (1996, 1998, 2005a, 2005b, 2009, 2010, 2012). Essa metodologia prevê o estudo de uma variação linguística (dimensão dialingual) com levantamento de dados a partir de entrevistas, através de aplicação de questionário (dimensão diarreferencial), leitura de texto e conversa livre (dimensão diafásica), com informantes de confessionalidades diferentes (dimensão diarreligiosa), locais distintos (dimensão diatópica), classes sociais baixas e altas (dimensão diastrática), faixas

¹⁵ Cerro Largo (RS) e Itapiranga (SC).

etárias variadas (dimensão diageracional) e gêneros diferentes (dimensão diagenérica). Todos os informantes possuem o alemão como língua materna em um contexto de contatos com a língua portuguesa.

Entrevistou-se um total de dezesseis informantes, divididos em grupos a partir de confessionalidades (católicos/Tunápolis e luteranos/Cunha Porã), faixa etária, formação e gênero. As entrevistas foram aplicadas entre setembro e outubro de 2015, em duplas – um homem e uma mulher –, pela categoria da classe social.

As ferramentas para a entrevista são um recorte do questionário do projeto Atlas das Línguas em Contato da Fronteira (ALCF), de Krug (2013), projeto aprovado pelo conselho de ética em pesquisa com seres humanos (CEP) da Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS) sob o parecer 702.162 e o número de identificação 20380713.2.0000.5564; a leitura de dois textos, um na variedade alemão local e outro na variedade alemão padrão, com termos de parentesco sanguíneo e espiritual, desenvolvido especialmente para esta pesquisa; e uma conversa livre semi dirigida sobre a temática lexical termos de parentesco sanguíneo e espiritual em alemão.

Optou-se pelo aspecto lexical termos de parentesco sanguíneo e espiritual na obtenção de dados pois, de acordo com Ghasarian (1996), o parentesco é a base da constituição de um indivíduo e, também, as relações de parentesco fundamentam as relações sociais e também importantes e sempre presentes na cultura alemã.

Os termos de parentesco sanguíneo são classificados, de acordo com Ghasarian (1996), em parentes primários – pai, mãe, filho, filha, irmão e irmã; parentes secundários, ligados por um intermediário – avô, avó, irmãos dos pais, sobrinhos e sobrinhas; e parentes terciários, ligados por dois intermediários – primos e primas.

A base das relações de parentesco foi adaptada ao aspecto religioso. Conforme instituído pela igreja no século VI, através do batismo, o indivíduo adquire um pai e uma mãe espiritual. Como o aspecto religioso é algo que acompanha os imigrantes alemães, conforme o histórico já arrolado, os termos de parentesco espiritual fazem parte da cultura dos falantes de variedade alemã. Conforme Horst e Krug (2012), os termos de parentesco espiritual são padrinho, madrinha, afilhado e afilhada; e serão esses os empregados nesta pesquisa.

O emprego de termos de parentesco por falantes de línguas minoritárias no Brasil já foi tema de pesquisas de Horst (2011) em Colinas/RS sobre o processo de lusitanização dos

teuto-brasileiros falantes das variedades *Hunsrückisch* e *Westfälisch*; de Kaufmann (2014), sobre o contato linguístico entre português e hunsriqueano em Cerro Largo/RS e Itapiranga/SC; e de Bortolloto (2015), sobre a manutenção e a substituição do *tailan*¹⁶ em Chapecó/SC e Pato Branco/PR. Os estudos de Horst (2011) e Kaufmann (2014) indicam que prevalece uma manutenção das línguas minoritárias na aplicação dos termos de parentesco, enquanto que a pesquisa de Bortolloto (2015) apresenta uma maior substituição do *tailan* pela língua majoritária.

A realização da presente pesquisa justifica-se por valorizar a cultura de línguas minoritárias, mais especialmente as variedades alemãs, além de contribuir para o levantamento de dados linguísticos, pois este trabalho faz parte do projeto do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense – ALCF-OC. A pesquisa fornecerá também dados empíricos sobre a manutenção de variedades alemãs por católicos e luteranos.

Além do ALCF-OC, existem outros projetos de pesquisa de ordem macrolinguística com o objetivo de mapear a realidade linguística, como o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS), o Atlas Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU), o Atlas Linguístico do Brasil (AliB) e o ALMA-H, mas nenhum deles contempla as cidades de Tunápolis ou de Cunha Porã.

O trabalho está dividido em quatro capítulos, posteriormente a esta introdução. O primeiro contextualiza a investigação descrevendo os pontos de pesquisa (Tunápolis e Cunha Porã), sua configuração linguística e religiosa. Também se apresentam as temáticas sobre a imigração alemã, religião e língua; os termos de parentesco sanguíneo e espiritual, focando sua história, suas funções sociais, as relações de parentesco e estas relações entre os alemães no Brasil.

O segundo capítulo, de fundamentação teórica, envolve os temas gerais da pesquisa divididos em subcapítulos. No primeiro subcapítulo, reflete-se sobre língua, dialeto e variedade linguística e também sobre língua materna, língua de imigração, língua minoritária e língua majoritária. Plurilinguismo/bilinguismo e contatos linguísticos é o segundo subcapítulo, que trata das questões de diglossia, *code-switching*, *code-mixing*, *mixed codes* e dos processos de substituição. Apresenta, ainda, as temáticas da territorialidade de uma língua, fatores de ma-

¹⁶ Variedade italiana formada a partir do contato de diferentes variedades linguísticas vindas do norte da Itália ao sul do Brasil, com predomínio do vêneto e do lombardo chamada de *italian* ou vêneto brasileiro (BORTOLLOTO, 2015).

nutrição e de substituição linguística e a teoria da dialetologia pluridimensional e relacional, especificando as dimensões e a pluridimensionalidade.

A metodologia de pesquisa é descrita no terceiro capítulo, que apresenta, primeiramente, a metodologia da pluridimensionalidade. O perfil e a seleção dos informantes descrevem-se no segundo subcapítulo, seguidos pela descrição do instrumento de coleta de dados, depois o processo da coleta de dados e, por último, a seleção e o tratamento dos dados.

Por fim, o quarto capítulo expõe a análise dos dados, que se apresenta em subcapítulos de acordo com os objetivos da pesquisa. Primeiramente, em forma de tabela, exibem-se as respostas individuais dos informantes e comentam-se as diferentes variantes apresentadas pelos informantes em cada variável. Sempre focando o objetivo geral da dimensão diarreligiosa, apresentam-se, nos cinco subcapítulos seguintes, os resultados em percentuais em forma de gráficos nos quatro espaços de duas cruces, uma católica e a outra luterana. Assim, há um subcapítulo para cada uma das dimensões estudadas: diastrática, diageracional, diagenérica e dialingual – com as respectivas cruces e as análises. Neste capítulo, ainda, expõem-se as considerações sobre a aplicação dos termos de parentesco em Al. na conversa livre e semidirigida e na leitura (dimensão diafásica).

Por último, relatam-se as considerações finais sobre todo o processo da pesquisa, bem como sobre os resultados finais obtidos.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Neste capítulo, descrevem-se os diferentes aspectos dos pontos de pesquisa como a sua localização, população, mobilidade, religiosidade e características linguísticas. Também as temáticas sobre a imigração alemã, religião e língua e sobre os termos de parentesco sanguíneo e espiritual discute-se neste item.

1.1 AS LOCALIDADES DE PESQUISA: TUNÁPOLIS E CUNHA PORÃ

Neste espaço, descreve-se a localização, a história, a realidade econômica, a configuração linguística, a situação religiosa, educacional e cultural dos pontos de pesquisa. Primeiramente, apresentam-se o mapa da localização e uma descrição histórica e econômica das duas localidades, separadamente.

Figura 1 – Mapa com a localização dos pontos de pesquisa, Tunápolis e Cunha Porã, em Santa Catarina



Fonte: adaptada de <<http://www.baixarmapas.com.br/mapa-da-regiao-sul/>>.

1.1.1 Tunápolis

Tunápolis possui atualmente 4.633¹⁷ habitantes, e se caracteriza pela descendência alemã, que representa em torno de 95% da população. O município era um distrito que pertencia a Porto Novo, atualmente Itapiranga. Sua colonização foi iniciada na década de 50, com as primeiras famílias alemãs – Bieger e Rauch – provindas do Rio Grande do Sul¹⁸. A colonização dessa região foi efetuada pela entidade filantrópica *Volksverein*¹⁹. Nos registros oficiais e nos textos informativos de divulgação da cidade, consta que a principal exigência da sociedade colonizadora era de que a pessoa interessada na compra de terras fosse de origem alemã e de religião católica. É possível supor que esse é o motivo da predominância da descendência alemã atualmente no município. A sua emancipação foi em 26 de abril de 1989.

A base econômica de Tunápolis consiste da agricultura e da pecuária, com produção de milho, feijão, fumo, soja, arroz, leite, suínos, frangos e bovinos de corte. Existem algumas pequenas fábricas, indústrias e estabelecimentos comerciais que atendem a demanda local²⁰.

O município de Tunápolis se localiza no extremo oeste de Santa Catarina e faz divisa com a Argentina através do rio Peperi-Guaçú. Mas não há contatos com argentinos, pois essa área de fronteira é coberta por mato e não há nenhuma via de ligação. Os acessos a Tunápolis são pela rodovia SC-493, única via asfáltica que termina na cidade. Os acessos a Itapiranga, São João do Oeste e Iporã do Oeste são por vias pavimentadas. Não há linhas de transporte público que interligam o município com outros, o transporte é com locomoção própria.

Conforme anotações no caderno de pesquisa de campo, ocorre uma mobilidade de pessoas entre os municípios vizinhos por questões de vínculos empregatícios. Moradores de Tunápolis se locomovem diariamente a Iporã do Oeste, Santa Helena, Belmonte, Descanso, São Miguel do Oeste, São João do Oeste ou Itapiranga para trabalhar; e o inverso também ocorre, profissionais desses municípios se dirigem a Tunápolis diariamente. Os estudantes possuem uma mobilidade maior ainda, pois se locomovem diariamente a Itapiranga ou a São Miguel do Oeste, onde frequentam a faculdade, ou, então, migram para cidades maiores em busca de formação.

¹⁷ Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=421875>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

¹⁸ Disponível em: <<http://tunapolis.sc.gov.br/turismo/>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

¹⁹ Sociedade da União Popular (SUP).

²⁰ Disponível em: <<http://www.tunapolis.sc.gov.br/municipio/index/codMapaItem/9392#.VZzdrF9Viko>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

Ainda de acordo com anotações no caderno de pesquisa de campo, a área urbana possui conexão telefônica e de internet, mas na área rural a conexão é parcial. Há uma estação de rádio, além do acesso a outras ondas, acesso a televisão e a circulação de jornais de outros municípios e estados.

1.1.2 Cunha Porã

A colonização de Cunha Porã iniciou em 1929²¹, com a chegada dos primeiros colonizadores. Nos registros oficiais, consta que em 1931 chegaram do Rio Grande do Sul Arthur Herbes e João Kolln. Vieram, ainda, Johann Georg Salfner e seu filho Georg Albert Salfner, de Hindeland, na Alemanha; e Guilherme Hochberger, também da Alemanha – a mando da companhia colonizadora Cia. Territorial Sul Brasil. O nome “Cunha Porã”- em português “menina bonita” - é de origem indígena e foi instituído pelo engenheiro Culmey.

Inicialmente, Cunha Porã pertencia ao município de Chapecó, assim como Palmitos. Com a emancipação de Palmitos, em 1953, o distrito de Cunha Porã foi transferido a esse novo município. Cunha Porã foi elevado a município em 1958. Atualmente, possui 10.613²² habitantes, com predominância de descendentes alemães, além de italianos, indígenas e outras etnias.

A principal economia do município é a do setor agrícola, e na agricultura se concentra a maior parte da população. As atividades principais são produção de leite, milho, soja, trigo, suinocultura, avicultura e há, também, reflorestamento, fruticultura e piscicultura. Na área urbana, há indústrias de confecção de vestuário, moveleiras, de beneficiamento de trigo e artesanato, além do comércio em geral. De grande relevância, para a economia do município, é a presença da fábrica de rações Aurora no município, uma das cinco maiores da América Latina.

De acordo com documentos oficiais, o município se localiza numa área central do extremo oeste de Santa Catarina, tem 30 localidades distribuídas pelo seu interior. Quanto aos municípios limítrofes: ao norte, Maravilha e Modelo; ao sul, Palmitos, Caibi, Cunhataí e Riqueza; a oeste, Iraceminha; e a leste, Saudades²³. Cunha Porã se localiza às margens da rodovia interestadual BR 158, via que liga Santa Catarina ao Rio Grande do Sul, ao Paraná e

²¹ Disponível em: <<http://www.cunhapora.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/12223#.VW1vCNJViko>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

²² Idem.

²³ Ibidem.

demais estados do Brasil. Também a rodovia BR 282 perpassa pelo município. Conforme anotações no caderno de pesquisa de campo, devido a essa localização, Cunha Porã é de fácil acesso por linhas de transporte público e ponto de parada para caminhoneiros.

Ainda de acordo com anotações no caderno de pesquisa de campo, a mobilidade de pessoas é caracterizada mais por viajantes e pessoas dos municípios vizinhos que possuem vínculo empregatício com a empresa Aurora. Poucos habitantes de Cunha Porã trabalham em outras cidades, pois o município oferece um bom mercado de trabalho; porém não possui uma universidade, os estudantes se deslocam a Chapecó ou a Maravilha ou a São Miguel do Oeste, diariamente, onde frequentam ensino superior – muitos jovens também migram para cidades maiores para estudar.

Também de conforme o caderno de campo, todo o município possui conexão telefônica e internet, além de haver meios de comunicação como rádio, televisão e jornais locais, regionais e de outros estados.

1.1.3 Configuração linguística dos pontos de pesquisa

As histórias de colonização dos pontos de pesquisa – Tunápolis e Cunha Porã – se assemelham: ambas foram colonizadas por alemães; mas diferem no aspecto religioso: enquanto Tunápolis foi negociada pela Sociedade União Popular, que vendia as terras somente a alemães católicos²⁴, a colonização de Cunha Porã foi gerenciada pelo engenheiro Carlos Culmey, diretor da Cia. Territorial Sul Brasil, que destinava as terras dessa região a alemães evangélicos luteranos²⁵.

Conforme Rambo (1999) a imigração alemã iniciou por Rio Grande do Sul e depois partiu-se para a colonização de áreas novas administradas por empresas com vínculo religioso. As primeiras colônias foram, então, denominadas de colônias velhas e as colonizadas por descendentes destes primeiros imigrantes foram batizadas de colônias novas.

Tunápolis e Cunha Porã podem ser consideradas “colônias novas”, conforme Werle (2002, p. 17), que afirma:

[...] o termo "novas colônias" era utilizado pelos antigos colonos para designar as colônias de descendentes de imigrantes europeus instaladas na região oeste catarinense no início do século 20, contrapondo-se à designação de "antigas

²⁴ Disponível em: <<http://tunapolis.sc.gov.br/turismo/>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

²⁵ Disponível em: <<http://www.cunhapora.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/12236#.VZzMel9Viko>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

colônias", que se refere às regiões nas quais os imigrantes europeus se instalaram no século XIX.

Altenhofen (2011), além de empregar os mesmos termos que Werle (2002), “colônias velhas” e “colônias novas”, também as define como colônias originais e de descendentes. Colônias velhas ou originais são as colônias nas quais se estabeleceram os primeiros imigrantes provindos da Alemanha, enquanto as colônias novas ou de descendentes são as formadas por pessoas descendentes das colônias velhas. Tunápolis e Cunha Porã são colônias novas ou de descendentes em Santa Catarina.

Pela história, conforme Jungblut (2011), os dois pontos de pesquisa foram colonizados por imigrantes alemães. Uma parte destes era formada por descendentes de alemães que vieram de colônias velhas do Rio Grande do Sul, alguns migraram do leste de Santa Catarina e outros imigraram diretamente da Alemanha e da Áustria²⁶. Devido a essa formação populacional, houve, já desde o início, uma heterogeneidade na fala desses colonizadores. De acordo com Horst (2011), todos possuíam uma variedade alemã como língua materna, porém já haviam realizado vários contatos e, por consequência, ocorreram interferências entre as línguas. Conforme Meyer (2009, p. 13),

A própria história da imigração remete a diferentes dialetos trazidos já da matriz de origem. Os imigrantes eram provenientes de diversas regiões da matriz de origem, distribuídas sequencialmente em três grandes áreas linguísticas: do baixo-, alto- e médio-alemão [...]. O fato é que a própria origem heterogênea dos imigrantes pressupõe, no contexto brasileiro, diferentes dialetos em contato. Assim, famílias oriundas de determinada área linguística da região onde hoje situa-se a Alemanha tiveram que conviver e interagir, no novo meio, com famílias provenientes de outras áreas dialetais, e, pelo menos teoricamente, também com falantes de português.

Portanto, os descendentes de alemães provindos do Rio Grande do Sul e do leste de Santa Catarina chegaram a Tunápolis e a Cunha Porã com um alemão com interferências de outras variedades alemãs, portuguesas, indígenas e italianas. Além disso, de acordo com Meyer (2009), quando da saída das primeiras levas de imigrantes da Alemanha, que desembarcaram no Rio Grande do Sul, entre 1824 e 1850, os ascendentes dos colonizadores de Tunápolis e Cunha Porã, não havia ainda na Alemanha uma unidade linguística padrão, tampouco a escrita estava difundida, o que favoreceu a difusão dos dialetos. Isto indica que os pioneiros não estavam escolarizados, pois são de um período em que a educação não estava muito desenvolvida na Alemanha. Portanto, esses colonizadores descendentes de alemães tinham o conhecimento da variedade oral do alemão, que foi repassada às gerações seguintes somente pela fala. Denota-se, então, também de acordo com Altenhofen (2011), que os

²⁶ Disponível em: <<http://www.cunhapora.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/12236#.VZzMel9Viko>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

providos de colônias velhas apresentavam uma variedade alemã somente na oralidade e com interferências de outras línguas.

De acordo com Jungblut (2011), Christ (2008) e Meincke (2011), os imigrantes que chegaram, a partir da segunda metade do século XIX, diretamente da Alemanha a Tunápolis e Cunha Porã eram escolarizados na língua alemã e possuíam alguma profissão na qual empregavam a variedade escrita e, devido a essa profissão, vinham até a colônia. É o caso de agrimensores, por exemplo, padres e pastores, médicos e outros profissionais.

Todos eram falantes de variedade alemã, mas com um histórico de contatos variados, conviviam juntos de forma isolada, nas áreas de colonização, em um país no qual a variedade portuguesa era a língua oficial. Conforme Rambo (1999), essas colonizações fundaram escolas e igrejas, nas quais as aulas, as missas e os cultos eram ministrados em variedade alemã, certamente a mais padrão, por ser a língua que dominavam e também pelos materiais religiosos e didáticos impressos estarem na variedade alemão padrão. O mesmo autor, relata também sobre as meditações e orações que eram realizadas nas famílias em suas casas a partir destes materiais.

Como foram duas áreas de missão religiosa – Tunápolis primeiramente dos jesuítas e depois dos católicos (JUNGBLUT, 2011) e Cunha Porã dos protestantes (MEINCKE, 2011) –, os materiais empregados nessas instituições eram em variedade alemã, provavelmente a mais padronizada, e as pessoas responsáveis pelo trabalho também provinham diretamente da Alemanha. Devido a isso, por alguns anos a variedade alemã propagou-se e manteve-se, pois conforme Dreher (1999) era ensinada nas escolas, nas regiões de colonização alemã, inclusive as crianças eram alfabetizadas na variedade alemão padrão. Também na igreja as crianças frequentavam a *Unterricht* (cataquese para os católicos e ensino confirmatório para os luteranos) onde predominava a variedade alemão padrão na qual elas tinham que escrever e saber oralmente as doutrinas cristãs.

Porém, com a Segunda Guerra Mundial, iniciou no Brasil o período da ditadura, com a proibição total da língua alemã, inclusive destruição de materiais escritos nessa língua, e o período da nacionalização do ensino, em 1973, no qual se estabeleceu o ensino e o emprego da variedade português padrão nas escolas. Conforme Jungblut (2011), como consequência, a língua alemã foi quase totalmente extinguida. Passada a fase de proibição e amenizado o período de nacionalização, os descendentes de alemães começaram timidamente a empregar as variedades alemães, mas quase que somente oralmente e a vivenciar a cultura alemã novamente.

Como resultado dessa história, cultiva-se atualmente a língua, denominada pelos próprios falantes de alemão, com interferências das variedades portuguesas e de outras variedades linguísticas com menos intensidade, como a italiana, a espanhola e a inglesa, nos dois pontos de pesquisa, Tunápolis e Cunha Porã.

Conforme anotações do caderno de campo, nos dois contextos é natural ouvir o alemão em qualquer ambiente, seja mais formalmente, como no banco, na prefeitura, na escola, em consulta médica, ou em ambientes mais informais, como rodas de conversação de amigos ou de famílias, bares, bailes, jogos de futebol. Tanto as gerações mais velhas como as gerações mais novas, inclusive crianças, adolescentes e jovens, empregam o alemão nos diferentes ambientes e situações. Mas é a variedade alemã oral e algumas pessoas acima de 65 anos, que foram alfabetizadas e frequentaram a *Unterricht* que possuem a habilidade da leitura e da escrita. O alemão somente é repassado oralmente de geração a geração.

Nos dois municípios, de acordo com o caderno de campo, há grupos de cantos corais, banda municipal e outros grupos musicais que entoam músicas em alemão e na variedade alemão padrão, mas mais frequentado por pessoas acima de 50 anos. Também nos pontos de pesquisa grupos de danças folclóricas alemãs e ocorrem também festas tradicionais como a *Musikantenfest*²⁷, em Tunápolis, e a *Kerbfest*²⁸, em Cunha Porã, nas quais o objetivo é cultivar a cultura alemã. Em Cunha Porã, em algumas comunidades da IECLB, são ministrados alguns cultos por ano na variedade alemão padrão.

Em Tunápolis, conforme documentos oficiais do município, as escolas municipais e uma escola estadual possuem no currículo a disciplina de Língua Estrangeira – Alemão, com ensino da variedade alemão padrão mas com metodologia de valorização do conhecimento de variedades alemãs. Neste ponto de pesquisa, há, inclusive, uma placa na entrada da cidade com a informação: “Língua Predominante: Alemã”.

Percebe-se, também nos dois pontos, uma circulação de literatura alemã como o *Paulus Blatt*²⁹ e o *Brasil Post*³⁰. As famílias possuem, ainda, materiais religiosos e outras literaturas na variedade alemão padrão. Nas bibliotecas públicas municipais e nas escolares, encontram-se acervos de literatura em língua alemã.

Muitos moradores mantêm contatos com os seus familiares na Alemanha. Outros, devido ao conhecimento da língua alemã, emigraram para a Alemanha, alguns voltaram e

²⁷ Festa dos músicos acontece a cada ano no mês de novembro.

²⁸ Festa em comemoração à fundação da paróquia da IECLB em Cunha Porã e da imigração alemã que ocorre anualmente em outubro.

²⁹ Revista com circulação mensal em língua alemã de cunho religioso católico.

³⁰ Revista com circulação mensal em língua alemã de cunho religioso luterano.

outros constituíram família naquele país, lá permanecendo. Assim, ocorrem atualmente contatos com alemães de forma escrita, através de carta e e-mails, e de forma oral, através de telefone e também recebendo visitas ou visitando aquele país.

Ainda conforme anotações do caderno de campo, além das variedades portuguesas e alemães, os tunapolitanos também realizam contatos com variedades italianas devido aos municípios fronteiriços – Santa Helena e Iporã do Oeste – serem áreas de emigração italiana. Eles possuem contatos com variedades inglesas, uma vez que há a disciplina no currículo escolar de todos os anos escolares, e com variedades espanholas, por também estar no currículo escolar no Ensino Médio e pelo município fazer divisa geográfica com a Argentina – devido aos habitantes viajarem à cidade de Bernardo de Irigoyen, na Argentina, para realizar compras.

Também os cunha-porenses realizam contatos com as variedades inglesas e espanholas na escola e com italianas em função dos municípios fronteiriços, como Iraceminha e Maravilha. Os falantes de Cunha Porã também possuem contatos com variedades indígenas, pois no município havia uma aldeia indígena e hoje ocorre um processo de implantação de uma reserva indígena.

1.1.4 Configuração religiosa dos pontos de pesquisa

Conforme pesquisa do IBGE³¹, em Tunápolis, 95% da população são de confissão católica e 5% de outras confessionalidades incluindo os luteranos; em Cunha Porã, 95% da população está dividida entre 50% de confissão católica, e 50%, de confissão luterana (IELB e IECLB) e os demais 5% são de outras confessionalidades.

Percebe-se que em Cunha Porã há uma maior consciência sobre a existência de outras denominações religiosas, por sempre haver a presença de três linhas marcantes (Católica, IELB e IECLB) e a população estar distribuída como membro entre essas três confessionalidades, além de outras com um número menor de adeptos. Inclusive, há um link específico no site da prefeitura informando a situação religiosa do município³². Já em Tunápolis predomina historicamente a católica conforme os dados do IBGE, 2010³³, nos documentos oficiais e, também conforme anotações no caderno de pesquisa de campo

³¹ Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=42&search=santa-catarina>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

³² Disponível em: <<http://www.cunhapora.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/12226#.VZ3bmF9Viko>>. Acesso em: 8 jul. 2015.

³³ Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=42&search=santa-catarina>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

Em Cunha Porã, prevalece a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), seguida em quantidade de membros pela Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), Igreja Batista Filadélfia (Batista Independente), Igreja Batista Pioneira, Assembleia de Deus e outras³⁴.

No site da prefeitura de Tunápolis, não há informação quanto à religião dos munícipes. Somente para contrastar os dados dos dois pontos, no site dos dados do IBGE³⁵ (2010), consta que em Tunápolis, de uma população de 4.633, 4.457 pessoas são de religião católica apostólica romana e 17 da religião evangélica luterana. De outra forma, quanto a Cunha Porã, no site do IBGE³⁶, consta que, de uma população de 10.613, 5.273 são evangélicos luteranos e 4.301 são católicos apostólicos romanos.

1.2 IMIGRAÇÃO ALEMÃ, RELIGIÃO E LÍNGUA

Para explicar sobre a relação entre imigração alemã, religião e língua, é necessário recorrer a historiadores, teólogos e antropólogos dentre outros profissionais. Não iremos nos aprofundar sobre fatos históricos, e sim mais sobre ações e realizações tanto dos imigrantes como do governo brasileiro e alemão em relação à religião e à língua.

Há pesquisas e trabalhos realizados sobre a temática imigração alemã ao Brasil e a vivência dos imigrantes na nova terra, sob os mais diferentes enfoques. Na leitura de historiadores que possuem um viés religioso, como Dreher (1999, 2005), Jungblut (2011), Müller (2001), Rambo (1999), Wachholz, Hoffmann e Schmidt (2013), percebemos que, nos grupos de imigrantes que aportavam, desde 1824, em diferentes locais no Brasil, havia a presença de pessoas de duas principais confessionalidades, católica e luterana. Dreher (1999, p. 234) afirma que “[...] o Brasil recebeu entre 1824 e 1945 cerca de 300.000 imigrantes alemães, além de suíços, luxemburgueses e alguns holandeses. Estima-se que 60% eram protestantes.” De acordo com o autor, os não católicos da época eram denominados de “protestantes”.

³⁴ Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=42&search=santa-catarina>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

³⁵ Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=421875&idtema=91&search=santa-catarina|tunapolis|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-religiao->>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

³⁶ Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=420470&idtema=91&search=santa-catarina|cunha-pora|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-religiao->>>. Acesso em: 2 jun. 2015.

Dreher (1999, p. 230) refere, ainda, que encontra dificuldade em usar um designativo para os cristãos não católicos no Brasil. O autor destaca que há dois, no máximo três, tipos de protestantes ou evangélicos no país. A dificuldade em determinar exatamente quem são os protestantes, luteranos e evangélicos é encontrada em outros teóricos, e também pelos atuais adeptos dessa confessionalidade. Para alguns, as três denominações são sinônimas; para outros, os protestantes são os luteranos e os evangélicos, dois grupos distintos. As três denominações estão relacionadas com acontecimentos, teorias e filosofias da história das religiões.

Na história cristã, conforme Dreher (1999), a primeira igreja e a que permaneceu por muitos anos como a única é a Católica Apostólica Romana. Em 1517, na Alemanha, o então seminarista católico alemão Martin Luther (Martin Lutero) se opôs à igreja católica em relação a questões de interpretação da Bíblia, fé e doutrinas impostas por ela. Lutero foi preso e, na prisão, realizou a primeira tradução da Bíblia, que até então estava em aramaico, grego, hebraico e latim, para a língua alemã. Este foi o ato maior de protesto de Lutero contra a igreja católica, pois deu ao povo acesso à leitura da Bíblia. O direito a educação e, principalmente, a alfabetização era também um princípio de Lutero. Seus protestos culminaram na fundação de uma nova igreja cristã, calcada nos princípios luteranos baseados nos evangelhos. Devido a suas oposições à igreja católica, seus adeptos foram denominados protestantes e luteranos.

Com o surgimento de novos pensadores, foram surgindo linhas teológicas que se baseavam nas teorias de Lutero. A partir disso, emergiram também novas igrejas com denominações diferenciadas na Alemanha. De acordo com Dreher (1999) e Portela (2006), os adeptos dessas variadas igrejas, mas com a base luterana em comum, imigraram ao Brasil.

Em 1903, de acordo com Dreher (2005), foi formada no Brasil a primeira Aliança Evangélica, futuramente seria a Confederação Evangélica do Brasil, que tinha por objetivo reunir os cristãos não católicos do Brasil. Através dessa Confederação Evangélica, os luteranos passaram a assumir a denominação de “evangélicos”.

Na época das imigrações, saíram também muitas imigrações do país então denominado Prússia, que, através de decreto do império à União Prussiana, em 1817, uniu todos os reformados e luteranos em uma Igreja Cristã Evangélica. As comunidades e seus adeptos passaram a ser designados evangélicos. Estes, ao se inteirarem da necessidade de assistência espiritual dos imigrantes alemães no Brasil, começaram a enviar pastores,

professores, diaconisas e materiais religiosos. Dreher (1999) relata que os primeiros imigrantes luteranos, no Brasil, organizaram sua própria vida religiosa e, entre 1824 e 1850, não houve cuidados da parte de instâncias eclesiásticas alemãs em relação aos imigrantes aqui no Brasil (p. 234). A assistência por parte da Prússia influenciou o emprego do termo “evangélico” no Brasil, de acordo com o autor.

Dreher (1999) expõe que, também devido à falta de apoio espiritual do governo brasileiro aos imigrantes alemães protestantes, uma linha luterana denominada *Missouri*³⁷ começou, em 1904, a enviar pastores dos Estados Unidos ao Brasil. Esta linha conquistou adeptos aqui no país.

Conforme Dreher (1999), constata-se cinco tipos de protestantismo no Brasil, caracterizados pelos períodos de entrada neste país. O *protestantismo de imigração* caracteriza os primeiros imigrantes que aportaram aqui em 1824 e originaram duas igrejas luteranas. Além destas, houve outros grupos menores de imigrantes, na época, que originaram algumas comunidades étnicas batistas e menonitas (anabatistas). Entre 1835 e 1859, instalou-se o *protestantismo de missão*, através de atividades missionárias de denominações protestantes dos Estados Unidos e América do Norte. Com isso, surgiram as denominações Igreja Evangélica Fluminense (Congregacional), Igreja Presbiteriana no Brasil, Igreja Metodista do Brasil, Igreja Batista e Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os outros três tipos de protestantismo, segundo Dreher (1999), são o *pentecostalismo*, o *neopentecostalismo* e a *transconfessionalidade luterana* – cada um com seus fundamentos históricos.

Após outras tentativas que não vingaram, criou-se em 1886, através de liderança leiga, o Sínodo Rio-Grandense, que envolveu as denominações do período do protestantismo de imigração e de missão. Em 1905, o exemplo foi seguido nas demais regiões do País, com a criação do Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e de outros estados. Já em 1911 e 1912, foram criados, respectivamente, a Associação de Comunidades Evangélicas de Santa Catarina e Paraná e o Sínodo Evangélico Brasil Central. Uma parte dos imigrantes reuniu-se, ainda em 1900, no distrito brasileiro do Sínodo Luterano Missouri. De acordo com Dreher (1999), dessas cinco pequenas igrejas luteranas resultaram as duas igrejas existentes, atualmente, no Brasil: a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

³⁷ *Missouri* se denominava a cidade nos Estados Unidos onde predominava um forte grupo de protestantes. No Brasil, os pastores provindos desta cidade foram caracterizados como adeptos de uma linha confessional luterana *Missouri*

Estas são as duas confessionalidades históricas luteranas que se encontram em Cunha Porã e em Tunápolis, além da católica e de outras denominações. Os adeptos da IECLB são normalmente denominados de evangélicos, e os da IELB, de luteranos. Porém, como o termo “evangélico” também denomina os evangélicos da linha pentecostal, as duas confessionalidades são caracterizadas como luteranas. Para diferenciar uma luterana da outra, os habitantes de Cunha Porã, onde há mais adeptos das duas denominações, as caracterizam em suas falas descrevendo a localização do templo da igreja, por exemplo: os luteranos da igreja da cidade alta são os da IECLB e os luteranos da igreja na praça são os da IELB. Outra diferenciação apresentada nas falas é a que refere que a IECLB compreende os luteranos provenientes diretamente da Alemanha, e a IELB, os vindos dos Estados Unidos.

Devido a toda essa questão arrolada, adotamos para esta pesquisa o termo “luterano” designando os adeptos de ambas as denominações, IELB e IECLB, e na escolha de informantes procuraremos selecionar quatro informantes de cada uma.

Dois aspectos são fundamentais para compreender o comportamento dos imigrantes luteranos no Brasil. O primeiro é a grande mudança implantada por seu fundador, Martin Lutero, ao traduzir a Bíblia para a língua alemã, e esta variedade empregada pelo tradutor se tornou a variedade alemão padrão adotada como a língua oficial da Alemanha na época e vigora até hoje. O ato da tradução, de acordo com Seyferth (1999), fez com que a língua alemã se tornasse a língua de fé dos luteranos. Além disso, muitos outros materiais como livros, panfletos, hinários, meditações com explicações das doutrinas luteranas foram elaboradas por Lutero na variedade alemão padrão. Esses materiais eram empregados nas escolas e nos cultos no Brasil. Atualmente, há nas igrejas luteranas brasileiras o emprego destes materiais na variedade alemão padrão, inclusive há *site* com textos e ocorrem celebrações e cultos nessa língua. Ocorrem também intercâmbios entre os adeptos da confessionalidade luterana no Brasil e na Alemanha. Para os imigrantes alemães luteranos, fé e língua alemã estão imbricados.

O segundo aspecto, intimamente interligado com a questão da tradução, de acordo com Wirth (1998), é a pregação de Lutero sobre o direito de alfabetização de todas as pessoas, independentemente de classe social ou gênero, para que tenham acesso ao conhecimento e ao discernimento. Esse pensamento é a fundamentação da preocupação dos imigrantes em relação à escola, pois as crianças necessitavam ser alfabetizadas e educadas na fé cristã luterana.

De acordo com Dreher (1999) e Rambo (1999) essa mentalidade e sua inserção no contexto brasileiro, no qual o governo não oferecia nenhuma assistência, estimularam os imigrantes de forma autônoma a se reunirem em comunidades e a construírem escolas e igrejas. A depender de circunstâncias históricas e políticas do governo alemão, este fornecia ajuda aos imigrantes, enviando pessoas formadas e materiais.

A preocupação em cultivar a fé, a língua e a cultura alemã está baseada na construção do *Deutschtum*, traduzido por Dreher (1984) e por Seyferth (1999) como “germanidade” que também os imigrantes alemães católicos possuíam. Nas primeiras levas, conforme Dreher (1999), o número de católicos era menor, mas posteriormente eles foram aumentando.

Ainda de acordo com o autor, a história da religião, desde o seu início, esteve unida com o Império – este era ainda o cenário mundial quando os imigrantes saíram da Europa e chegaram ao Brasil. Na nova pátria, conforme também Rambo (1999), encontraram um país declarado católico, onde somente os sacramentos católicos eram reconhecidos pelo Estado. Inclusive, até 1881, de acordo com a Lei Saraiva, somente os católicos podiam exercer função pública. Esta situação pressionou muitos imigrantes luteranos a adotarem a confessionalidade católica.

Conforme Seyferth (1999), assim como os luteranos, os católicos possuíam a inquietação quanto à religião e à educação nas doutrinas corretas da fé cristã católica. Porém, diferentemente dos luteranos, de acordo com Wiese (2005), para os católicos a língua alemã não continha sentido religioso, uma vez que estavam subordinados às doutrinas do clero de Roma. Para os católicos, o latim era a língua de expressão de fé. Muitos materiais empregados pela igreja católica, inclusive a missa, eram em latim de acordo com Rambo (1999). Também aos católicos, o governo alemão enviou padres e demais assistências espirituais. Mas, a língua alemã, para os católicos, era considerada um veículo de manutenção da fé e da religiosidade.

Outra diferença marcante entre católicos e luteranos apresentado por Willems (1940 *apud* HORST, 2011) é a de que os católicos se caracterizam pela devoção a santos, destacando-se as festas ao santo padroeiro da localidade e que não possui nenhuma referencia com a língua de origem do santo. Os luteranos, de outra forma, não possuem a devoção a santos, mas a sua ligação está com Martin Lutero que está intimamente ligado a língua alemã conforme arrolado anteriormente. Denota-se, então, que a língua alemã é a língua de Martin Lutero, portanto a língua dos luteranos.

Atualmente os luteranos, principalmente os adeptos a IECLB possuem ainda muitos contatos com esta igreja na Alemanha. São realizados intercâmbios entre ministros e estudantes de teologia, presbíteros e demais grupos entre os dois países. Além disso, as comunidades no Brasil recebem folders e materiais impressos em língua alemã e, inclusive, a IECLB, possui uma *homepage*³⁸ onde há publicações e meditações em língua alemã. Em muitas comunidades ainda ocorrem cultos e são entoados hinos, inclusive há corais, em língua alemã.

Muitas são as questões a serem explanadas sobre os imigrantes alemães no que tange à religião e à língua, mas, devido a critérios de delimitações do presente trabalho, finaliza-se este esboço com o pensamento de que, de acordo com os estudos, a língua alemã, para os imigrantes alemães, significava muito mais do que um meio de comunicação.

1.3 TERMOS DE PARENTESCO SANGUÍNEO E ESPIRITUAL

Esta pesquisa visa identificar o grau de manutenção do alemão pelos indivíduos das confessionalidades católica e luterana em Tunápolis e Cunha Porã, Santa Catarina. Para tanto, optou-se pela averiguação da quantidade de emprego das variáveis de termos de parentesco sanguíneo e espiritual em Al. por falantes de alemão e de portugueses.

A escolha pelo fenômeno linguístico lexical, considerando os termos de parentesco sanguíneo e espiritual, deve-se à grande relevância que a relação entre esses termos exerce na vida de cada indivíduo e na organização da sociedade. Os termos de parentesco possuem uma relação de dependência entre eles, que forma o grupo parentes e/ou, dependendo do grupo, também a denominada “família”. Quanto à importância dessa relação, Geckeler (1973, p. 44) compartilha a afirmação de Weisgerber e Grundzüge (1964, S. 64):

Es gibt eine in der Natur vorgezeichnete (oder uns mindestens so erscheinende) Ordnung, die für jedes höhere Lebewesen und ins besondere für den Menschen die Summe der Beziehungen umfaßt, die wir als Verwandtschaft herausheben. Man kann dieses System der natürlichen verwandtschaftlichen Beziehungen eines Menschen [sie sind für alle Menschen ‘objektiv’ gleich] in einem allgemein anwendbaren Schema veranschaulichen.³⁹

Apesar de, atualmente, já haver, nas famílias mais novas, estruturas variadas, tanto na Europa como no Brasil, estas ainda são comparadas com as estruturas mais históricas e os

³⁸ <http://www.luteranos.com.br/> Acesso em: 15 jan. 2016.

³⁹ “Existe uma ordem preestabelecida na natureza (ou ao menos para nós assim considerada) que atinge todas as relações de cada ser vivo superior, especialmente as do ser humano, que nós distinguimos como parentesco. Esse sistema natural de relações de parentesco (são para todas as pessoas ‘objetivamente’ iguais) de uma pessoa pode ser ilustrado em um esquema geral aplicável.”

termos ainda são aplicados mesmo diante da mudança da pessoa que desempenha o referido papel. Por exemplo, os termos e os papéis de pai e mãe existem, porém em algumas famílias, o avô ou a avó, o tio ou a tia, o irmão ou a irmã, padrasto ou madrasta exercem este papel. Legalmente, no Brasil, o indivíduo até ao mínimo 16 anos e ao máximo até 18 anos precisa de alguém que seja seu responsável, ou melhor, que seja seu pai ou mãe legal.

1.3.1 História dos termos de parentesco

Segundo Ghasarian (1996), a primeira relação de parentesco é a filiação matrilinear, ou seja, mãe-filho. Desde os primórdios existe esta relação, porém, à época, ocorria que, depois que o filho soubesse viver de forma independente, não se reconhecia mais essa relação.

O autor afirma que os sistemas de parentesco são exclusivamente humanos e seus fundamentos já existiam nos grupos primatas não humanóides. As estruturas eram diferentes do que são atualmente; eram baseadas no sexo e na idade: o homem mais velho possuía o domínio sobre o grupo em todos os sentidos, ele tinha, inclusive, o domínio sobre todas as mulheres.

Essas estruturas foram-se transformando de acordo com a evolução, as descobertas e as filosofias religiosas, culturais, econômicas e sociais. A mudança maior ocorreu com o aparecimento dos códigos linguísticos e dos sistemas simbólicos. “Graças à linguagem, o homem conseguiu combinar e complexificar a filiação (quem é filho de quem) e de aliança (quem procria com quem).” (GHASARIAN, 1996, p. 20).

Com o aparecimento da escrita, no final da época pré-histórica, a família entrou na história. Também de acordo com Ghasarian (1996), os primeiros dados reais sobre o parentesco remontam aos textos antigos: os escritos de *Konfusius*. Naquele período, as relações de parentesco começaram a ser nomeadas nos bandos de homínídeos e, com isso, iniciaram também as proibições entre as relações pai-filha, mãe-filho e irmão-irmã que até então aconteciam. Como não existiam as denominações, não havia como diferenciá-los. Lévi-Strauss (1982 [1949]) defende que com o estabelecimento das estruturas de parentesco e a proibição do incesto, surgiram as relações sociais através da exogamia.

Lévi-Strauss (1982 [1949]) define a formação de uma família nuclear a partir de três tipos de relações biológicas, denominadas por ele de átomo de parentesco: (1) relação de sexualidade (marido-mulher), (2) relação de descendência (pais e filhos) e (3) relação de fraternidade ou colateralidade (irmão-irmã). A partir dessas relações ocorre a rede de

parentesco, na qual os termos empregados partem sempre de uma base denominada *ego*⁴⁰. É a partir da relação dele com os demais indivíduos que se estabelecem os termos e os graus de parentesco. E, de acordo com Batalha (1995, p. 759), “Uma terminologia de parentesco é composta por termos e regras, com as quais os parentes se designam entre si.”

Ghasarian (1996) relata que, no direito romano, são considerados parentes os indivíduos até o quarto grau biológico a partir do *ego*. Entre os romanos, tal como entre os gregos, os ascendentes são designados por um termo específico até o sexto grau. Os que estão para além deste e não têm designação própria são chamados antepassados. Os descendentes são também designados precisamente até o quinquaneto; para além, são denominados posterioridade.

Segundo Batalha (2003), Lewis Henry Morgan (1818-1881), um dos primeiros estudiosos dos sistemas de parentesco, em 1870, dividiu-os em dois tipos: os descritivos, que separam os ascendentes e descendentes do ego dos seus parentes colaterais (primos, tios); e os classificatórios, que fundem, tanto os ascendentes como os descendentes do ego, como seus colaterais.

Ghasarian (1996) classifica os termos descritivos e classificatórios em termos de tratamento e de referência. Os de tratamento são os termos familiares, dados a um progenitor ou a um aliado com quem se fala: papai, mamãe, filho, filha, filhos, avó, avô; “possuem uma conotação afetiva e fazem parte integrante do comportamento codificado que uma sociedade requer de um indivíduo relativamente a este ou aquele parente” (GHASARIAN, 1996, p. 174). Os de referência designam um parente ou aliado de quem se fala, sendo utilizados quando o interlocutor se dirige a uma terceira pessoa.

O sistema de parentesco ocidental, de acordo com Ghasarian (1996), é organizado com base nas famílias conjugais ou nucleares e nos laços entre essas famílias. Os laços consanguíneos são divididos em parentes primários – pai, mãe, filho, filha, irmão e irmã; parentes secundários, ligados por um intermediário – avós, netos, irmãos dos pais, sobrinhos e sobrinhas; e parentes terciários, ligados por dois intermediários – primos, etc.

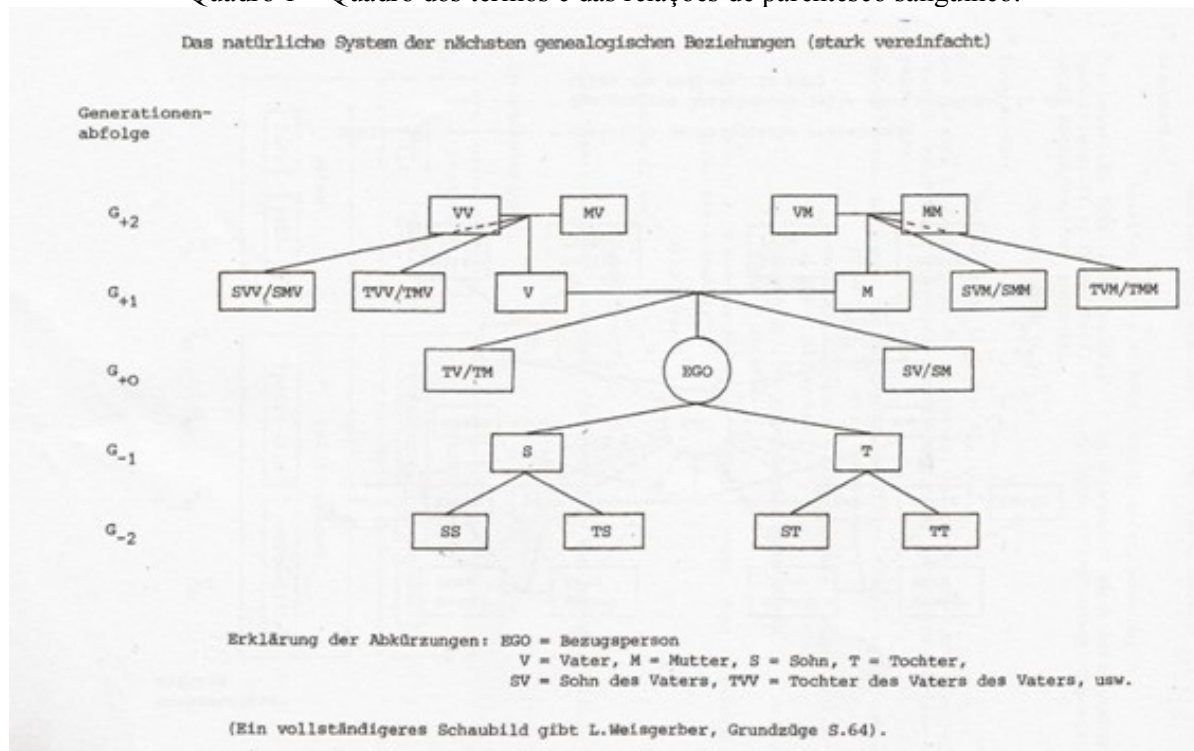
Também de acordo com Ghasarian (1996), pela relação de afinidade que se concretiza na relação de aliança, os adultos pertencem a duas famílias elementares: (1) família

⁴⁰No português, “eu”.

de orientação – na qualidade de filho ou filha e de irmão ou de irmã; e (2) família de procriação – na qualidade de cônjuge e de pai e de mãe.

Geckeler (1973) apresenta o seguinte quadro para ilustrar as relações de parentesco sanguíneo:

Quadro 1 – Quadro dos termos e das relações de parentesco sanguíneo.



Fonte: Geckeler (1973, p. 45).

O autor apresenta, a partir do ego (G+0), duas gerações de descendentes (G-1 e G-2) e duas gerações de ascendentes (G+1 e G+2), de forma classificatória, por exemplo, SS: *Sohn des Sohnes* (filho do filho) e TS: *Tochter des Sohnes* (filha do filho).

1.3.2 Funções sociais dos termos de parentesco e das relações de parentesco

Com a definição dos termos de parentesco, estabelecem-se também as relações de parentesco e, conseqüentemente, através da exogamia, constroem-se as relações sociais. De acordo com Ghasarian (1996), define-se quem são os “nós” – os da família – e os “eles” – os não pertencentes à família. As relações sociais estão baseadas nas relações de parentesco, segundo o mesmo autor; “a compreensão da organização social passa necessariamente pela compreensão das categorias de parentesco” (GHASARIAN, 1996, p. 09). E, ainda, “a organização do parentesco coincide com a organização social, econômica e política” e “uma pessoa sem parentes não tem posição social” (GHASARIAN, 1996, p. 11).

Batalha (2003) também defende essa ideia e cita Alfred Radcliffe-Brown (1913, 1950) para salientar a importância do parentesco como forma de estruturar a organização social. Segundo os autores, o parentesco fornece às pessoas um sistema de referências para que a cooperação entre elas possa acontecer de forma estruturada e regular, contribuindo assim para o equilíbrio do sistema social.

Além disso, os termos e as relações de parentesco possuem uma representação ainda maior, conforme Ghasarian (1996, p. 174):

Nascida da linguística, a análise componencial, frequentemente utilizada para estudar a nomenclatura do parentesco, testemunha justamente esse esforço para compreender a mensagem implícita dos termos de parentesco, procurando por exemplo o que nesse termo marca o respeito, a familiaridade, a consanguinidade em linha direta, o parentesco por aliança, a classificação dos colaterais entre os conjugues proibidos, etc.

A partir dessa afirmação e da de que, “em todas as sociedades humanas, os indivíduos recebem os primeiros elementos do seu estatuto e da sua identidade social através do parentesco” (GHASARIAN, 1996, p. 11), defende-se que é nessa constatação de relação que também ocorrem o aprendizado e a manifestação da fala na língua desse grupo de relação. Geralmente, as primeiras falas identificáveis de uma criança são um termo de parentesco, como, por exemplo, no português *papa/papai*, *mama/mamãe*. Nisto, observa-se a íntima relação sentimental entre a primeira língua e os termos de parentesco.

As relações de parentesco foram ampliadas para a vida religiosa. Conforme Ghasarian (1996), o parentesco espiritual foi instituído no século VI pela igreja, quando “definiu que os pais naturais não podiam ser pais espirituais” (GHASARIAN, 1996, p. 162). Os termos de parentesco se constituem a partir dos sacramentos instituídos pela igreja, tanto a católica como a luterana, a partir das suas concepções de fé. No sacramento do batismo, da eucaristia e do casamento, ocorre a instituição de padrinhos e madrinhas que assumem a responsabilidade, juntamente com a família sanguínea, de educar e acompanhar os crentes na sua vida de fé. Algumas confessionalidades se denominam de irmãos na fé e consideram Deus como pai. A partir dessas concepções, consideram-se termos de parentesco espiritual como padrinho, madrinha, afilhado, afilhada, compadre, comadre, irmão, irmã, pai. A igreja emprega o vocabulário do parentesco para se referir aos componentes simbólicos.

É uma relação de apadrinhamento, de irmão e de irmã de sangue que se dá voluntária e ritualmente. A instituição do apadrinhamento nasceu a partir do modelo de adoção romana e é típica do mundo mediterrâneo cristão e das sociedades latino-americanas. O homem e a

mulher, o pai e a mãe, o padrinho e a madrinha escolhidos pelos pais biológicos seguram a criança durante o batismo cristão. Eles denominam a criança de “afilhado” ou “afilhada”. Os pais naturais e biológicos estabelecem, assim, entre si uma relação de compadrio.

1.3.3 As relações de parentesco entre os descendentes de alemães no Brasil

Desde o início da imigração ao Brasil, os alemães valorizaram e mantiveram o seu núcleo elementar, a família e as relações de parentesco. Lima e Schallenger (2013, p. 65) apresentam essa temática e parafraseiam Diégues Junior (1980),

O grupo alemão permaneceu mais isolado, construindo colônias inteiramente germânicas. Conservaram os alemães os mesmos padrões de organização familiar de suas terras de origem: o casamento cedo, a permanência de um dos filhos, quando casa, com os pais, a coesão dos laços de parentesco entre descendentes e ascendentes. Em decorrência dessas influências, especialmente no campo, a organização familiar observou o regime “pater família” e os casamentos eram frequentemente marcados por suas raízes econômicas. Para evitar os desdobramentos, provocavam-se os casamentos endogâmicos, com a escolha dentro da própria família, sobretudo entre primos de primeiro grau.

Conforme Schallenger (2009), muitos elementos culturais alemães se reproduziram e outros emergiram no novo cenário. Ainda hoje, percebe-se nas comunidades de descendência alemã que a família é o núcleo social básico e a comunidade é o elemento complementar e de identificação. A preservação e a restauração dos costumes são cultivadas no seio da família e, depois, estendidas para a comunidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo arrolam-se os principais conceitos linguísticos inerentes a esta pesquisa. Apresentam-se definições de língua, dialeto e variedades linguísticas, bem como, as de língua materna, língua de imigração, língua minoritária e língua majoritária. Relevantes também são as temáticas sobre plurilinguismo/bilinguismo e contatos linguísticos.

2.1 LÍNGUA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: DEFININDO NOÇÕES E CONCEITOS

O objetivo deste estudo é averiguar o grau de manutenção de alemão por falantes dessa língua pertencentes às confessionalidades católica e luterana em contextos plurilíngues – variedades alemãs e variedades portuguesas. Em um contexto plurilíngue, ocorre uma variação linguística entre as diferentes línguas devido às interferências de uma língua na outra, provocada pela interação entre os falantes, e entre as línguas em um único indivíduo.

Labov (2008) afirma que a variação é inerente à língua por ela ser um sistema heterogêneo. O autor defende, também, que a língua é um fato social e que, se alterado o contexto social, ela também sofre alteração. Segundo Labov (2008), a heterogeneidade da língua é organizada e sua variação é sistematizada, pois, apesar das variações e das diversidades linguísticas, os indivíduos de uma comunidade de fala⁴¹ se entendem.

Por ser a língua um fato social, de acordo com Labov (2008), o processo de desempenho de uma variação deve ser observado através de um estudo sociolinguístico. Uma variação pode ocorrer internamente em uma única língua ou pode ocorrer entre duas ou mais línguas. As variações fazem parte de um *continuum* linguístico. A seguir, detalharemos conceitos e aspectos que envolvem a variação.

2.1.1 Língua, dialeto e variedade linguística

Os termos “língua”, “dialeto” e “variedade” possuem diferentes significados no seu emprego no dia a dia, dependendo do contexto e dos interlocutores.

Um aspecto muito discutido é a distinção entre língua e dialeto, principalmente se o dialeto é ou não é uma língua. De acordo com Pertille (2009) e Altenhofen (2011), por muitos, tanto estudiosos como os próprios falantes, o dialeto é considerado uma língua não padrão, julgado como errado, feio e subordinado a uma língua padrão. Em geral, ele é visto como um subsistema unitário falado em uma área geográfica em uma determinada

⁴¹ “Uma comunidade de fala é um grupo de falantes que compartilham um conjunto de atitudes sociais frente à língua.” (LABOV, 2008, p. 287).

comunidade linguística e não reconhecido pelo Estado. Língua, por outro lado, é definida como aquela reconhecida pelo Estado, a língua padrão, a considerada correta, e, por isso, definida como língua majoritária que goza de prestígio e tem tradição cultural e literária.

Porém, pelo viés linguístico, não há diferença sistêmica entre língua e dialeto. Pois, se o dialeto está subordinado a uma língua da qual é uma variação, então ele funciona sistematicamente igual à língua padrão. Coseriu (1982, p. 10-11) afirma que,

[...] entre dialecto y lengua no hay diferencia de naturaleza o ‘sustancial’. Intrínsecamente, un dialecto es simplemente una lengua: um sistema fônico, gramatical y léxico. [...] Así, pues, en sentido ‘objetivo’ [...], el término dialecto [...] no significa otra cosa que el término lengua⁴².

Nos estudos dialetológicos, a partir de Coseriu (1982), o termo “língua” designa a língua histórica, no sentido de idioma. Seus próprios falantes e os falantes de outras línguas a reconhecem como tal. A língua histórica é constituída por um conjunto de modos diferentes de falar intercompreensíveis, designados “dialetos”. Esse conceito de língua é empregado por Coseriu (1982, p. 11), quando afirma que, “si todo ‘dialecto’ es una lengua, no toda ‘lengua’ es un dialecto”⁴³.

Portanto, a diferença entre língua e dialeto é seu *status* social, político e histórico. Diante disso, cada dialeto é uma variedade integrante de uma língua histórica. E como, do ponto de vista sistêmico, não há diferenças entre língua e dialeto, pois ambos possuem uma gramática, com léxico e sistema fonológico, o dialeto é uma língua.

Tarallo (2007, p. 19) define a língua como “um veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social”. As situações naturais podem ser variáveis de acordo com o contexto da interação social. Os diferentes contextos originam diferentes variedades linguísticas.

A afirmação de Coseriu (1982, p. 16) “nadie habla ‘el español’ [...] lo que se habla es siempre alguna forma determinada del español”⁴⁴ nos faz pensar que nenhum indivíduo fala “o português”, “o alemão”, “o italiano”. Também, de acordo com Altenhofen (2011), o que se fala é sempre alguma forma determinada do português, do alemão, do italiano e de qualquer língua, e existem variedades dentro de uma mesma língua.

⁴² Entre dialeto e língua não há diferença na natureza ou “substancial”. Intrínsecamente, um dialeto é simplesmente uma língua: um sistema fônico, gramatical e lexical. (...) Assim, pois, no sentido “objetivo” [...], o termo dialeto [...] não significa outra coisa que o termo língua (COSERIU, 1982, p. 10-11). (Tradução da autora).

⁴³ Se todo o dialeto é uma língua, nem toda língua é um dialeto (COSERIU, 1982, p. 11). (Tradução da autora)

⁴⁴ Ninguém fala o espanhol (...) o que se fala sempre é alguma forma determinada do espanhol (COSERIU, 1982, p. 16). (Tradução da autora).

Labov (2008, p. 243) emprega o conceito de “alternância de estilo” ao defender que

[...] não existe falante de estilo único. Alguns informantes exibem um espectro de alternância estilística mais amplo que outros, mas todo falante que encontramos exibe alternância de algumas variáveis linguísticas à medida que mudam o contexto social e o tópico.

O aspecto maior de influências na construção de variedades de uma mesma língua são os contatos que se realizam com outras línguas. É o caso que ocorre nas comunidades com histórico de imigrações em vários países e, especificamente no Brasil, com variadas imigrações de diferentes países. Nessas realidades, as variedades são vistas sob o aspecto dos contatos entre as línguas que convivem na mesma comunidade e no mesmo indivíduo.

A partir desses contextos, Fishman (1967), ao explicar sobre bilinguismo e diglossia⁴⁵, defende que há sociedades que são multilíngues, não só por que há línguas de sistemas diferentes, mas por empregar diferentes variedades de línguas funcionalmente diferentes. Ferguson (1974) também discute a definição de diglossia a partir da presença de uma ou mais variantes⁴⁶ de uma mesma língua.

O estudo de Heye (2006) é um exemplo de investigações feitas em contextos de imigração alemã (Pomerode, SC) e italiana (Rio dos Cedros, SC), traz o conceito de “variedade alta” e “variedade baixa”. Ele classifica, por exemplo, o alemão padrão empregado em Pomerode como variedade alta; e como variedade baixa aquela língua que se manifesta de acordo com a origem dos descendentes dos imigrantes alemães, no caso específico de Pomerode, de *Hunsrückisch* e *Platt*⁴⁷ (HEYE, 2006, p. 70).

Outro exemplo é a pesquisa sobre as línguas e as variedades em contato na bacia do Prata de Altenhofen (2011). No seu trabalho, Altenhofen (2011) classifica a variedade principal em estudo de *Hunsrückisch*, devido a suas semelhanças com o dialeto alemão falado na região denominada *Hunsrück*, na Alemanha. Altenhofen (2013, p. 24) afirma inclusive que “não pode mais restringir-se à *língua* como conceito abstrato e geral, mas sim abarcar a *variedade* como realização concreta da língua, em determinada situação”.

Diante do exposto, aponta-se que o que denominamos “dialeto” também é uma língua, por possuir um sistema linguístico realizável. E a forma como se emprega determinada língua depende da situação em que se encontra o falante no momento da comunicação, por isso sempre se realiza uma variedade de uma língua. Portanto, não há uma língua superior a outra; o que existe são as variedades de língua.

⁴⁵ Estes conceitos serão discutidos no item 2.2 e 2.2.1 nas páginas 45 e 48 do presente trabalho.

⁴⁶ “Variante” é equivalente a “variedade” (Ferguson (1974).

⁴⁷ Conforme Heye (2006), *Platt*, também denominada de *Plattdeutsch* e de *Niederdeutsch*, se refere ao conjunto de dialetos do norte da Alemanha desde a fronteira da Holanda até a Polônia atual.

2.1.2 Língua materna, língua de imigração, língua minoritária e língua majoritária

O conceito de “língua materna” possui diferentes interpretações por diferentes teóricos. Romaine (1995) afirma que, num sentido técnico, os linguistas definem “língua materna” como a primeira língua aprendida ou a língua primária de um indivíduo. Conforme Altenhofen (2002) há o emprego de termos como “primeira língua”, “segunda língua” ou “língua da comunidade”. Há aqueles que se referem à língua materna como aquela que “melhor sabemos”; outros a tomam como a primeira língua aprendida no lar. Historicamente, ela tem sido definida como a língua nacional.

Diante dessa polissemia de sentidos, Altenhofen (2002, p. 159) apresenta a seguinte definição para língua materna:

[...] como um conceito dinâmico que varia conforme um conjunto de traços relevantes que engloba, em uma situação normal, válida para um determinado momento da vida do falante, a) a primeira língua aprendida pelo falante, b) em alguns casos, simultaneamente com outra língua, com a qual c) compartilha usos e funções específicas, d) apresentando-se porém geralmente como a língua dominante, e) fortemente identificada com a língua da mãe e do pai, por isso, f) provida de um valor efetivo próprio.

Conforme o pesquisador, a língua materna varia no indivíduo, dependendo da sua realidade, e pode ser mais que uma. Além disso, cada indivíduo conceitua qual é a sua língua materna em determinada situação. E, ainda, conforme Altenhofen (2002) afirmar qual a sua língua materna é uma questão individual baseado nos aspectos citados acima.

Skutnabb-Kangas (1988) também apresenta uma definição dinâmica de “língua materna”, ao reunir critérios de verificação para a sua identificação. A autora observa fatores como a) ordem de aprendizagem; b) usos e funções; c) grau de proficiência; d) identidade; e) afetividade.

No Brasil, em contextos de colonização por imigrantes, onde se desenvolveu uma realidade plurilíngue, a maioria dos indivíduos considera a sua língua materna como aquela que aprendeu em casa com os pais. Essa língua materna é aquela trazida pelos imigrantes. E, por ser a língua materna aquela que aprendeu em casa com os pais e, portanto, carregada de afetividade, os indivíduos a valorizam e procuram mantê-la viva. Esse é um dos motivos pelos quais existem no Brasil as denominadas “línguas de imigração”, que são as línguas trazidas pelos imigrantes. Altenhofen e Margotti (2011, p. 2) definem “línguas de imigração” aquelas originárias de fora do País, as alóctones e que, no novo meio, compartilham o *status* de

línguas minoritárias – uma vez que, nesse novo meio, existe outra língua denominada majoritária.

De acordo com Altenhofen (2013, p. 23), existem no Brasil em torno de 330 línguas: 274 são línguas autóctones, as línguas indígenas, e 56 são línguas alóctones, as línguas faladas em comunidades de descendentes de imigrantes. Como línguas de imigração há no Brasil variedades alemãs, italianas, japonesas, árabes, polonesas, húngaras e, atualmente, as haitianas. De certa forma, conforme Altenhofen e Margotti (2011), pode-se considerar as variedades portuguesas como línguas de imigração, pois os portugueses foram os primeiros a chegar ao Brasil. Pelos registros históricos, os indígenas são os únicos habitantes nativos do Brasil.

2.2 PLURILINGUISMO/BILINGUISMO E CONTATOS LINGUÍSTICOS

Diante do exposto anteriormente sobre a variedade de línguas que existem no Brasil, constatamos ainda, que no Brasil, na maioria dos casos, as línguas de imigração, desde o início da história de imigração conviveram com as línguas autóctones. Formaram-se, assim, espaços plurilíngues⁴⁸. No início da colonização, ocorria uma separação por espaço geográfico entre os imigrantes alemães e italianos, por exemplo, e, em alguns casos, separados por afinidade religiosa. Pesquisas históricas, como a de Dreher (1999 e 2005) e de Rambo (1999), relatam também que os grupos de imigrantes ficaram isolados e sem assistência pelo governo brasileiro. Os próprios imigrantes construíram suas escolas e igrejas e alfabetizaram as crianças nas suas línguas de origem. Isto prevaleceu à fortificação da sua língua de origem, neste caso o alemão.

Mas, por questões sociais e econômicas, os grupos necessitavam realizar contatos. Naturalmente, que nestes contatos empregava-se a língua e, assim ocorreram os contatos linguísticos. As relações se intensificavam e os contatos aumentavam resultando disto uma comunidade plurilíngue e um indivíduo plurilíngue, conforme Altenhofen 2013, porém cada uma mantendo as suas características originais.

Onde há contatos linguísticos há a presença, em maior ou menor grau, de plurilinguismo que é a habilidade de uso de mais de uma língua. Para descrever o fenômeno plurilinguismo, parte-se das teorias sobre bilinguismo, uma vez que este conceito não se

⁴⁸Considerando todos os denominados dialetos e variedades como língua.

limita ao conhecimento somente de duas línguas. Conforme Salgado e Dias (2010), bilinguismo é uma situação humana comum que possibilita ao indivíduo operar em mais de uma língua, em diferentes níveis. Assim, as autoras resumem o conceito bilinguismo, de forma ampla e inclusiva, como “*mais de uma*” (p. 146).

Na conceitualização sobre bilinguismo há diferentes enfoques. Há teóricos que afirmam que ser bilíngue é dominar todas as habilidades – ouvir, falar, escrever e ler – em todas as línguas e não misturá-las, ou seja, praticamente, empregá-las com a mesma fluência que um nativo. Outros defendem que o fato de manter um ato comunicativo nas línguas já caracteriza um bilíngue. Outros ainda apresentam um bilíngue passivo em que o indivíduo domina uma língua nas quatro habilidades, mas as outras ele somente compreende pela audição, ou seja, não a fala nem a escreve ou lê.

Para McCleary (2007), a definição de “bilinguismo” é bem ampla. Para ele,

[...] um indivíduo bilíngue é qualquer pessoa que use mais de uma língua para se comunicar, mesmo minimamente. Dessa forma, poderíamos dizer que existem graus de bilingüismo individual. Num extremo, estão os bilíngües equilibrados, fluentes nas duas línguas; no outro extremo os bilíngües precários, que sabem falar algumas palavras e expressões suficientes para se fazer entender, e os semibilíngües, que compreendem (ou que lêem) uma segunda língua, mas que não conseguem falá-la. E existem muitos outros tipos entre os extremos. (McCLEARY, 2007, p. 28).

Na mesma linha está Mackey (1972), que parafraseia uma definição do fenômeno bilinguismo apresentada pelo dicionário: bilinguismo é a qualidade de um sujeito ou de uma população que comumente emprega duas línguas, sem aptidão marcada para uma ou outra. O autor também cita Bloomfield (1933), que considera o bilinguismo o controle nativo de duas línguas. Este conceito, conforme Mackey (1972), foi ampliado por Haugen (1953), com o acréscimo de que o indivíduo bilíngue possui habilidades para produzir significativas produções completas em outra língua. Esta habilidade passou-se a compreender mais tarde como um conhecimento passivo na escrita de uma língua. O teórico conclui que qualquer contato em outra língua possibilita a interação com modelos na segunda língua e com a habilidade de empregá-la no desenvolvimento da sua língua nativa. Bilinguismo é, portanto, para Mackey (1972), empregar duas ou mais línguas sem delimitação de grau de conhecimento de cada uma. Assim, afirma também que bilinguismo não é um fenômeno da linguagem, mas uma característica de uso, pois a língua é propriedade do grupo e o bilinguismo é do indivíduo.

Com o mesmo princípio de Mackey (1972), Heye (2003) destaca que não se pode considerar bilíngues apenas aquelas pessoas que possuem domínio total, igual a um nativo,

em duas línguas. É preciso considerar todos que, de uma forma ou outra, dominam alguma das habilidades (ler, escrever, escutar e falar) em outra língua. Assim, Heye (2003) propôs uma distinção entre bilinguismo e bilingualidade: bilinguismo é “a situação em que duas línguas coexistem como meio de comunicação em espaços sociais determinados” (p. 233), ao passo que bilingualidade “é definida como os diferentes estágios distintos de bilingualismo, pelos quais os indivíduos, portadores de condição de bilíngue, passam na sua trajetória de vida” (p. 233). Portanto, encontramos diferentes graus de bilingualidade, a depender do nível de domínio da segunda língua que o indivíduo possui, da situação bilíngue, do contexto linguístico.

Salgado (2008, p. 8) acrescenta que

[...] um mesmo indivíduo apresenta diferentes graus de bilingualidade em diferentes contextos sociais. Da mesma forma, comprovamos que em um mesmo contexto social, um mesmo indivíduo pode apresentar diferentes graus de bilingualidade, dependendo do estágio de vida em que se encontra.

Ampliando o fenômeno bilinguismo, Salgado e Dias (2010) afirmam que, do ponto de vista sociopolítico, bilinguismo envolve “línguas em contato”. Para elas, bilinguismo é um fenômeno performativo que depende do uso que o indivíduo faz dessas línguas.

Grosjean (1982) também apresenta uma definição de bilinguismo pela sua função: ser bilíngue é o uso regular de duas línguas por uma pessoa. Mas também a fluência nas línguas pode variar, e seu domínio depende das quatro habilidades linguísticas – falar, ler, escrever e ouvir –, do conteúdo da conversação e dos interlocutores. Conforme Grosjean (1982), o emprego de uma língua pelo bilíngue é determinado pela sua necessidade. Se uma habilidade não é empregada, ela não é desenvolvida.

A habilidade de uso simultâneo de duas ou mais línguas causa mudanças nos diversos sistemas linguísticos participantes. Riehl (2009) define “línguas em contato” como a influência recíproca de duas ou mais línguas. A autora defende também que as influências podem ser de dois diferentes tipos: quando a primeira língua influencia na segunda no momento da aprendizagem da segunda língua, e quando a segunda língua influencia na primeira língua – este último tipo de influência ocorre mais em comunidades plurilíngues.

Appel e Muysken (1992, p. 1) apresentam dois tipos de bilinguismo: o *individual*, que se refere a um único falante; e o *societal*, quando se refere a toda a comunidade bilíngue. Assim, qualquer tipo de contato linguístico apresenta mudanças individuais e na comunidade.

Weinreich, (1970 [1953]), tratou a questão por uma visão psicolinguística (individual) e por uma visão sociolinguística (comunidade). Para Weinreich (1970 [1953], p. 1) “[...] two or more languages will be said to be in contact if they are used alternately by the same persons. The language-using individuals are thus the locus of the contact.”⁴⁹ Portanto, pela psicolinguística, é no indivíduo multilíngue que ocorre o contato linguístico e, assim, o multilinguismo antecede o contato linguístico. Pela sociolinguística, ocorre o contrário: um contato linguístico existente entre grupos de línguas diferentes durante um período maior pode levar ao bi- ou multilinguismo, pressupondo que um grupo ou pelo menos alguns integrantes de um grupo aprendam a língua do outro grupo.

A diferença entre as duas perspectivas consiste na aceitação de diferentes reações em diferentes direções entre os fatores do contato linguístico e do multilinguismo. Steffen (2006, p. 42) apresenta a seguinte representação:

- 1) Indivíduo + multilinguismo → contato linguístico
- 2) Indivíduo + contato linguístico → multilinguismo

Em contextos de imigrações, percebe-se que ocorre uma interdependência entre os fenômenos, ou seja, na situação 2, o contato entre indivíduos de diferentes línguas leva ao contato linguístico de um indivíduo multilíngue do fenômeno 1.

Riehl (2009) salienta que os contatos linguísticos não ocorrem somente entre línguas, mas também entre as diferentes variedades de uma língua. Portanto, “contato linguístico sempre existe onde duas línguas ou variedades de uma língua se embatem, podendo esta situação acontecer na mente de um falante plurilíngue ou então em comunidades plurilíngues” (RIEHL, 2009, p. 12). Assim, um monolíngue se transforma em bilíngue e multilíngue através dos contatos linguísticos que realiza no contexto em que vive.

2.2.1 Diglossia

A presença de variedades de uma mesma língua e de bilinguismo em um contexto implica a ocorrência da diglossia. Este conceito foi elaborado por Ferguson (1974) para definir a presença de uma ou mais variantes⁵⁰ de uma mesma língua em diferentes condições e situações em muitas comunidades linguísticas. Uma variante, conforme Ferguson (1974), é o

⁴⁹ “[...] duas ou mais línguas são consideradas em contato se elas forem usadas alternadamente pelas mesmas pessoas. Os indivíduos que empregam as línguas são, portanto, o local do contato.” (WEINREICH, 1970 [1953], p. 1). (Tradução da autora).

⁵⁰ Em Ferguson (1974), o termo “variante” é o equivalente a “variedade”.

diferente da língua falada em um determinado local comparado com a de outro local. Assim, diglossia é uma situação linguística relativamente estável na qual, além dos dialetos⁵¹ principais da língua (padrão ou padrões regionais), há uma variedade superposta, muito divergente, altamente codificada e que possui muita literatura de um período anterior ou de outra comunidade linguística, aprendida pela educação formal e usada na escrita e fala formais, e não é usada por nenhum setor da comunidade na conversação usual.

Fishman (1967) inclui também casos de diglossia em sociedades nas quais há o emprego de duas línguas em situações distintas e diferenciadas. Neste aspecto, incluem-se as noções de bilinguismo, pois o autor classifica o bilinguismo como estável quando há a preservação de dois códigos linguísticos, um majoritário e outro minoritário. Mas, para Fishman (1967), diglossia e bilinguismo se diferenciam, uma vez que, para ele, bilinguismo é o uso de duas línguas por uma mesma pessoa, o bilinguismo individual, ou pelo mesmo grupo, o bilinguismo social. A diglossia, por sua vez, é a superposição de uma língua sobre a outra em determinadas funções sociais.

Nestas situações de diglossia e bilinguismo, Fishman (1967) distingue quatro tipos de comunidades de fala:

- a) com bilinguismo e com diglossia: uma comunidade bilíngue na qual são empregadas duas línguas em domínios separados, como, por exemplo, o espanhol e o guarani no Paraguai;
- b) com diglossia e sem bilinguismo: duas comunidades monolíngues unidas, como, por exemplo, as áreas francófonas do Canadá;
- c) com bilinguismo e sem diglossia: uma comunidade na qual ambas as línguas são empregadas em todos os contextos e podem competir em todos os contextos, como, por exemplo, o catalão e o espanhol na Espanha;
- d) sem bilinguismo e sem diglossia: são comunidades monolíngues, praticamente irreais.

Para o mesmo autor, as comunidades bilíngues com diglossia possuem as funções de cada língua definidas, mas nas bilíngues sem diglossia isso não ocorre e, conseqüentemente, uma pode assumir o lugar da outra, provocando o desaparecimento de uma delas.

2.2.2 *Code-switching, code-mixing e mixed codes*

Em contextos e em indivíduos plurilíngues, é natural observar em uma conversa a transição de uma língua a outra. De acordo com King e Mackey (2007), essas interferências são classificadas em *code-mixing* e *code-switching*. *Code-mixing* ocorre quando, em uma

⁵¹ Os dialetos também entendidos como variedades.

frase, há a presença de várias línguas devido à falta de conhecimento de todos os termos em uma mesma língua. É como um empréstimo de línguas. Conforme Mackey (1972) esse fenômeno desaparece à medida que o indivíduo adquire mais conhecimento de cada língua. De uma forma mais ampla, de acordo com o mesmo autor, o *code-switching* acontece quando o indivíduo possui mais conhecimento em duas línguas e realiza uma comutação de códigos, ou seja, ele alterna de língua em um diálogo através de frases. Essa alternância ocorre devido à mudança de interlocutor, assunto ou ambiente.

Em contextos plurilíngues – de língua minoritária e de língua majoritária, como nos contextos desta pesquisa, em que a língua minoritária são variedades alemãs, e a majoritária, variedades portuguesas –, o que mais ocorre é o *code-switching*, pois a maioria possui amplo conhecimento ou várias habilidades nas duas línguas. Para Rindler Schjerve (2004), o *code-switching* é um recurso comunicativo importante entre esses falantes. A questão que permanece neste fenômeno é se ele ocorre propositalmente ou não. Em muitas falas, é necessária a consideração de contexto para haver uma interpretação correta entre os interlocutores. Para o teórico, a alternância de uma língua a outra não é totalmente involuntária, mas conduzida por diferentes fatores sociais, pragmáticos e psicológicos.

Grosjean (1982) também reflete neste sentido quando diferencia dois tipos de *language mode* (modo de uso da língua): (1) numa situação de comunicação com monolíngue, o indivíduo bi- ou plurilíngue se adapta à língua do parceiro monolíngue e desativa, na medida do possível, as outras línguas; (2) em uma situação de comunicação com bi- ou plurilíngue, na qual todos os interlocutores são bi- ou plurilíngues, são ativadas todas as línguas do seu conhecimento, provocando a alternância ou até a mistura entre elas. O mesmo autor defende que esses modos de fala são um *continuum*, ou seja, é determinado não somente pelos indivíduos participantes mas também pela situação formal ou informal, pelo assunto, pelo local e demais fatores de influência.

Ainda neste aspecto, Blom e Gumperz (1972) apresentam a diferença entre o *code-switching situacional* e o *code-switching metafórico*. O *situacional* acontece quando há alternância de língua conforme a mudança de situação em que o falante se encontra. O *metafórico* ocorre quando há troca devido à mudança de assuntos e não de situação.

Muysken (2007) refere, ainda, o conceito de *mixed codes* para denominar termos diferentes na formulação de uma frase ou de expressões que apresentam elementos morfossintáticos e/ou léxicos de no mínimo duas línguas diferentes. O autor expõe os

seguintes 13 diferentes tipos de *mixed codes*: empréstimos de vocábulos específicos, pragmáticos e salientes; gírias, jargões e relexificações; inserção de sufixos, prefixos e *codeswitching*; alternância entre um bloco de uma língua A combinado com um bloco de uma língua B; emprego de um marcador discursivo de outra língua; lexicalização congruente: transitar entre a estrutura de uma língua e outra; relexificação de língua típica da mídia; combinações da raiz de uma língua com estruturas de outra língua; alta incidência da gramática de uma língua na outra; emprego de frases nominais de uma língua e as orações, frases verbais e léxico de outra língua; *mixed codes* australiano: a ordem da sentença do inglês SVO⁵² é empregada nas comunidades aborígenes na Austrália; emprego da morfologia russa na estrutura global *aulet*; e pidgin misto, jargões comerciais e crioulo.

2.2.3 Processos de substituição

No contexto plurilíngue de realização desta pesquisa, encontram-se variedades alemãs, como língua minoritária, e variedades portuguesas, como língua majoritária. A partir dessa realidade, ocorre a lusitanização, que é o processo de influências das variedades portuguesas na língua-alvo, neste caso as variedades alemãs. Há vários fatores condicionantes que interferem nesse processo. Dück (2011) defende que ele ocorre mais em situações de contato urbano, entre os mais jovens e entre a classe mais escolarizada.

Porém, conforme a mesma autora, nem sempre afeta o sistema linguístico como um todo, mas alguns segmentos em diferentes níveis, como o fonológico e o morfossintático. Ele é mais perceptível no âmbito lexical, devido à quantidade de empréstimos lexicais que a língua minoritária incorpora do novo meio. Os empréstimos lexicais normalmente são vistos como pejorativos e denominados pelos próprios falantes de “mistura de línguas”, ou um *Mischmasche* estigmatizado como *Deutschverderber* (destruidor da língua).

Segundo Dück (2011), também ocorrem interferências morfossintáticas e ou pragmáticas – um exemplo é a ocorrência do sujeito oculto no alemão, uma vez que o alemão é uma língua *pro-drop* e não apresenta esse fenômeno. É comum em contextos plurilíngues – alemão e português, Cunha Porã e Tunápolis – ouvir a expressão “*Alles gut?*” como uma tradução de “Tudo bem?”, enquanto que na variedade alemão padrão é *Wie geht es dir?*⁵³

⁵² Sujeito, Verbo, Objeto.

⁵³ Como vai você? (tradução da autora).

2.3 TERRITORIALIDADE DE UMA LÍNGUA

Partimos do pressuposto de Altenhofen (2011, p. 15) de que “migram os homens, migram as línguas”; conforme migram, as pessoas carregam a sua língua. Conforme os indivíduos conquistam seus territórios, a língua também ocupa o seu território.

Na mesma linha, compreende-se Altenhofen (2011) quando afirma que fronteiras políticas e fronteiras linguísticas dificilmente coincidem. As fronteiras políticas possuem delimitações definidas e são estabelecidas pelos poderes governamentais. Por outro lado, as fronteiras linguísticas não conseguem ser exatamente delimitadas, pois dependem da localização e da locomoção dos indivíduos falantes da língua. Lógico que cada país possui uma língua oficial e, dentro do espaço geográfico de cada país, há uma língua oficial; mas isso não inibe o fato de haver outras línguas nesse mesmo espaço. Altenhofen (2011) apresenta, neste aspecto, a questão de que a língua varia seu *status* sociopolítico. Conforme a área de jurisdição, a língua pode assumir *status* e posição de “(a) língua majoritária ou minoritária, (b) central ou periférica ou, ainda, (c) língua oficial ou marginal”. Conforme o autor, o conceito de “língua marginal” é aplicado às línguas em contato na perspectiva de seu *status* sociopolítico. É uma língua falada à margem da língua oficial. Para o emprego do termo “língua periférica”, Altenhofen (2011) recorre à terminologia de De Swaan (2001), para o qual “línguas periféricas” são as línguas minoritárias vistas a partir da posição na constelação. São “línguas que se encontram na periferia de línguas centrais e supercentrais” (ALTENHOFEN, 2011, p. 3). O mesmo autor esclarece que, a partir de suas reflexões sobre as teorias de De Swaan (2001), “determinada língua pode mudar ou reordenar sua posição central ou periférica conforme a microárea e as condições sociais em que se encontra na constelação de línguas em contato” (ALTENHOFEN, 2011, p. 3-4).

Procurando, então, definir o território de uma língua, o autor apresenta os seguintes conceitos:

Por *territorialidade* entendo, aqui, o espaço de uso real ou potencial de uma variedade ou variante linguística. O *território* é, em contrapartida, a base fisco-geográfica, a área onde se constituem territorialidades distintas. Consequentemente, a territorialização refere-se à ação de ocupar territórios e definir aí territorialidades, que, como veremos, podem ocorrer em diversos níveis, desde o situacional até o geográfico. (ALTENHOFEN, 2011, p. 1).

A territorialidade compreende o espaço de uma língua em que as delimitações são observáveis pela presença ou não dessa língua. Do mesmo modo, nesse mesmo espaço, pode

haver a coexistência de mais uma ou mais outras línguas. O território consiste, então, no espaço físico-geográfico em que coexistem línguas e territorialidades variadas. E a territorialização é a ação de expansão das territorialidades.

Essa territorialização, conforme Altenhofen (2011), pode ocorrer de duas formas: horizontalmente, acontece com a locomoção ou a imigração de grupos falantes de determinada língua para regiões novas; ou verticalmente, ocorre através da coexistência com outras línguas, ela vai se instaurando, conquistando seu espaço entre os falantes.

2.4 FATORES DE MANUTENÇÃO E DE SUBSTITUIÇÃO LINGUÍSTICA

Arrolou-se nos pontos anteriores os fenômenos em relação à língua, especificamente sobre o processo da variação. Como já relatado, da variação decorre uma substituição e, em contrapartida, um processo de manutenção.

Vários autores já se ocuparam com a temática das línguas minoritárias, sua manutenção e sua substituição. Vários aspectos já foram detectados. Interessante salientar que esses aspectos, em determinados contextos, podem provocar a manutenção; em outros, a substituição. Cabe a cada pesquisa analisar e detectar, em seu contexto, quais os fatores que estão a favor da manutenção e quais os que estão a favor da substituição.

Mackey (1972), afirma que uma comunidade bilíngue é dependente de indivíduos bilíngues onde há razões de ser bilíngue. Uma comunidade bilíngue autossuficiente tem razão de permanecer bilíngue desde que seja uma comunidade fechada em que cada membro seja fluente no mínimo em duas línguas e se essa mesma comunidade puder existir somente com uma língua.

O autor assegura também que o grau de proficiência do bilíngue depende da função que cada língua possui para o indivíduo, ou seja, em que situação ele emprega cada língua e qual a quantidade de áreas de contato que possui. O contato pode ocorrer em casa, na comunidade, na escola, nas mídias de comunicação ou nas correspondências. Na situação de contato com a comunidade, Mackey (1972) inclui o vizinho, o grupo étnico, o grupo da igreja, o grupo do trabalho e o grupo de recreação. No grupo da igreja, o autor ainda considera que, em muitos casos, a divisão linguística coincide, em grande medida, com as divisões religiosas.

Mackey (1972) defende que nessas áreas de contato o falante bilíngue está sob pressão de alguns fatores na escolha do emprego de uma língua ou de outra, como a economia, a administração, a cultura, a questão política, militar, histórica, religiosa e demográfica. O autor salienta que o indivíduo é em muitos casos bilíngue por razões religiosas e, no aspecto demográfico, considera o número de pessoas com quem o bilíngue tem a possibilidade de entrar em contato como um fator importante para a manutenção da língua.

O autor também defende que a idade exerce influência na questão do bilinguismo. A criança possui uma capacidade maior de aprender, mas também mais facilidade de esquecimento – antes dos nove anos a capacidade da criança é maior.

Fishman (2006) salienta que os maiores exemplos de manutenção de uma língua ocorrem de uma geração a outra, e lista alguns fatores que influenciam e regulam as interações sociais: (a) o fator demográfico: quantidade de falantes dessa língua com os quais se realizam os contatos; (b) geográfico: a localização mais isolada e tamanho da comunidade de fala; (c) econômico: se a comunidade é autossustentável ou não; (d) cultural: se a língua identifica o grupo; (e) regulamentação: se há leis que valorizam a língua. O mesmo autor também enfatiza que as unidades religiosas e os segmentos afiliados da comunidade ajudam a promover a manutenção cultural.

Fatores como urbanização e mobilidade apresentados por Thun(1996) e Altenhofen (2011) também influenciam ou na manutenção ou na substituição de uma língua. Quanto mais urbana um ponto de pesquisa, mais mobilidade ocorre e, conseqüentemente, mais contatos há entre as línguas, mais interferências o que acarreta numa substituição. Conforme Altenhofen (2011) mobilidade ocorre dentro de um mesmo ponto de pesquisa ou deste ponto com outras localidades por questões econômicas e de trabalho.

Fenômenos relevantes na substituição linguística são os conceitos de linguicídio e lingüicismo apresentados por Skutnabb-Kangas e Phillipson (1996). Linguicídio conceitua a morte de uma língua. É sinônimo de extermínio de uma língua causado por forças militares, econômicas, religiosas, culturais ou por submissão educacional; também por omissão a ela, deixando-a morrer, e por não oferecer suporte para a sua manutenção. O linguicídio ocorre com a língua, e são os falantes da língua que experimentam a mudança ou a perda língua. A morte da língua também ocorre com a morte de todos os falantes de uma língua. Lingüicismo, por sua vez, é o preconceito em relação a uma língua. É sinônimo de racismo, trata das ações

de dominação de uma língua a favor de outra ou das atitudes negativas da comunidade em relação a sua própria língua. São os falantes os autores das ações contra a sua própria língua.

Labov (2008, p. 173) afirma que os estudos dos dialetos regionais dos Estados Unidos mostram “que o isolamento leva à diversidade linguística, enquanto a mescla de populações leva à uniformidade linguística”. Entende-se que os dialetos, estando isolados, se mantêm e se atualizam por ser a língua heterogênea e a variação a ela inerente. Além disso, coexiste com o dialeto uma variedade padrão nesses locais isolados. Portanto, neste contexto, cria-se uma diversidade linguística, enquanto em contextos onde há uma mescla de população muitas variedades coexistem e exercem contatos, estes, por sua vez, provocam mudanças, ocasionando uma uniformidade linguística. A língua de maior prestígio é a que possui mais chances de conquistar território sobre as demais, causando a uniformidade. O autor argumenta, a partir de pesquisas no Quebec, sobre a variação do uso de [r], que essa uniformidade ocorre de forma subjetiva e inconsciente pelo falante.

Outra constatação de Labov (2008) é a de que a variação social e estilística da língua influencia na mudança linguística, sendo que social refere-se aos traços da língua que caracterizam os subgrupos de uma sociedade heterogênea, e estilística são as adaptações na linguagem do falante ao contexto da fala. O autor compara a evolução linguística causada pelas variações à evolução biológica conforme a teoria de Darwin, ou seja, quem se adapta, quem é o mais forte sobrevive. Da mesma forma funciona com a língua: a de mais prestígio sobrevive.

Labov (2008) reflete também que o comportamento linguístico está em conformidade com o *status* atribuído a seus falantes. Quanto mais *status* o falante tiver, mais prestígio a sua língua terá. A linguagem dá informações sobre o *status* atribuído, como a filiação étnica e religiosa, casta, sexo, família; e sobre o *status* adquirido, como a educação, renda, profissão e pertencimento a grupos de pares. Portanto, a mudança na língua pode estar correlacionada com as mudanças na posição dos subgrupos com os quais o falante se identifica.

Através da pesquisa sobre o desenvolvimento do sistema vocálico de Nova York, Labov (2008) descobriu que, em uma mudança linguística, a identidade étnica pode ter um papel mais importante do que a classe socioeconômica. Outro aspecto relevante na mudança linguística, segundo Labov (2008), é a identidade local manifestada através da língua.

Apoiado no estudo de Gauchat, Labov (2008) infere o papel das mulheres na promoção de uma mudança linguística. A pesquisa de Gauchat demonstrou que as mulheres empregavam mais as inovações linguísticas do que os homens. Conforme Labov (2008), isso ocorre pois as mulheres são mais sensíveis aos padrões de prestígio e conversam mais que os homens. Elas também permanecem mais tempo com as crianças e, assim, possuem mais influência sobre elas; devido a isso, criam regras linguísticas mais rapidamente, e mais eficientemente.

Outro aspecto da mudança linguística apresentado por Labov (2008) é a influência do grupo de pares. Estudos observados pelo autor atestam, por exemplo, que as crianças seguem o padrão de seus pares, ou seja, uma criança imita a fala de outra criança. Nisto consiste também a explicação de a criança não falar exatamente como seus pais.

Heredia (1989), outro estudioso sobre mudança linguística, parte de pesquisas dos anos 60 de Haugen e Fishman sobre a manutenção ou o declínio das línguas maternas de diferentes migrações que povoaram os Estados Unidos e analisa os diferentes fatores de manutenção ou de abandono dessas línguas de origem. O autor levanta fatores sociais e comportamentais que interferem tanto na manutenção quanto na substituição linguística. Como fatores sociais apresenta

[...] a dimensão do grupo de locutores em questão, sua concentração geográfica (seu agrupamento num bairro, seu isolamento); o caráter temporário ou permanente da imigração; a data de sua partida e a renovação por novas chegadas; a religião, a militância política; a mobilidade social no país receptor; a política do país receptor no que se refere a imigração em geral e a essa, em particular, e suas repercussões, principalmente na educação; a política do país de origem em relação a seus emigrados e sua família, etc. (HEREDIA, 1989, p. 178).

Fatores comportamentais, segundo Heredia (1989), são as atitudes que os locutores possuem em relação a sua língua, à língua da maioria, ao bilinguismo, ao purismo linguístico, aos valores e à identidade cultural de origem, ao biculturalismo e outros aspectos.

Heredia (1989) também apresenta as reflexões de Fishman de que os estatutos, os papéis, os lugares, os sujeitos de conversação determinam para os bilíngues a escolha da língua a ser empregada.

Thun (1998, 2005a), nas suas pesquisas pela perspectiva da dialetologia pluridimensional em vários países na América Latina, apresenta várias questões importantes sobre a manutenção e substituição linguística. Há dois aspectos relevantes, entre muitos outros, observados por Thun (1998, 2005a) como importantes para a presente pesquisa. O

primeiro aspecto está na sua pesquisa para o Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU), na qual Thun (1998) observou que os seus informantes acima de 55 anos com uma formação maior que o ensino médio (grupo expresso pela sigla CaGII) elaboravam mais comentários metalinguísticos no momento das entrevistas e apresentavam pouca interferência de lusismos na sua língua oficial do Uruguai. Thun (1998) analisa que o grupo CaGII é composto por professores, eles possuem uma inclinação profissional de empregar a língua mais padronizada; também, pelo fato de serem professores, são mais sensibilizados metalinguisticamente pela política linguística oficial do Uruguai. Portanto, conforme Thun (1998), a profissão interfere no comportamento linguístico, como no caso do professor que padroniza mais a sua língua e também possui mais consciência linguística.

Outro aspecto importante está na pesquisa de Thun (2005a) sobre a variação do guarani tribal para o guarani paraguaio, realizada na região do rio do Prata. Thun (2005a) constatou que, na comunidade Argentina denominada Tamanduá, a geração mais nova de nível de formação maior (grupo denominado na pesquisa de CaGI) apresentou um resultado surpreendente na entrevista, empregando um guarani com poucas interferências. O pesquisador explica que provavelmente isso se deve ao fato de que os informantes frequentam a escola bilíngue, na aula de guarani os professores destacam a diferença entre hispanismos e o guarani e evitam empregar os hispanismos. Esta atitude, de acordo com Thun (2005a), implica nos informantes terem consciência e saberem diferenciar uma língua da outra. Assim, observa-se que um maior conhecimento sobre as línguas cria uma consciência linguística. Nessa pesquisa, Thun (2005a) também salienta a importância do prestígio da língua. A língua que possui mais prestígio é mais empregada e, conseqüentemente, mais mantida.

Rodrigues (2015), em sua análise sociolinguística do bilinguismo português-dialeto italiano no município de Santa Tereza, Espírito Santo, traz as teorias de Fishman (1965, 1972) sobre os domínios de uso da língua. A autora afirma que os domínios, na concepção de Fishman (1965), “seriam as esferas contextualizadas ou totais contextos interacionais através do qual se localizaria e se expandiria o bilinguismo” (RODRIGUES, 2015, p. 55). Rodrigues (2015) cita a pesquisa de Fishman, Cooper e Ma (1971) realizada em uma comunidade porto-riquenha em Nova York na qual os pesquisadores indicam que ocorriam cinco tipos de domínios em que o espanhol ou o inglês eram empregados fluentemente. Em cada um dos cinco domínios – família, amizade, religião, trabalho e escola – há pressões de vários tipos, como econômicas, administrativas, culturais, políticas, religiosas, militares, históricas e

demográficas. Estas pressões que influenciam o bilingue ao emprego de uma língua mais do que outra também são as apresentadas por Mackey (1972).

Rodrigues (2015) argumenta que vários estudos, como os de Fishman (1965, 1972), Clyne (1982), Boyd (1985), Hyltenstam e Stoud (1991), “atestaram que os domínios nos quais uma ou outra língua é usada desempenham um importante papel no processo de manutenção e substituição linguística” (RODRIGUES, 2015, p. 54).

Observa-se que Weinreich (1970 [1953]) também defende a teoria de análise da substituição linguística através do emprego da língua nos diferentes domínios. Conforme o autor, se uma língua majoritária estiver sendo empregada em domínios que eram da língua minoritária, está-se iniciando um processo de substituição.

Rodrigues (2015) também expõe as reflexões de Fishman (1972) de que a língua materna, em contextos de imigração, denominada língua minoritária, consegue se manter mais numa situação de complementaridade linguística; quando há a “preservação do uso funcional de cada uma das línguas dentro de determinados domínios sociais, estimulando a sustentação do bilinguismo estável” (RODRIGUES, 2015, p. 55).

Além de Rodrigues (2015), outras pesquisas linguísticas já foram realizadas até o presente momento, no Brasil e nos países vizinhos Paraguai e Argentina, sobre a manutenção da língua minoritária de imigrantes. Exemplos de pesquisa são as realizadas por Altenhofen (2004, 2007, 2011, 2013) na manutenção do *Hunsrückisch* na bacia do rio da Prata, envolvendo Brasil, Argentina e Paraguai; Dück (2011) e Kaufmann (1997), sobre a manutenção do alemão pelos menonitas em países da América; Horst (2011), sobre o processo de lusitanização dos termos de parentesco em Colinas (RS), onde há a presença das línguas de imigração *Hunsrückisch* e *Westfälisch*. Outro trabalho na área de manutenção do alemão como língua minoritária é o realizado por Horst (2014), sobre a manutenção do westfaliano no vale do Taquari. Também há pesquisas sobre a substituição e manutenção do italiano como língua de imigração desenvolvidas por Pertille (2009), no alto Uruguai gaúcho; de Margotti (2004), sobre a presença do italiano no sul do Brasil; e de Bortolloto (2015), sobre a manutenção e substituição dos termos de parentesco no *talian* em Chapecó (SC) e em Pato Branco (PR).

A pesquisa de Krug (2004) sobre a relação entre identidade e comportamento na comunidade plurilíngue alemão, italiano e português de Imigrante (RS) traz importantes

considerações sobre o aspecto religião na formação da identidade do grupo e, consequentemente, sobre o emprego da língua desse grupo, implicando sua manutenção.

De acordo com essas pesquisas, há vários aspectos que provocam a ocorrência tanto da substituição como da manutenção da língua minoritária de imigração. Elas apresentam que são poucos os casos em que uma comunidade plurilíngue, após certo período de ocorrência de variação, consegue manter a sua língua minoritária, sendo ela substituída pela majoritária ou por outra.

Conforme Dück (2011), a substituição acontece de forma gradual e não ocorre em todas as línguas de forma igual. Dependendo da situação e do contexto, a substituição inicia em um determinado âmbito ou habilidade linguística, como na fala, na escrita ou na leitura. A substituição avança de forma gradual, inconsciente e despercebida pelos falantes. O resultado da substituição, de acordo com Margotti (2004), é a transformação de um indivíduo bilíngue em monolíngue.

Segundo Pertille (2009) e Bortolloto (2015), percebe-se se a substituição está em processo avançado quando ela se manifesta nas relações sociais primárias, ou seja, na família, quando a língua minoritária não mais é repassada de pais para filhos. Também quando o emprego da língua é limitado a poucos contextos, nos quais as gerações mais novas não adquirem um conteúdo lexical e gramatical suficiente para elaborar o sistema linguístico.

Mas esse processo não ocorre de forma simultânea em uma comunidade de fala, nem brutalmente de uma geração a outra; mas, sim, de forma gradual, podendo levar várias gerações. Dück (2011) defende que é difícil detectar exatamente o nível de substituição em que a língua minoritária se encontra em um determinado momento. Por outro lado, a língua minoritária não é substituída completamente, pois devido a sua história de contatos com a língua majoritária, esta sofre interferências também, adotando algumas marcas da minoritária.

Conforme Altenhofen (2011), em alguns casos, sob a pressão cultural da língua majoritária, os falantes da língua minoritária adotam medidas de manutenção de sua língua. Nessas comunidades de fala, dependendo das medidas implantadas a favor da manutenção, ocorrem diferentes processos de variação.

As pesquisas realizadas no Brasil, apresentam alguns aspectos específicos que estão a favor da manutenção, e outros, a favor da substituição. A seguir arrolam-se alguns desses aspectos relevantes a serem observados nos pontos da presente pesquisa, Tunápolis e Cunha

Porã, a fim de identificarmos os fatores de manutenção e de substituição da variedade alemã nesses contextos.

- a) Tipo de comunidade: uma comunidade mais fechada e isolada realiza poucos contatos, consequentemente mantém mais a língua minoritária. No caso de uma comunidade mais aberta, que realiza mais contatos, ocorre mais a substituição.
- b) Tamanho da comunidade: uma comunidade menor com mais abertura, mais contatos com falantes de outra(s) comunidade(s), ocorre uma necessidade de conhecer outras línguas. Por outro lado, se a comunidade for grande e autossustentável, ela não terá essa necessidade de contatos.
- c) Urbanização e mobilidade: Quanto mais urbano for um ponto de pesquisa mais mobilidade ocorre e, consequentemente, mais contatos e mais interferências.
- d) Prestígio e *status* da língua: na maioria dos casos as línguas minoritárias possuem pouco *status* e prestígio, enquanto a majoritária possui mais *status* e prestígio, o que provoca a substituição.
- e) Grau de institucionalização: se a língua minoritária está representada nas escolas e em outras instituições da comunidade e é acessível através da mídia, a tendência é de que se mantenha. Porém, neste caso, pode ocorrer uma variação interna entre *standard* e *substandard* da língua.
- f) Contato com o país de origem linguística: a realização de contatos com familiares, amigos e conhecidos através dos diferentes meios de comunicação, pela escrita ou pela fala, visitar o país de origem, auxilia na manutenção da língua de origem do imigrante. Porém, devido à diversidade de contatos, também ocorrerão outras variações internas na língua de imigração.
- g) Endogamia e exogamia: a endogamia é um dos principais aspectos para a manutenção da língua minoritária, enquanto a exogamia é um dos fatores de maior substituição.
- h) Religiosidade: a relação da língua com a fé e a celebração das missas e cultos na língua de origem contribuem para a manutenção. Mas também pode ocorrer uma variação entre *standard* e *substandard*, pelo fato de a igreja ser um contexto formal. Além disso, o aspecto religião pode ser um demarcador de identidade da comunidade de fala, bem como um aspecto histórico de demarcação de território. Dependendo da religião e da situação do contexto, a religiosidade pode favorecer a manutenção ou a substituição.
- i) Substituição da língua-teto: trata-se da variação entre o *standard* e o *substandard*. Uma vez que a língua minoritária é definida também como *substandard*, os contatos com a *standard*

interferem e podem substituir a *substandard*. Outro aspecto é que o *standard* se desenvolve separado do *substandard*, ficando este à mercê dos contatos com a língua majoritária.

- j) Linguicídio e linguicismo: a extinção de uma língua pode ocorrer devido a forças externas, como militar, econômica, religiosa, cultural ou submissão educacional; ou por forças internas, como atitudes negativas da comunidade em relação a sua própria língua.
- k) *Code-switching*, *code-shifting* e *mixed codes*: os empréstimos e interferências entre as línguas podem ocasionar tanto a manutenção como a substituição, dependendo do processo em cada contexto.
- l) Grupos de domínios: em quais e em quantos grupos e qual o *status* dos grupos na comunidade.
- m) Função da língua: para quais finalidades a língua é empregada.
- n) Frequência de contatos: com que frequência a língua é empregada.
- o) Idade e forma de aquisição da língua: quanto menos idade, quanto melhor o ambiente e mais habilidades empregadas na aquisição da língua, mais tendência para a sua manutenção.
- p) Consciência linguística: quanto mais consciência se possui sobre o próprio conhecimento linguístico e sobre as línguas, mais se percebe a diferença e o valor delas.
- q) Gênero: a mulher tem mais tendência a inovar e estar padronizada e, conseqüentemente, substitui mais, enquanto o homem é mais tradicional, portanto mantém mais.
- r) Semelhanças e diferenças entre os sistemas linguísticos: se os sistemas que realizam contatos são semelhantes, há mais facilidade de adaptação de uma língua na outra e, desta forma, ocorre mais a substituição. Se os sistemas são muito diferentes, a adaptação é dificultada e, assim, ocorre uma diferenciação entre os sistemas e a sua manutenção.

A presença ou não, a influência ou não, a influência na manutenção ou na substituição do alemão desses aspectos serão analisados nos pontos da presente pesquisa, a partir dos resultados apresentados pela coleta de dados que serão descritos e analisados no capítulo 4 do presente trabalho.

2.5 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL

Como vimos, a língua possui vários aspectos e é uma imaterialidade viva, pois se trata de um fenômeno que está em um processo contínuo de mudança. Até por volta da década de 1960, os estudos que envolviam a variação linguística apresentavam uma geografia linguística tradicional monodimensional. A base de pesquisa era a partir de um único

informante e considerava somente a realidade dos fenômenos linguísticos. Percebeu-se que essa perspectiva não abrangia o todo de uma língua.

A partir dessas constatações e, percebendo-se a necessidade de se estudar a variação linguística considerando a língua como um todo, surgiu a dialetologia pluridimensional. Ela possui seus fundamentos em Radtke e Thun (1996) e Thun (1998, 2009). Este considera a dialetologia pluridimensional “una disciplina de la ciencia general de la variación lingüística” (THUN, 1998, p. 74). O linguista propôs um casamento entre a dialetologia e a sociolinguística. Essa relação une as funções e as tarefas de outras disciplinas como a pragmática e a psicolinguística. Thun (1998) recorre, inicialmente, à história dos próprios termos, uma vez que, para o pesquisador “pluridimensional”, reanima o sentido amplo de “modos de falar” denominado pelos gregos de *διαλεκτος* que na dialetologia o haviam restringido à “variedade areal subordinada a uma língua” (THUN, 1998, p. 722).

A fundamentação teórica para a reflexão do linguista sobre a dialetologia pluridimensional são as considerações de Coseriu (1982), que parte do princípio de que a palavra *dialecto* provém da palavra grega *διάλεκτος*, que significa “modos de falar” (COSERIU, 1982, p. 5). Este termo, por sua vez, é derivado do verbo *διαλέγομαι*, “falar um com o outro”. Na visão grega, dialeto é uma forma interindividual de falar.

Diante disso, a definição “dialetologia pluridimensional” abarca o sentido amplo que Coseriu (1982) apresenta. Este emprega, inicialmente, o termo “dialetologia” de forma usual na disciplina de variação areal, uma vez que “la diatopía, diastratía y diafasía ... constituyen ... el objeto propio de la dialectología, la sociolingüística” (COSERIU, 1982, p. 21)⁵⁴. O mesmo teórico constata:

La dialectologia registra y estudia la variedad idiomática como tal (no reduciéndola a la homogeneidad), y trata de sacar de la variedad mismas inferencias acerca del modo como funcionan, se constituyen y se modifican las tradiciones idiomáticas. [...] Una investigación dialectal completa de una región debería considerar espacialmente (y por separado) todos los niveles y todos los estilos de lengua. (COSERIU, 1982, p. 27-28)⁵⁵.

Considerar espacialmente (e por separado) todos os níveis e todos os estilos de uma língua é o passo que Thun (1998) realiza ao definir a dialetologia pluridimensional como uma

⁵⁴ A diatopia, a diastratia e a diafasia ... constituem ... o próprio objeto da dialetologia, a sociolinguística (COSERIU, 1982, p. 21). (Tradução da autora).

⁵⁵ A dialetologia registra e estuda a variedade idiomática como tal (não reduzindo-a à homogeneidade), e trata de tirar da própria variedade, inferências em torno do modo como as tradições idiomáticas funcionam, se constituem e se modificam. Uma pesquisa dialectal completa de uma região deveria considerar especialmente (e separadamente) todos os níveis e todos os estilos da língua (COSERIU, 1982, p. 27-28). (Tradução da autora)

parte da ciência geral da variação linguística e da relação entre variantes e variedades de um lado e falantes de outro lado (THUN, 1998, p. 794). Assim, a dialetologia pluridimensional corresponde à parte da variação que existe em um espaço tridimensional formado pela dialetologia bidimensional – as variantes e as variedades –, que representa a linha horizontal (dialetologia areal) juntando-se com a linha vertical – os falantes –, a sociolinguística. Forma-se assim um espaço variacional tridimensional da dialetologia pluridimensional onde ocorre uma relação entre a dialetologia e a sociolinguística; nisto, portanto, define-se o conceito de dialetologia pluridimensional e relacional.

Para atender o objetivo dessa inter-relação da dialetologia pluridimensional relacional que pretende responder às perguntas “Até que nível social se estende um fenômeno linguístico identificado numa área, entre os locutores de um mesmo grupo social? Ou, ao contrário, até que zona chega um fenômeno constatado em uma ou várias camadas sociais que vivem num mesmo lugar?” (THUN, 2005b, p. 68), Thun elabora uma metodologia para estudar um fenômeno linguístico presente em determinado local.

A pluridimensionalidade consiste, justamente, em uma variedade de dimensões, nas quais cada uma representa um eixo de variação composto por um conjunto de traços classificatórios do fenômeno que é capaz de ser relacionada com outra dimensão. As dimensões são subdivididas em aspectos denominados de *dia*, que corresponde a mais de um parâmetro, ou seja, dois ou mais grupos com os mesmos critérios que podem ser relacionados. Assim define-se o que segue.

2.5.1 Dimensão dialingual

De acordo com Thun (2005b) e Altenhofen (2004, 2013), a dimensão dialingual ocupa-se em observar e demonstrar o fenômeno linguístico, a variação em estudo ocasionada pelas línguas em contato em determinado contexto. Ela, combinada com os parâmetros das demais dimensões, apresenta as línguas, seu grau e nível de variação e os contatos que elas realizam a partir dos dados dos informantes.

Conforme Coseriu (1982), o que se emprega é uma variedade de uma língua, e uma língua possui várias variedades. Portanto, considera-se o contato entre as variedades de várias línguas e as de uma única língua. Os parâmetros são as línguas em contato, e os critérios são a escolha de informantes falantes dessas línguas. Por exemplo, se uma pesquisa pretende estudar a manutenção do alemão em um contexto bilíngue de português e alemão, a língua

mestra para a pesquisa, a realização da coleta de dados e a seleção dos informantes terá como parâmetro o alemão e em contraposição o português.

2.5.2 Dimensão diatópica

Esta dimensão refere-se à variação no espaço geográfico, o espaço físico do fenômeno. Conforme Thun (2005b) e Altenhofen (2011, 2013), nesta dimensão, descrevem-se e observam-se as questões históricas, geográficas, sociais e culturais do local de pesquisa. Essas observações serão consideradas para o desenvolvimento de toda a pesquisa e, especialmente, na análise dos dados finais para realizar uma interpretação das influências e compreensão do desempenho do processo linguístico, objeto da pesquisa. Se a pesquisa for realizada em mais de um ponto, as dimensões podem ser contrapostas enriquecendo as constatações, as interpretações e a compressão do fenômeno. De acordo com Thun (2005), de cada ponto haverá o mesmo número de informantes selecionados a partir de critérios iguais. Dependendo do objetivo da pesquisa, empregam-se dimensões diatópicas específicas: **topostática**: os informantes são de um domicílio fixo, e a pesquisa pode ser feita em pontos diferentes a fim de comparar o fenômeno; **diatópica-cinética topodinâmica**: os informantes trocam de domicílio, provocando uma mobilidade espacial – dimensão empregada quando se deseja verificar a variação de um fenômeno linguístico comparando o local de origem do informante com o local de estadia, ou seja, matriz de partida e matriz de chegada. Nos contextos de línguas minoritárias, esta dimensão é empregada para observar o desempenho do fenômeno linguístico entre colônias velhas e colônias novas, de acordo com Altenhofen (2013).

2.5.3 Dimensão diagenérica

Variação a partir do gênero masculino (M) e feminino (F). Correlaciona o desempenho linguístico e o sexo ou gênero a fim de verificar a relevância desse aspecto na variação do fenômeno em estudo. O parâmetro é a escolha de homens e mulheres de igual número em cada ponto pesquisado. De acordo com Labov (2008), as mulheres são suscetíveis a mudanças e lideram nas inovações, principalmente nas variações de prestígio. Os homens, ao contrário, são os que mantêm mais a variedade, a língua mais tradicional no ponto em pesquisa. E, como são as mulheres que normalmente permanecem mais tempo com os filhos, elas são as grandes responsáveis por empregar e intensificar uma mudança.

De outra forma, Bortoni-Ricardo (1985) defende que o que influencia diretamente no comportamento linguístico é o papel social do falante, se ele está incluso ou não na sociedade. Devido a isso, a autora não concorda com generalizações de que a mulher seja a maior responsável por inovações. Se a mulher é a responsável maior pela educação dos filhos, ela permanece mais em casa e não realiza tantos contatos quanto o homem, portanto não está exposta a mudanças. Neste aspecto, Pertille (2009, p. 138) afirma que geralmente é o pai de família, por ser o responsável em manter os negócios, que se relaciona mais com a sociedade e faz mais contatos e, conseqüentemente, realiza mais mudanças.

Na mesma linha, considera-se o papel da mulher na sociedade. Historicamente, a mulher está submissa ao marido, ao homem. Em muitas culturas, ela existe para atender as necessidades e vontades do homem do qual depende. Neste estilo, ela desenvolve o seu papel na família. Até poucos anos atrás, a mulher não possuía liberdade e nem autonomia, o que limitava também seus contatos e inovações. Essa forma de vida interfere na questão do papel da mulher no processo da variação linguística.

Diante dessas constatações, pode-se pressupor que o papel da mulher varia de uma geração a outra. Daí a importância de considerar a dimensão diagenérica.

2.5.4 Dimensão diastrática

A partir de Thun (2005b), a dimensão diastrática engloba a variação a partir das classes sociais com dados de informantes de classe (socioculturalmente) alta (Ca), definida pelo seu grau de instrução superior parcial ou completo, e de classe (socioculturalmente) baixa (Cb), com formação até o ensino médio e no exercício de uma profissão que não exige o uso da escrita.

Esta dimensão está pautada na classe social do falante – sua profissão, seu nível de formação e seu perfil socioeconômico. O quesito formação é o fator decisivo para a dialetologia pluridimensional. Assim, o parâmetro de escolha de informantes para a dialetologia pluridimensional será uma mulher e um homem da classe alta (Ca) com nível de formação a partir do superior e, novamente, um de cada gênero pertencente à classe baixa (Cb), com nível de formação até o ensino médio ou menor e que não empregue a escrita ou leitura na sua profissão.

Labov (2008) considera que os falantes de maior nível de escolaridade privilegiam mudanças socialmente mais aceitas e, por outro lado, os de menor formação são mais mantenedores da forma mais usual tradicional. Da mesma forma, Pertille (2009) reflete que os

de classe social mais baixa normalmente são colonos e considerados como aqueles que falam tudo errado. Assim, a língua que os colonos falam não possui prestígio, portanto não é mantida ou difundida para mais falantes.

No aspecto das línguas minoritárias, alóctones, muitas vezes ocorre que a língua de prestígio é a língua oficial do país receptor e as escolas estão pautadas no ensino dessa língua. Portanto, neste sentido, é compreensível que, nesses contextos, os de nível de formação maior substituam a língua minoritária pela língua oficial da realidade em que vivem.

2.5.5 Dimensão diageracional

A dimensão diageracional foca a variação a partir da idade dos falantes. Ela abarca os informantes da geração mais velha (GII), que possuem mais de 55 anos, e da geração mais jovem (GI), entre 18 e 36 anos. De acordo com Thun (2005b), esta dimensão considera o desempenho linguístico nas faixas etárias dos falantes. Para tanto, escolhem-se quatro informantes mulheres, duas da Cb, porém uma entre 18 e 36 anos (GI) e outra acima de 55 anos (GII); e duas da Ca, uma para cada faixa etária. Realiza-se a mesma escolha para os quatro informantes masculinos.

Essa distinção de idade permite comparar a fala dos informantes das diferentes faixas etárias e observar em qual das faixas a variação está presente, também em qual curso se encontra o processo de mudança. De acordo com Labov (2008), o estágio de mudança evolui de uma geração anterior e, devido a isso, é necessária a observação de um fenômeno linguístico em duas gerações sucessivas, com características sociais comparáveis. Pode-se deduzir, por exemplo, se uma variação somente é denotada na GI, que o fenômeno está em seu início, pois, conforme Naro (2003, p. 81) e Guy (2001, p.11), quanto mais jovens forem os informantes, mais inovadores eles são em relação à difusão da mudança linguística. Mas, se estiver presente somente na GII, ele está em fase de desaparecimento.

No aspecto de manutenção de uma língua minoritária, se ela estiver presente somente na fala da GII, se encontra em período de substituição. Neste sentido, Heredia (1989), Krug (2004) e Margotti (2004) defendem que, de uma forma geral, a língua segue um estágio decrescente: da geração de mais idade para a geração mais nova. Porém, se for empregada por ambas as gerações, está bem presente. A observação das diferentes faixas etárias considera a realidade de cada período em que cada faixa viveu e vive, e como essas vivências influenciam no desempenho do fenômeno linguístico.

2.5.6 Dimensão diarreligiosa

Desde Altenhofen (2011, 2013), a dimensão diarreligiosa ocupa-se em observar o desempenho do fenômeno a partir das diferentes confessionalidades dos informantes. Wiese (2005) defende que, pelas suas características individuais de cultivo a fé, as religiões possuem uma estrita relação com a língua, seja como meio de comunicação, seja como meio de expressão da fé. Willems (1980) afirma que a religião caminha junto com a cultura de um povo que possui uma língua; então, depende do cultivo da religião de um povo o cultivo da sua língua. Como exemplos, de acordo com Altenhofen (2011), em contextos de línguas minoritárias alemãs no Brasil, temos as confessionalidades católica e luterana. De acordo com Wiese (2005), para os católicos, o latim era a língua para a profissão de fé e a língua alemã era um instrumento de comunicação da fé. Para os luteranos, por outro lado, o alemão era a língua de profissão de fé e também um meio de comunicação.

Nesses exemplos, denota-se o fator de influência que a religião pode exercer na variação de um fenômeno linguístico. Como esse aspecto é relevante para a pesquisa, selecionam-se igual número e características de confessionalidades que influenciam o fenômeno linguístico em estudo.

2.5.7 Dimensão diafásica

A dimensão diafásica demonstra a variação nos diferentes estilos de uma mesma língua – resposta, leitura e conversa livre – apresentados por um mesmo indivíduo, como defende Altenhofen (2004). Uma vez que, de acordo com Addu (2000 apud MARGOTTI, 2004), toda fala é realizada dentro de um determinado estilo dependendo da situação comunicativa e da intenção expressiva dos falantes, criam-se possibilidades de escolha de falas.

Para o estilo resposta, aplica-se um questionário que será exemplificado na dimensão diarreferencial.

A leitura representa o estilo de uso mais formal, mais cuidado da língua, de acordo com Thun (2009). Ele lembra a escola, a forma prestigiada da língua, e possui um comportamento próprio.

O estilo conversa livre, por outro lado, é o mais informal, que fornece dados de forma espontânea, natural, mais descuidada, por ser o estilo mais usual no dia a dia do informante e, assim, denota-se o estilo mais vernacular possível por parte do informante. Mas,

como postula Labov (2008), não há falante de estilo único. O estilo pode variar conforme o contexto no qual ocorre a ação comunicativa, por exemplo, o estilo de fala na escola é diferente daquele do ambiente de bar ou de casa. Assim, também, o estilo muda conforme a mudança de interlocutor. O falante emprega um estilo de fala com seu pai e, com o médico ou com seu chefe, outro estilo. Nesse aspecto, há o paradoxo do observador apresentado por Labov (2008), que é representado pelo entrevistador que influencia na fala do informante.

2.5.8 Dimensão diarreferencial

Considera a variação na fala “objetiva” (Lg) - o conhecimento na língua, o que o falante responde na língua objeto de pesquisa - e na fala metalinguística (MLg) - o conhecimento sobre a língua, o que o falante responde sobre a língua em estudo - obtidas através das respostas a um questionário composto por duas partes, de acordo com Altenhofen (2004, 2013). A primeira parte trata sobre questões gerais e sobre informações socioculturais do informante; a segunda parte são questões lexicais a fim de verificar o emprego e o conhecimento ou não de determinada variável – esta informação demonstra o desempenho da variação linguística de um informante, que pode ser relacionada e contrastada com os demais informantes.

De acordo com as orientações de Altenhofen (2004), o questionário é aplicado por um entrevistador de forma oral no informante. O entrevistador apresenta uma explicação ao informante do qual se espera que responda a palavra que para ele conceitualiza essa explicação. Apresentamos, como exemplo, a questão 173⁵⁶ do Atlas Linguístico ALMA-H:

173. Wenn zweu Kinner uf eenmol uf die Welt kommen/ gebohrt sind, wie sacht/sogt man uf die zwei mitsamme? / Wenn zwei Kinder mitsammen geboren werden, wie nennen Sie sie? / Se duas crianças nascem juntas, como você as denomina? (Vide ADDU 195; ALERS QSL 436; ALiB QSL 125; ALGR cap. B. III-82 u. 83; ALMA cap. 1-IX – 170)

a) Zwillinge, b) Zwillings P: gêmeos; E: gemelos. (KRUG, 2013, p. 26).

Cada questão consiste numa variante, e o entrevistador sugere variáveis e anota, também, as variáveis novas apresentadas pelo informante. Essas informações serão os dados quantitativos para averiguar o grau de desenvolvimento do processo do fenômeno linguístico.

⁵⁶ O questionário é apresentado na versão escrita em três línguas: uma em mais opções no alemão falado conforme o contexto de pesquisa, neste caso Cunha Porã e Tunápolis – para tal escrita, emprega-se o sistema de transcrição fonética apresentado por Altenhofen *et al.* (2007); uma no alemão padrão; outra no português padrão.

A aplicação do questionário é realizada em três tempos: 1. Perguntar: o falante realiza uma resposta espontânea que representa a fala objetiva; 2. Insistir: o entrevistador insiste para que o informante possa lembrar uma forma de conceito; 3. Sugerir: o entrevistador sugere possíveis variáveis. Se o informante sinalizar conhecer alguma das variáveis sugeridas, isso representa um conhecimento passivo sobre o fenômeno. As formas 2 e 3 representam a fala metalinguística por parte do informante.

Esta dimensão demonstra, de acordo com Altenhofen (2004), como os falantes veem a sua fala e a fala dos outros, e como se relacionam. Observam-se as atitudes dos falantes em relação a língua, a etnia, a cultura e a origem social.

2.5.9 A pluridimensionalidade

Percebem-se, através das dimensões acima arroladas, dois fenômenos: 1. a separação de estratos para cada dimensão e 2. a íntima interligação entre elas. Pois, os informantes, que são os elementos caracterizados pelas dimensões dialingual, diatópica, diagenérica, diageracional, diastrática, diarreligiosa, são o que Coseriu (1982) define como os falantes de um lado, a linha vertical, a sociolinguística. Neles é aplicada uma ferramenta – o questionário, a leitura de um texto e uma conversa livre – a fim de obter dados sobre o fenômeno da variação linguística realizável por eles, o que compreende as dimensões diafásica e diarreferencial. Essa ferramenta representa o que Coseriu (1982) denomina de “variedades”, a linha horizontal, a dialetologia. Os estratos obtidos pela coleta de falas em informantes representam a dimensão dialingual. Nisto consiste o casamento entre todos os aspectos sugerido por Coseriu (1982, p. 28): “Una investigación dialectal completa de una región debería considerar especialmente (y por separado) todos los niveles y todos los estilos de lengua.”⁵⁷ Em especial, estão as dimensões diatópica, diagenérica, diageracional, diastrática e diarreligiosa, sendo que, com exceção da primeira, as demais representam também os níveis da língua. As dimensões diafásica e diarreferencial importam os estilos da língua. O dialingual tanto faz parte do nível da língua, pois é uma característica do informante, como, também, é o estrato de apresentação das falas. A caracterização pelas dimensões é o que permite a averiguação em separado, conforme sugerido por Coseriu (1982).

Thun (2009) avança nas reflexões de Coseriu (1982, p. 536) quando esclarece que é através das dimensões da dialetologia pluridimensional que se enfoca a história social “tantas

⁵⁷ Uma pesquisa dialetal completa de uma região deveria considerar especialmente (e separadamente) todos os níveis e todos os estilos da língua Coseriu (1982, p. 28). (Tradução da autora)

vezes quanto seus tipos de variáveis extralinguísticas”. As variáveis extralinguísticas, representadas pelas dimensões, ainda conforme Thun (2009, p. 536),

[...] quando confrontadas com estímulos linguísticos idênticos, acarretam formas linguísticas diferentes que precisam de explicações extralinguísticas. Da mesma maneira, multiplica-se a visão sobre a história da língua que se manifesta na interdependência das dimensões, por exemplo, da passagem de uma forma linguística de um estrato social a outro.

Entende-se que a perspectiva da dialetologia pluridimensional consegue, através das funções e tarefas de cada dimensão, acatar e detectar as variáveis extralinguísticas e, ao mesmo tempo, fornecer explicações à medida que abrange os diferentes estratos sociais: as características dos informantes nas dimensões diatópica (o informante como habitante de um local é influenciado e caracterizado, ao mesmo tempo que influencia ele caracteriza esse mesmo local), diagenérica, diageracional e diastrática, confrontadas com estímulos linguísticos idênticos das dimensões diafásica e diarreferencial. Acrescentam-se, ainda, a todo o processo, as finalidades da dimensão dialingual de selecionar um informante que tenha características para apresentar o fenômeno em estudo e de, a partir das informações das demais dimensões, verificar a variação do fenômeno linguístico em estudo.

A visão histórica da língua, segundo Thun (2009), manifestada pela interdependência das dimensões, é possibilitada pela teoria da dialetologia pluridimensional, uma vez que é apresentada pelos aspectos de cada informante e pela sua forma de apresentação de dados. A interdependência entre as dimensões é notável de várias formas. Uma interdependência percebe-se pelo ponto de vista de alinhar a dialetologia pluridimensional como um método de pesquisa; como tal, as dimensões são enquadradas em quatro passos:

- a) O quê? – qual fenômeno linguístico se observa – dimensão dialingual;
- b) Onde? – local onde se realiza a pesquisa – dimensão diatópica topostática/ diatópica cinética;
- c) Com quem? – falantes/informantes que fornecerão os dados – dimensões diagenérica, diageracional, diastrática, diarreligiosa, diazonal e dialingual;
- d) Como? – forma de coleta de dados – dimensões diafásica e diarreferencial.

Percebe-se a interdependência entre as dimensões, pois uma necessita da outra, uma complementa a outra.

De outra forma, ainda, as informações apresentadas e enquadradas em cada dimensão permitem que elas possam ser combinadas e contrapostas, assim demonstram o que ocorre de idêntico e de diferente entre as dimensões. Verificando um fenômeno de variação, pode-se observar, por exemplo, através das dimensões, em quais gerações, em que níveis sociais, em quais estilos de uso e em qual gênero ela ocorre. E, de acordo com esses dados, é possível averiguar por que ela ocorre. Em quanto mais dimensões uma variação é denotável, tanto mais o fenômeno da variação está presente ou fixado na língua. Porém, se os dados indicam o contrário – a variação somente em algumas dimensões –, então o fenômeno está iniciando ou morrendo. Por exemplo, se estiver presente somente nas gerações mais novas (GI), certamente a variação está iniciando; em contrapartida, se estiver presente somente nas gerações mais velhas (GII), provavelmente o fenômeno está deixando de existir. Por outro lado, se é observável na classe socioculturalmente baixa (Cb), tanto da GI como da GII, pode-se interpretar que é uma variação mais tipicamente falada, uma vez que, se não houver incidência da variação na Ca, a escola ou/e o emprego constante da escrita e da leitura inibem o emprego dessa variável. Neste caso, é interessante contrapor os dados da Cb com os dados das dimensões diafásica e diarreferencial. Por essas dimensões, é possível observar, também, as variações em um mesmo informante nos diferentes estilos de uso da língua.

Essas análises respondem as perguntas que são os objetivos da dialetologia pluridimensional de Thun (1998):

*¿Hasta qué estrato social se extiende un fenómeno lingüístico que hemos identificado dentro de una área, o sea entre locutores del mismo estrato social? O, al revés: ¿Hasta dónde llega, en el área, un fenómeno que hemos constatado en los distintos grupos sociales que viven en un lugar?*⁵⁸ (THUN, 1998, p. 701).

Denota-se, portanto, que a perspectiva da dialetologia pluridimensional e relacional, através da sua fundamentação, de seus objetivos e de seus métodos, considera a língua como um todo a partir do contexto social.

⁵⁸ Até que extrato social se estende um fenômeno lingüístico que identificamos dentro de uma área, ou seja, entre locutores do mesmo extrato social? Ou, ao contrário: Até onde chega, na área, um fenômeno que constatamos nos distintos grupos sociais que vivem em um lugar? (THUN, 1998, p. 701). (Tradução da autora).

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste espaço descreve-se todo o processo, desenvolvimento e aplicação da metodologia de pesquisa desde a coleta de dados e o tratamento destes dados.

3.1 METODOLOGIA DA PLURIDIMENSIONALIDADE

A metodologia pela perspectiva da dialetologia pluridimensional e relacional, de acordo com Thun (2005b, 2009), prevê relacionar os dados de cada dimensão que assim se apresentam: **dimensão dialingual**: a variação do fenômeno linguístico; **dimensão diatópica**: a variação no espaço; **dimensão diastrática**: a variação nas classes socioculturais; **dimensão diagenérica**: a variação nos gêneros; **dimensão diageracional**: a variação nas gerações; **dimensão diarreligiosa**: a variação nas diferentes confessionalidades; **dimensão diafásica**: a variação nos diferentes estilos de uso da língua; **dimensão diarreferencial**: a variação na fala objetiva e na fala metalinguística.

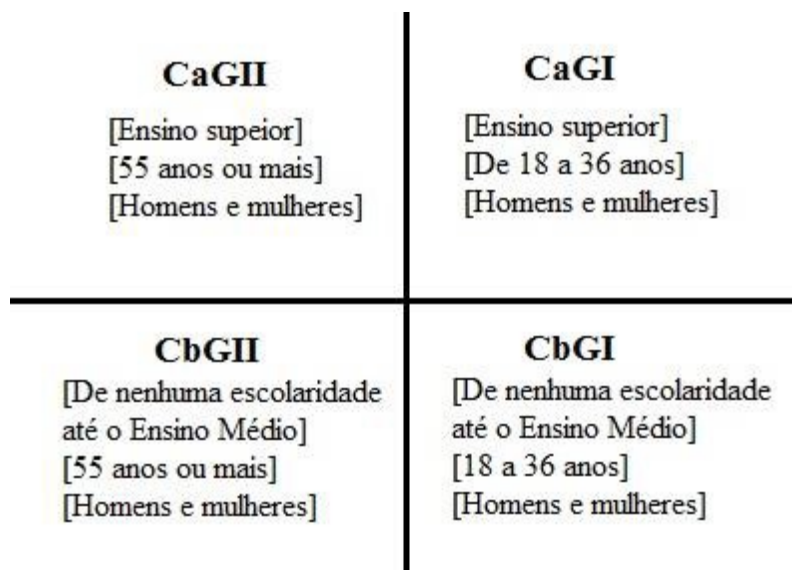
Conforme o objetivo da pesquisa ou as características do fenômeno observadas, num primeiro momento, acrescentam-se outras dimensões e ou critérios nas escolhas dos informantes para que outros aspectos sejam considerados na reflexão sobre o fato. Por exemplo, em muitos casos, a questão religiosa é um grande fator de influência no nível de manutenção da língua, como na presente pesquisa, e, para tanto, acrescenta-se nos critérios de escolha dos informantes a dimensão diarreligiosa e especificam-se as religiões.

3.2 PERFIL E SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Cada dimensão atende os objetivos da dialetologia pluridimensional de estudar o fenômeno linguístico nos seus mais diferentes aspectos. O fenômeno ocorre entre os falantes, e são eles que fornecem os dados para serem analisados, por isso estes provêm dos diferentes ambientes socioculturais, representando-os.

Os grupos de informantes nos disponibilizam os níveis da língua pesquisada de acordo com Coseriu (1982). Então, detalhadamente, selecionam-se em um ponto de pesquisa oito informantes para obter oito tipos de estratos sociais culturais sobre o fenômeno linguístico: quatro mulheres – uma para cada um dos quatro aspectos: Ca, Cb, GI e GII – e, da mesma forma, quatro homens. Relacionam-se esses aspectos com cada informante e são representados através de uma cruz, a fim de haver uma melhor visualização: em cada espaço, há um homem e uma mulher. A cruz assim se apresenta, conforme figura 2:

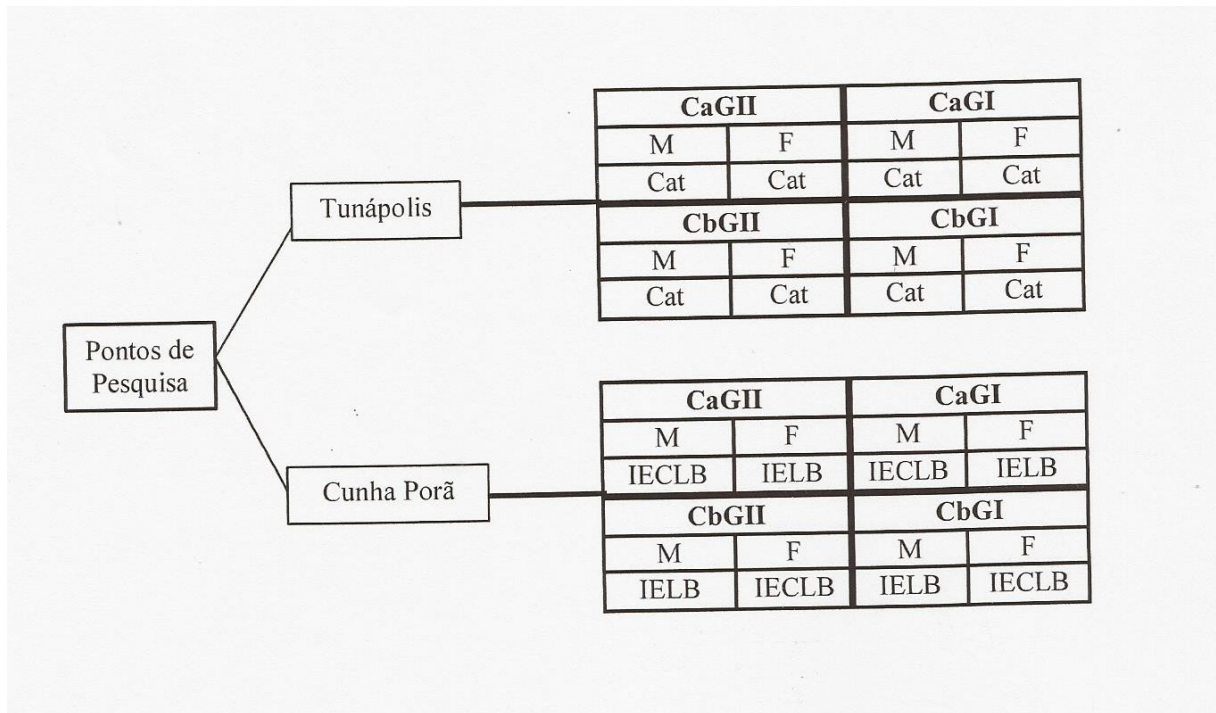
Figura 2 – Cruz representando as diferentes dimensões.



Fonte: Thun (2005b, p. 67).

Como o objetivo da pesquisa está direcionado na dimensão diarreligiosa – católico e luterano –, os informantes também foram selecionados a partir desse critério. Devido às questões históricas e características atuais, considera-se Tunápolis como ponto católico, e foram escolhidos oito informantes católicos desde o seu batismo; Cunha Porã, por outro lado, foi definida como ponto luterano e, para tanto, oito informantes foram selecionados, distribuídos entre quatro adeptos de batismo da IELB, e quatro, da IECLB – totalizando, portanto, 16 informantes. Assim, concluiu-se com o seguinte esquema de informantes nos dois pontos de pesquisa de acordo com a figura 3:

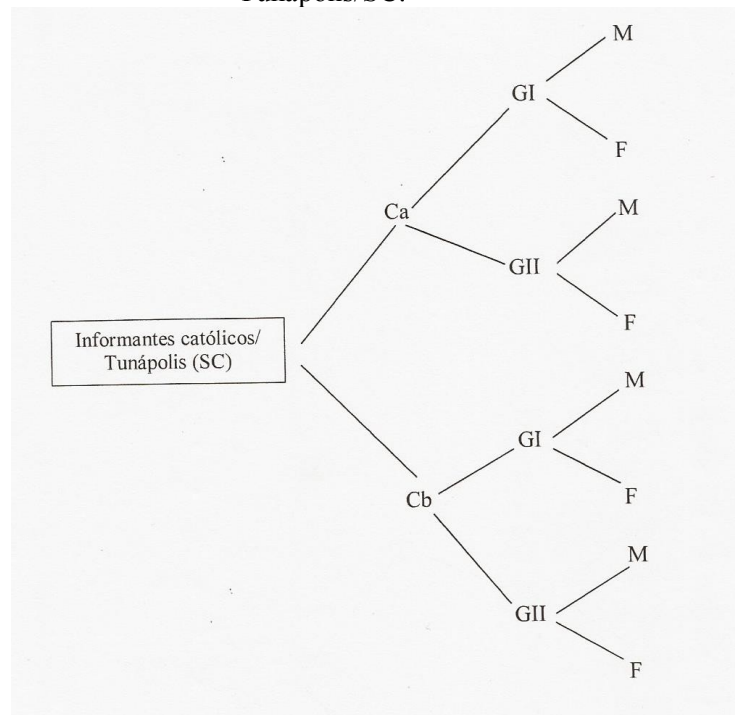
Figura 3 – Esquema da cruz nos dois pontos de pesquisa.



Fonte: Figura elaborada pela pesquisadora (2016) com base em Thun (2005b).

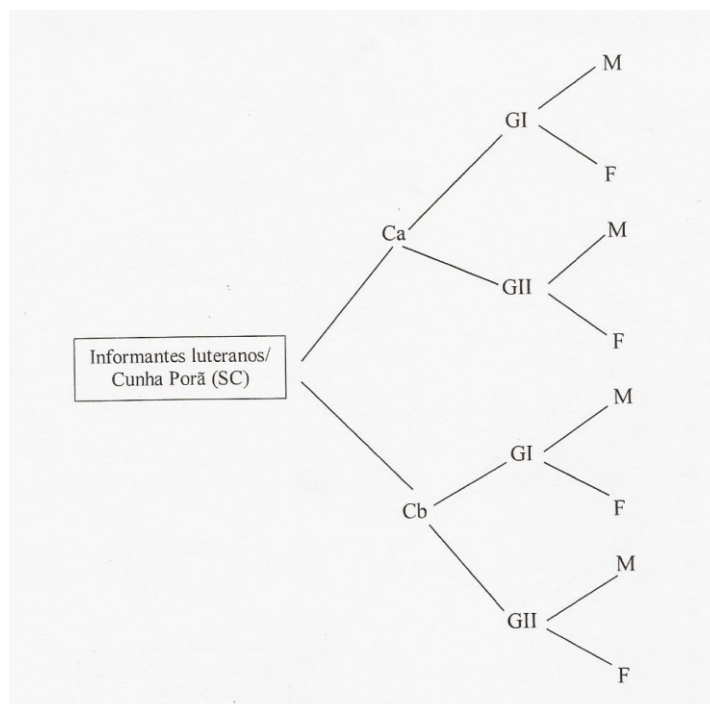
Considerando os critérios de escolha de informantes, a partir da dialetologia pluridimensional e relacional, elaborou-se duas matrizes de definição de informantes da pesquisa como demonstrado abaixo:

Figura 4: Matriz para escolha de informantes católicos no ponto de pesquisa católico / Tunápolis/SC.



Fonte: Figura elaborada pela pesquisadora (2016) com base em Ruscheinsky (2014).

Figura 5: Matriz para escolha de informantes luteranos no ponto de pesquisa luterano / Cunha Porã/SC.



Fonte: Figura elaborada pela pesquisadora (2016) com base em Ruscheinsky (2014).

Além desses critérios específicos para cada informante, adotou-se para todos o critério de possuir o alemão como língua materna e residir no mínimo 2/3 da sua vida no mesmo ponto de pesquisa. Interessante destacar que todos os informantes de Cunha Porã são nascidos e sempre viveram nesse município; também, pertenceram sempre à mesma confessionalidade, IELB ou IECLB. Já em Tunápolis, não se encontrou informantes da GII que atendessem a todos os critérios, haja vista esse município ter o início de sua colonização datado dos anos 1950. Optou-se por informantes não nascidos em Tunápolis, mas os quatro informantes da GII atendem o critério de residir em Tunápolis mais de 2/3 da sua vida.

Outro fato denotável é que, nos dois pontos, os quatro informantes da CaGII são professores. Não se encontrou pessoas que preenchessem todos os critérios dentro da CaGII e possuíssem outra formação superior que não o magistério. É uma característica dessa geração: no seu período de formação para o exercício profissional, somente para a profissão de professor exigia-se uma formação maior e também somente havia essa possibilidade de curso superior acessível nesses locais.

A seleção de informantes em Tunápolis deu-se através de contato pessoal, pois a entrevistadora trabalha no município e, assim, conhece a realidade do local. Somente para a CaGII recorreu-se a algumas indicações.

Em Cunha Porã, a escolha dos informantes exigiu mais indicações de pessoas com conhecimentos sobre a comunidade, como a secretaria da educação, pastores da IELB e da IECLB e pessoas ativas nessas igrejas, pois a entrevistadora não conhecia o local de pesquisa. Mas também ocorreram abordagens espontâneas em locais públicos, como banco, lojas, restaurantes e cemitério.

Primeiramente, conversou-se com os candidatos a informantes sobre a sua disponibilidade em participar do processo e averiguou-se o preenchimento dos critérios. Confirmados as possibilidades, marcava-se um segundo encontro para a realização da conversação. Empregou-se mais o termo “conversação” na variedade alemã *Gespräch* com os informantes, para não criar um impacto de formalidade.

3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados sob a perspectiva da dialetologia pluridimensional e relacional considera a variação em três estilos de emprego do alemão: resposta, leitura e conversa livre. O estilo de uso resposta é provocado nos informantes a partir da aplicação de um questionário em alemão (anexo 1) composto por questões gerais sobre o informante e por questões lexicais diretas sobre a temática termos de parentesco sanguíneo e espiritual. O questionário empregado para a presente pesquisa é um recorte do questionário pluridimensional do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF), conforme Krug (2013). As questões selecionadas são as de número 1 a 34 sobre as informações gerais dos informantes, excluindo as questões 2.2, 2.3 do capítulo 1; 2.2, 2.4, 3.1 e 3.2 do capítulo 2; e 14, 23 e 24 do capítulo 3. Do capítulo 9, sobre parentesco e família, aplicam-se as perguntas 160, da 166 à 176, da 182 à 198; sobre os termos de parentesco espiritual, as questões de 206 a 209. Soma-se um total de 81 perguntas, que foram renumeradas, para esta pesquisa, do número 01 a 81, conforme anexo 1, mantendo a ordem do questionário base.

Na aplicação do questionário, averigua-se a diferença na fala objetiva e na fala metalinguística através das respostas espontâneas, por insistência e por sugestões do questionário sobre termos de parentesco sanguíneo e espiritual. No primeiro momento, o entrevistador aguarda uma resposta espontânea do informante; se não há, insiste oferecendo mais explicações; e, num terceiro momento, sugere algumas respostas para verificar se o informante conhece mais variantes. Cada questão consiste numa variável, o entrevistador sugere variantes e anota também as variantes novas apresentadas pelo informante.

Os dados dessa dimensão serão os subsídios quantitativos para averiguar o grau de manutenção do alemão nas dimensões diastrática, diageracional, diagenérica e dialingual de acordo com os objetivos do presente estudo.

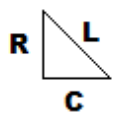
Para o estilo leitura, pede-se ao informante a leitura de um texto escrito na variedade alemão padrão (anexo 2.1) e em alemão variedade local (anexo 2.2), também sobre a temática termos de parentesco sanguíneo e espiritual. A partir da realização da leitura, averigua-se a influência da escola na manutenção, uma vez que a leitura lembra o contexto escolar e também o emprego do alemão em contextos formais. No anexo 2.3, está o texto também em português, na variedade padrão.

A conversa livre é provocada com o informante a partir de uma temática sobre a família. Esse evento se dá o mais espontaneamente possível, para que o informante se sinta à vontade, conforme Altenhofen (2004).

Resumindo, apresentamos no quadro 2, abaixo, as dimensões focadas nesta pesquisa, os parâmetros e os critérios de escolha dos 16 informantes, 8 de cada confessionalidade, a fim de atender os objetivos deste trabalho.

Quadro 2 – Dimensões focadas na pesquisa.

Dimensão	Parâmetro	Critério
Diarreligiosa	Cat: Confissão Católica Lut: Confissão Luterana (IELB e IECLB)	8 Inf.(s) de Tunápolis 8 Inf.(s) de Cunha Porã (4 Inf. (s) IELB e 4 Inf. (s) IECLB) Inf.(s) residentes fixos no mínimo 2/3 da sua vida e nos últimos cinco anos no ponto de pesquisa
Dialingual	Pt. (portugues) Al. (alemão)	16 Inf. (s) que possuem o alemão como língua materna
Diastrática	Ca: classe (socioculturalmente) alta Cb: classe (socioculturalmente) baixa	8 Inf.(s): 4 CatCa; 4 LutCa 8 Inf.(s): 4 CatCb; 4 LutCb
Diageracional	GII: acima de 55 anos GI: entre 18 a 36 anos	8 Inf.(s): 2 CatCaGII; 2 LutCaGII 2 CatCbGII; 2 LutCbGII 8 Inf.(s): 2 CatCaGI; 2 LutCaGI 2 CatCbGI; 2 LutCbGI
Diagenérica	M: Masculino	8 Inf.(s): 1 MCatCaGII; 1 MLutCaGII 1 MCatCbGII; 1 MLutCbGII 1 MCatCaGI; 1 MLutCaGI 1 MCatCbGI; 1 MLutCbGI

	F: Feminino	8 Inf.(s): 1 FCatCaGII; 1 FLutCaGII; 1 FCatCbGII; 1 FLutCbGII; 1 FCatCaGI; 1 FLutCaGI; 1 FCatCbGI; 1 FLutCbGI
Diafásica		Três estilos de uso da língua Resposta ao questionário (R) Leitura (L) Conversa livre semidirigida (C)
Diarreferencial	Lg = fala “objetiva” MLg = fala metalinguística	Resposta espontânea à pergunta. Resposta por insistência e por sugestão.

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora (2015) a partir de Altenhofen (2013) e Thun (2005b, 2009).

3.4 COLETA DE DADOS

Iniciou-se a coleta de dados através da conversa livre semidirigida para que o informante se sentisse mais à vontade em relação à entrevista e ao questionário. O assunto da conversa semidirigida era sobre a sua realidade atual, como e com quem mora, e sobre a realidade de sua família. Este assunto é uma temática de interesse do informante, sobre a qual ele normalmente gosta e sabe falar, o que provoca um relaxamento. A duração dessa conversa não foi fixada, ocorreu conforme a disponibilidade de cada informante. A conversa começou com a pergunta “*Können Sie etwas über Sie und Ihre Familie erzählen, wie Sie wohnt, mit wem Sie wohnt, was Sie macht, wie Sie lebt?*”⁵⁹ De acordo com as falas dos informantes, aplicaram-se mais algumas perguntas, em forma de conversação, para instigá-lo a falar mais. A conversação foi toda realizada em Al., somente foram empregados termos mistos ou em Pt⁶⁰. quando o informante não sabia o termo em Al. ou, pelo seu conhecimento, considerava que determinado termo era em Al.

Depois dessa conversa, partiu-se para a aplicação do questionário de 81 perguntas. As questões sobre termos de parentesco foram expostas de forma a expressar uma fala delocutiva, por exemplo, “*wie sagt Sie/ wie nennt Sie die Person, die...*”⁶¹. Nas questões sobre

⁵⁹ Você poderia contar um pouco sobre você e sobre a sua família, como mora, com quem mora, o que faz, como vive? (Tradução da autora).

⁶⁰ As respostas ao questionário lexical nas variedades portuguesas são classificados em termo em Pt.

⁶¹ Como você fala/ como você denomina a pessoa que... (Tradução da autora)

termos de parentesco sanguíneo, foi-se desenhando uma árvore genealógica com os termos já falados, à medida que foram sendo elaboradas as questões para os próximos termos.

E, por último, sugeriu-se a leitura de texto conforme anexo 2.1 e 2.2, primeiramente o escrito em alemão variedade padrão, anexo 2.1, e, em seguida, na variedade do alemão local, anexo 2.2.

Os informantes tinham conhecimento de que participariam de uma conversa em alemão com mais uma pessoa de outro sexo, com o mesmo grau de formação e na mesma faixa etária. Eles sabiam que as falas seriam gravadas e usadas para pesquisas a favor da valorização do alemão e que mais pessoas seriam entrevistadas nesse local de pesquisa. Informou-se que a entrevistadora guiaria as falas, mas eles não tinham conhecimento anteriormente das etapas conversa livre, questionário geral e lexical e leitura. Orientou-se que seria uma conversa a três (2 informantes e entrevistadora), para a conversa fluir melhor, que eles se sentissem à vontade e falassem como estavam acostumados a falar. Informou-se também que suas falas seriam somente dados, não se avaliando como certas e erradas.

Somente no final da conversa se expôs aos informantes a estrutura das quatro partes da entrevista. Os informantes, na sua maioria, responderam que nem haviam percebido essas diferenças e que se sentiram confortáveis e privilegiados em participar desse momento.

Juntaram-se sempre dois informantes, um feminino e outro masculino, ambos da mesma classe sociocultural e da mesma geração, a fim de se realizar uma conversa. Desta forma, eles se sentiam à vontade e as falas se tornavam naturais. Em algumas conversações da GII houve a presença de outras pessoas, esposas e maridos dos informantes, que acompanharam silenciosamente a conversa. Interferiram em alguns momentos para lembrar de algum termo, que o informante então confirmava. No momento de verificação dos dados, somente foram consideradas as falas dos informantes.

A maioria dos informantes, já nos primeiros contatos, mostrou grande interesse em participar da pesquisa. Com exceção de uma entrevista – a CbGI católica –, todas as demais foram realizadas na casa dos informantes. A conversa com a CbGI M luterana foi realizada sozinha entre informante e pesquisadora. Também a conversa com a CbGI F luterana foi sozinha, mas teve a assistência de membros da família da informante.

As conversações foram realizadas em alemão, e em nenhum momento foi necessário recorrer ao português. Somente em alguns casos os informantes resumiam a pergunta em português para responder em alemão; e, em alguns poucos casos, como veremos na análise dos dados, responderam alguns termos de parentesco em português.

Em poucos casos, houve a necessidade de se insistir em uma resposta, e as sugestões foram feitas somente das variantes em alemão para verificar o conhecimento metalinguístico dos informantes. Como os informantes eram fluentes também em português e o objetivo da pesquisa recai somente sobre o grau de emprego do alemão, não foram feitas sugestões de variáveis em português.

As conversações foram realizadas de forma bem descontraída, com brincadeiras, relato de acontecimentos e situações, e até com piadas. A maioria das entrevistas foi acompanhada com chimarrão e comes. Os informantes se sentiram muito à vontade e até orgulhosos por participarem da pesquisa.

Em Tunápolis, as conversações foram realizadas à noite, na primeira semana de setembro; em Cunha Porã, ocorreram durante o dia, entre os dias 19 de setembro e 12 de outubro. O tempo de duração das conversações permaneceu entre 2 horas e 30 minutos, com a GII, e 1 hora e 15 minutos, com a GI. A GII se empolgava muito e para várias questões lembrava de fatos que relatava livremente.

Para a gravação das conversações, utilizou-se um aparelho gravador Handy Recorder *H4n*, que permite a gravação de uma grande quantidade de dados em um longo período de tempo sequente, com configuração de microfones para captação nítida de sons.

3.5 SELEÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS

Após o processo de aplicação do instrumento de coleta, partiu-se para a transcrição dos dados, primeiramente dos dados do questionário lexical. Para tanto, elaborou-se a tabela do anexo 3 com o registro separado das respostas espontâneas, por insistência, sugeridas aceitas e não aceitas de cada questão e de cada informante. As respostas novas, que não constavam no questionário base de Krug (2013), produzidas pelos informantes foram acrescentadas e configuradas na escrita itálica na tabela do anexo 3. Devido ao fato de o presente trabalho estar nas delimitações de uma dissertação de mestrado, optou-se por considerar somente as respostas espontâneas para a análise dos dados, conforme os objetivos desta pesquisa.

Na etapa seguinte, separaram-se as variantes de cada questão em variante em Al., misto e em Pt. Considerou-se resposta em Al. aquela que foi expressa conforme o esperado como, por exemplo, *Tante*, da questão 65, mas também variações como *Tander*, *die Ungel* e *die Mama sein Schwester*. Como resposta mista se conceitua os termos que apresentam raízes

do alemão, mas com terminações em português, como, por exemplo, *Großwowwo*; ou raízes do português mas com terminações ou acentos fonéticos em alemão, como *Parent. Nenechere abandoniert*. As respostas expressas em português computou-se como tal, em Pt. – por exemplo, *Guri*. As perguntas que não obtiveram nenhuma resposta foram contabilizadas como uma resposta em Pt., uma vez que se considera que todos os informantes conheciam o termo em Pt. pois são informantes brasileiros que vivem numa situação de contato linguístico alemão – português e que tiveram o alemão como língua materna. .

As respostas em Al. são processadas para o grau de manutenção do alemão, e as respostas em Pt., como grau de substituição do alemão pelo português. Os termos mistos são considerados como processo de interferência de uma língua na outra, como *mixed codes*, conforme Muysken (2007). Os falantes consideram esses termos como termos em Al., mas isto requer mais pesquisas empíricas; para a presente pesquisa, serão considerados como termos mistos, sem que nos detenhamos a mais profundas análises.

Muitas questões obtiveram mais de uma resposta tanto em Al., misto ou em Pt. por parte dos informantes. Diante disso, para verificar a quantidade de variantes em Al. (grau de manutenção do alemão), misto (grau de interferência) e em Pt. (grau de substituição) de forma geral e para cada dimensão, conforme os objetivos da pesquisa, elaborou-se uma tabela, registrando o total de respostas espontâneas e o tipo – em Al., misto e em Pt. para cada variável e de cada informante. Somou-se o total de tipos de variantes espontâneas – em Al., misto e em Pt. – de cada informante para cada questão separando as duas confessionalidades.

Além dos dois grupos de termos de parentesco já definidos e apresentados na parte teórica desta pesquisa – o sanguíneo e o espiritual –, constituiu-se mais um, denominado de neutro por não estabelecer nenhuma relação de sangue ou espiritual, conforme Thun (2005a). O grupo neutro, o menor, é composto pelas questões 53 e 60, referentes à mãe solteira e órfão. O grupo espiritual, por sua vez, um pouco maior, formado pelas quatro últimas questões, de 78 a 81. O grupo maior, o de termos de parentesco sanguíneo, é formado pelas demais 27 questões, da 49 à 77 excluindo as do grupo neutro.

A etapa seguinte consistiu em sintetizar os dados da tabela de quantidades de variantes para cada variável de cada informante, somando os totais de respostas espontâneas de cada informante, mantendo a separação em variantes em Al., misto e em Pt. e a separação dos três tipos de termos de parentesco: sanguíneo, espiritual e neutro. Ao final, somaram-se todas as respostas espontâneas, obtendo-se o total geral de cada informante, de cada tipo de

resposta – em Al., misto e em Pt. - e de cada confessionalidade, como exposto nas tabelas dos quadros 3 e 4. Essas tabelas mostram que as 33 questões aplicadas em 16 informantes resultaram em 635 respostas espontâneas – 321 da confessionalidade católica, e 314 da confessionalidade luterana. O número mínimo de respostas esperado era de 264 para cada confessionalidade, um total de 528 partindo da hipótese de uma resposta para cada pergunta.

Quadro 3: Totais de respostas espontâneas na aplicação dos termos de parentesco a partir da dimensão diarreligiosa católica/Tunápolis (SC)

Questão	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		Total
Sanguíneo	M	F	M	F	M	F	M	F	Católica
em Al.	28	27	15	17	24	24	16	21	172
Misto	2	3	3	3	5	5	7	6	34
em Pt.	6	6	9	9	4	5	10	9	58
Total	36	36	27	29	33	34	33	36	264
Espiritual									
em Al.	5	5	2	2	6	6	2	3	31
Misto									0
em Pt.			2	2			2	2	8
Total	5	5	4	4	6	6	4	5	39
Neutro									
em Al.	2	2			2	1	1	1	9
Misto									0
Em Pt.	1	1	2	2		1	1	1	9
Total	3	3	2	2	2	2	2	2	18
Totais									
em Al.	35	34	17	19	32	31	19	25	212
Misto	2	3	3	3	5	5	7	6	34
em Pt.	7	7	13	13	4	6	13	12	75
Total Geral	44	44	33	35	41	42	39	43	321

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Quadro 4: Totais de respostas espontâneas na aplicação dos termos de parentesco a partir da dimensão diarreligiosa luterana/Cunha Porã (SC)

Questão	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		Total
Sanguineo	M	F	M	F	M	F	M	F	Luterana
em Al.	32	29	21	17	28	29	13	22	191
Misto	1	1	2	4	1	3	2	6	20
em Pt.	3	4	7	7	4	4	12	8	49
Total	36	34	30	28	33	36	27	36	260
Espiritual									
em Al.	4	4			4	5	1	2	20
Misto							1		1
em Pt.	1		4	4			2	2	13
Total	5	4	4	4	4	5	4	4	34
Neutro									
em Al.	1	3			1	2			7
Misto									0
Em Pt.	1		2	2	2	2	2	2	13
Total	2	3	2	2	3	4	2	2	20
Totais									
em Al.	37	36	21	17	33	36	14	24	218
Misto	1	1	2	4	1	3	3	6	21
em Pt.	5	4	13	13	6	6	16	12	75
Total Geral	43	41	36	34	40	45	33	42	314

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

A partir dos números da tabela dos quadros 3 e 4, os resultados foram calculados em percentagens e apresentados em gráficos, relacionando-se as dimensões diastrática, diageracional, diagenérica, dialingual e diarreligiosa, sempre em duas cruces, conforme os objetivos da pesquisa. Esses gráficos de resultados, as suas descrições e análises se encontram no próximo capítulo, de análise de dados.

Nos cálculos de percentagem foi empregado a regra de três simples. Por exemplo, para o cálculo das percentagens na dimensão diastrática Ca católica somou-se, primeiramente, as respostas da Ca – os números das quatro primeiras colunas da linha total geral do quadro 3, acima, ou seja, 44, 44, 33 e 35, respectivamente – totalizando 156 respostas. Esse número equivale a 100% das respostas da Ca católica. Para encontrar a percentagem de termos em Al. da Ca católica somou-se, inicialmente, as respostas da Ca católica em Al. – no quadro 3, acima, os números das quatro primeiras colunas do último grupo da tabela intitulada “Totais”, da linha “em Al.”, 35, 34, 17 e 19, respectivamente, somando 105 respostas. Aplicou-se, em

seguida a regra de três simples para encontrar o valor em percentagens das respostas em Al., ou seja:

Quadro 5: Regra de três simples para cálculo da percentagem das respostas espontâneas em Al. da dimensão diastrática Ca católica.

<u>Total Respostas</u> Ca:156 = 100%				
Total Respostas em Al. Ca: 105 = X%	=	156X : 10.500%	=	X = 67,30%

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Conforme o cálculo pela regra de três, no quadro 5, a percentagem de respostas em Al. da dimensão diastrática Ca católica, resultou em 67,30%. Optou-se em arredondar as percentagens em duas casas decimais aplicando a regra de arredondamento de 00,01 a 00,50 para baixo e de 00,51 a 00,99 arredondamento para cima. Então, aplicando-se a regra de arredondamento no percentual 67,30% obtêm-se 67%.

A mesma fórmula aplica-se para o cálculo de percentagens em todas as dimensões nas duas confessionalidades. Para calcular a percentagem de respostas em Al. pela dimensão diagenérica luterana, por exemplo, soma-se o total de respostas dos informantes Masculinos (M) luteranos (43,36,40 e 33) e dos Femininos (F) luteranos (41, 34, 45,42), conforme os dados da tabela do quadro 4. A soma de respostas masculinas de 152 e de 162 femininas representa os 100% para cada gênero. Soma-se o total de respostas em Al. de cada gênero, de acordo com os dados do quadro 4. Portanto, M: 37+21+33+14=105 e F: 36+17+36+24=113. Aplica-se a regra de três para cada gênero, conforme os quadro 6 e 7 abaixo:

Quadro 6: Regra de três simples para cálculo da percentagem das respostas espontâneas em Al. da dimensão diagenérica masculina luterana.

<u>Total Respostas</u> M:152 = 100%				
Total Respostas em Al. M: 105 = X%	=	152X : 10.500%	=	X = 69,07%

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Quadro 7: Regra de três simples para cálculo da percentagem das respostas espontâneas em Al. da dimensão diagenérica feminina luterana

<u>Total Respostas</u> F:162 = 100%				
Total Respostas em Al. F: 113 = X%	=	162X : 11.300%	=	X = 69,75%

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Com a regra de arredondamento tem-se, como dado final de percentagem na aplicação de termos de parentesco sanguíneo, espiritual e neutro em Al., pela dimensão diagenérica masculina luterana de 69% e na feminina de 70%.

Para complementar os dados e a interpretação do questionário lexical, fez-se também, como último passo, o tratamento da etapa da conversa semidirigida, da leitura de textos e da parte inicial do questionário sobre as informações gerais do informante. Ouviu-se a gravação dessas etapas e realizaram-se anotações de aspectos relevantes.

Das falas da conversa semidirigida, foram anotados os termos de parentesco elaborados e registraram-se os dados em tabelas conforme quadros 8 e 9 abaixo, que são comparados com os resultados dos gráficos das respostas do questionário lexical, pois a conversa livre ou semidirigida é um estilo de uso da língua.

Quadro 8: Totais de termos de parentesco aplicados em Al., misto e em Pt. durante a conversa semidirigida no ponto de pesquisa católico / Tunápolis (SC)

Termos de Parentesco na Conversa Livre – Católica / Tunápolis/SC											
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		Total	To M	To F
Termos	M	F	M	F	M	F	M	F			
em Al.	3	6	3	7	6	10	2	2	39	14	25
Misto	0	0	1	0	0	0	0	0	1		
em Pt.	1	0	1	1	2	3	1	0	9		
Total	4	6	5	8	8	13	3	2	49		

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Quadro 9: Totais de termos de parentesco aplicados em Al., misto e em Pt durante a conversa semidirigida no ponto de pesquisa luterano / Cunha Porã (SC)

Termos de Parentesco na Conversa Livre – Luterana / Cunha Porã/SC											
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		Total	To M	To F
Termos	M	F	M	F	M	F	M	F			
em Al.	4	4	4	4	5	2	6	5	34	19	15
Misto	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
em Pt.	2	2	0	0	1	1	1	1	8		
Total	6	6	4	4	6	3	7	6	42		

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

4 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, analisa-se a aplicação dos termos de parentesco em alemão por falantes de alemão, como língua materna, pelas confessionalidades católica e luterana, em Tunápolis e Cunha Porã (SC), respectivamente. Esta análise é sincrônica, pois os dados foram coletados entre os meses de setembro e outubro de 2015 nos dois pontos de pesquisa e, também diacrônica por utilizar o tempo aparente conforme Labov (2008) representados pelos informantes da geração I – entre 18 e 36 anos – e geração II – acima de 55 anos.

A fim de responder os objetivos propostos desta pesquisa, bem como as hipóteses decorrentes, os dados de cada confessionalidade apresentam-se em tabelas e gráficos separados. Esta parte possui sete tópicos com a seguinte estrutura:

- a) o tópico 4.1 apresenta o resultado individual das respostas espontâneas, por insistência e sugeridas do questionário lexical – termos de parentesco coletados em Tunápolis e em Cunha Porã;
- b) o tópico 4.2 mostra os dados das respostas espontâneas pela dimensão diastrática – Ca e Cb;
- c) o tópico 4.3 expõe as percentagens de respostas espontâneas pela dimensão diageracional – GII e GI;
- d) o tópico 4.4 apresenta os dados das respostas espontâneas pela dimensão diagenérica – M e F;
- e) o tópico 4.5 sintetiza os dados na dimensão dialingual, somando as respostas dos quatro grupos de cada confessionalidade;
- f) o tópico 4.6 exhibe os resultados do questionário lexical agrupando as respostas espontâneas nas dimensões diastrática, diageracional, diagenérica e dialingual nos quatro espaços da cruz, separando os dados das confessionalidades (dimensão diarreligiosa) em duas cruzes;
- g) por último, no tópico 4.7 consta uma breve síntese dos dados da conversa livre semidirigida e das impressões sobre a leitura, comparando-os com os resultados obtidos na aplicação do questionário lexical.

4.1 DESCRIÇÕES INDIVIDUAIS DAS APLICAÇÕES DE CADA TERMO DE PAREN - TESCO DO QUESTIONÁRIO LEXICAL

Considerando as 33 questões sobre os termos de parentesco sanguíneo, espiritual e neutro, 16 informantes, enquadrados em duas classes socioculturais, duas gerações, dois gêneros e duas confessionalidades, observam-se grandes e significativas diferenças nas variantes apresentadas pelos falantes. Faz-se, a partir deste momento, a análise de cada questão do questionário lexical, em ordem cronológica (de 49 a 81). Os dados ora analisados estão expostos em tabela no anexo 3.

Na primeira questão sobre termos de parentesco, a de número 49, *Verwandte/ parentes*, ocorreram respostas em Al. e mistas. Quatro informantes da GII responderam *Verwander*, e dois desses quatro também responderam de forma espontânea o termo misto *Parenda*. Este termo também foi empregado por mais sete informantes da Cb. O outro informante da Cb, por insistência, respondeu também *Parenda*. Um informante da CaGII respondeu duas variantes novas de forma espontânea em Al., *Bekannter e Freunder*. *Bekannter* também foi empregado por um informante da CbGII. Somente um falante, o da CbGI, respondeu o termo *Parent*. Os quatro informantes da CaGI não tiveram nenhuma resposta espontânea. De forma geral, a variante mista *Parenda* foi a mais expressa, e os informantes luteranos foram os que apresentaram mais respostas espontâneas para esta questão.

A questão 50, *Eltern/ pais*, foi uma das questões que todos os informantes responderam de forma espontânea em Al. Um informante, além de responder em Al., também apresentou o termo misto *Papre*. Seis informantes de grupos variados apresentaram duas respostas de forma espontânea. Esta questão teve 11 respostas espontâneas por parte dos católicos, e também 11 dos luteranos. Dos 16 informantes, somente um não expressou o termo *Papa*, sendo essa uma das variantes mais empregadas.

Outra questão que obteve muitas respostas espontâneas e que todos os informantes responderam em alemão foi a 51, *Vater/ papai*. De um total de 31 respostas espontâneas, somente duas foram em Pt. *pai*. As variantes *Vater, Papa, de Alder e Pappi* foram as empregadas para a variável *Vater*. Somente um falante não empregou o termo *Papa*. Os sete indivíduos que não expressaram de forma espontânea a resposta *Vater* responderam que a conheciam. Nessa questão, também não houve muita diferença entre as confessionalidades: os católicos apresentaram 15 variantes em Al.; os luteranos, 14.

Da mesma forma, a questão 52, *Mutter / mãe*, também apresentou unanimidade nas respostas: todos usaram um termo em Al. na resposta. *Mama* foi a variante expressa por todos os falantes espontaneamente, e a variante *Mutter* foi usada por 8 informantes. Além dessas duas variantes, somente foram expressos mais dois termos: um indivíduo, da CbGII, respondeu *Mai*, variante considerada em Al.; outro, da CbGI, respondeu *Mui*, considerada mista, Al. e Pt. Das 25 respostas espontâneas em Al., 13 foram dos católicos, e 12 dos luteranos; ainda, um luterano respondeu um termo misto.

A pergunta 53, *Strohwittfrau / mãe solteira*, considerado um termo neutro por não apresentar outras relações⁶², teve 18 respostas espontâneas. Destas, 10 foram em Al. e 8 em Pt. A variante em Al. *Strohwittfrau* foi expressa por 6 informantes, 2 expressaram *Wittfrau*, 1 *lediges Mutter Fraumensch* e 1 *eine ledige Mama*. *Mãe solteira* foi a variante respondida em Pt. Os católicos expressaram 6 variantes em Al. e 2 em Pt.; os luteranos responderam 4 variantes em Al. e 6 em Pt. Também, 2 informantes católicos não expressaram uma resposta espontânea e 2 informantes luteranos apresentaram 2 variantes cada um.

Já a questão de número 54, *Baby / bebê*, teve mais respostas espontâneas de forma mista. De um total de 21 respostas, somente 6 foram em Al., sendo que 5 indivíduos falaram a variante *kleines Kind*, e um, *kleener Kind*. As demais 15 respostas ficaram distribuídos entre os termos mistos *Nenne*, *Nenneche* e *Klein Nenecher*. Dos 16 informantes, somente um da CbGII não respondeu de forma espontânea. Nessa questão, das 21 respostas, 14 foram dos católicos, e somente 7 dos luteranos. Interessante nesta pergunta foi que, ao se sugerir a variante *Baby*, do alemão padrão, a maioria dos informantes afirmou que esse termo não é alemão e que vem do português; alguns, 3 da GI, disseram que seria do inglês.

De outro modo, a pergunta 55, *Tochter/ filha*, foi respondida somente em Al. As respostas foram unânimes para a variante *Mädcher*, com 13 respostas do total de 17 respostas. 3 informantes responderam *Mädchen*, e 1, *Mäder*. 1 informante, da CaGI, respondeu somente por insistência *Mädchen*. Essa questão obteve 7 respostas de católicos e 10 de luteranos.

Diferença entre as confessionalidades também houve nas respostas da questão 56, *Sohn / filho*. Os 8 católicos foram unânimes em empregar o termo em Al. *Bubchere* e 2 destes responderam, ainda, *Jung* – totalizando 10 respostas dos católicos. Já os luteranos apresentaram 15 respostas, empregando 8 variantes diferentes, 11 em Al. e 4 mistas. 5

⁶² Conforme Thun (2005a).

informantes responderam *Jung* e 1 *Juncher*, 2 usaram o termo *Sohn*, 1 expressou *Buber*, 1 *Bubi* e 1 luterano respondeu o termo *Bubcher*, empregado pelos católicos. As 4 mistas foram 1 *Guri* e 3 *Guricher*.

Praticamente iguais também foram as repostas à questão 57, *Zwillinge* / *gêmeos*. Somente houve uma resposta em Pt. *gêmeos* do grupo CbGI. As demais respostas foram em Al. e todos os termos provindos da mesma raiz *Zwilling*-. Cada um dos 16 informantes expressou somente uma resposta espontânea. 13 responderam *Zwilling*, 1 *Zwillingcher* e 1 *Zwillings*. Os católicos responderam 8 termos em Al.; os luteranos, 7 em Al. e 1 em Pt.

A pergunta 58, *Jünger* / *caçula*, também teve unanimidade nas respostas: 16 foram em Al. e 2 mistas. A variante *Jünger* foi empregada por 15 informantes. Um destes, da CbGI, expressou ainda em Al. *de Kleenster*; e dois dos 15, um da CaGII e outro da CbGII, ambos luteranos, responderam o termo misto *nene*. 9 respostas em Al. foram dos católicos e 7 dos luteranos.

Igualdade nas respostas também apresentou a questão 59, *Kinder* / *filhos*. As 17 respostas faladas foram em Al. 13 informantes responderam *Kinner* e 4 *Kinder*. 1 informante da CbGI não respondeu de forma espontânea e por insistência usou o termo *Kinner*. 9 respostas foram dos católicos e 8 dos luteranos.

A variável *Vater-/ Mutterlos* / *órfão*, termo de parentesco neutro⁶³, da questão 60, foi a que apresentou mais variantes em Al.: *Vaterlos*, *Mutterlos*, *Papalos*, *Mamalos*, *Waisekinner*, *Waisekind*, *ohne Papa und ohne Mama*, *Papa und Mama varloor*, *angenohmes Kind*, *dunkelkind*, *Das Kind hat kein Papa und kein Mama mehr*, *hat kein Eltern mehr*, *Elternlos*. Das 14 respostas espontâneas em Al., 10 foram expressas pelos dois informantes da GIICa católicos, 1 foi elaborada pela GIICb M católica, 1 pela GIICa F luterana, 2 pelos informantes da GIICb luterana. 5 respostas foram por insistência, 21 sugestões aceitas e 21 não aceitas. 3 informantes não responderam a questão. Esta obteve uma variante mista *abandoniert* respondida 2 vezes por insistência, e 3 respostas foram espontâneas em Pt. *Orfong*. Os católicos apresentaram mais variantes em Al. com 11 respostas espontâneas, porém 5 variantes foram sempre expressas pelos 2 informantes da GIICa. Os luteranos apresentaram somente 1 resposta espontânea em Al.

⁶³ Conforme Thun (2005a).

A questão 61, *Brüder / irmãos*, também obteve todas as 22 respostas em Al. Sendo, que 20 termos provem da mesma raiz *Brüde-*. Assim, 9 foram *Brieder*, 8 *Bruder*, 2 *Brüder* e 1 *Brüders*. 2 informantes, da CbGII, também expressaram a variante *Geschwister*. Entre as confessionalidades, o resultado também foi igual: 11 respostas católicas e 11 luteranas.

Semelhantes foram as respostas à pergunta 62, *Geschwister / irmãos*. As 17 respostas foram em Al. por 15 informantes; um informante, da CbGI, não expressou nenhuma variante de forma espontânea. A variante *Geschwister* foi empregada 13 vezes, *Brüders* 2 vezes e *Bruders* 1 vez. Quanto às confessionalidades, 8 respostas foram católicas e 9 luteranas.

O mesmo ocorreu na questão 63, *Schwestern / irmãs*: as 15 respostas expressadas foram em Al.; 2 informantes, da CaGII, não falaram nenhuma variante de forma espontânea mas afirmaram que conheciam o termo *Schwestern*. 3 variantes provem da raiz *Schwest-* e que foi empregada por 8 informantes no termo *Schwestern*, por 2 na palavra *Schwesters* e por 2 em *Schwestra*. 1 informante, da CbGI, expressou *Bruder Mädcher*. Os católicos elaboraram 6 respostas e os luteranos 9 respostas.

A questão 64, *Onkel / Tio*, também foi respondida com termos em Al. com variações do termo *Onkel*. Cada um dos 16 informantes apresentou uma variante. 4 responderam *Onkel*, 7 *Ongel* e 5 *Ungel*. Houve 8 respostas católicas e 8 luteranas.

De semelhante modo, a pergunta 65, *Tante/ tia*, apresentou as 13 respostas em Al.; 3 informantes, 2 da CaGI e 1 da CbGI, não responderam de forma espontânea mas afirmaram que conheciam o termo *Tander*. A variante mais usada nesta questão foi *Tander*, por 11 informantes. 1 informante respondeu *die Ungel* e 1 *die Mama sein Schwester* – ambos são da CaGI.

Diferente foi o resultado da questão 66, *Cousin / primo*. Das 20 respostas espontâneas, somente 2 foram em Al., 6 com termos mistos e 12 em Pt. As duas respostas em Al. registraram a variante *Cousin*, expressa pelos informantes da CaGII e da CaGI. Os termos mistos foram *Parent*, usada por 2 informantes; *Erster Primo*, empregada também por 2 informantes; *Erster Parenda*, por 1 informante; e *Prime*, também por 1 informante. A variante em Pt. *primo* foi expressa por 12 informantes. Quanto às confessionalidades, os 8 católicos responderam em Pt. – 3 falaram também termos mistos. Dos luteranos, 2 responderam em Al., 4 em Pt. e 2 com termos mistos.

Também as respostas da questão 67, *Cousine / prima*, foram a maioria em Pt.: 12 respostas do total de 16. 2 respostas foram em Al. *Cousine* e 2 com o termo misto *Parent*. Um informante, da CaGII, não expressou qualquer variante espontânea; e um informante, da CaGII, respondeu um termo em Al. e outro em Pt. espontaneamente. Os católicos elaboraram 6 respostas em Pt. e 2 com termos mistos, enquanto os luteranos expressaram 2 em Al. e 6 em Pt.

A questão 68, *Neffe / sobrinho*, foi totalmente unânime nas respostas dos 16 informantes em Pt. *sobrinho*. Também a pergunta 69, *Nichte / sobrinha*, teve 16 respostas dos 16 informantes em Pt. *sobrinha*. Porém, um informante, da CaGI, respondeu em Al. *Mein Schwester sein Kind*. Assim, 9 respostas foram dos católicos e 8 dos luteranos.

A pergunta 70, *Großeltern / avós*, obteve 19 respostas: 14 em Al. e 5 com termos mistos. 6 informantes responderam *Großeltern*, 3 *Großvater und Großmutter*, 2 *der Vater und die Mutter*, 2 *die Großmutter und de Großvater* e 1 *Großvaters*. O termo misto *Die Wowwo* foi usado 4 vezes e *Wowws* 1 vez. 6 respostas em Al. e 4 com termos mistos foram dos católicos e 8 respostas em Al. e 1 com termo misto foi dos luteranos.

Muitas variantes teve a questão 71, *Großvater / vovô*, com 28 respostas espontâneas: 21 em Al. e 7 com termos mistos. 5 variantes foram em Al., 11 respostas com *Großvater*, 6 com *Opa*, 2 com *Vater*, 1 com *Großwowwo* e 1 com *Opapa*. *Wowwo* foi a variante mista empregada 7 vezes. 8 respostas em Al. os católicos expressaram e 13 os luteranos. Dos termos mistos, 6 foram dos católicos e 1 dos luteranos.

A pergunta 72, *Großmutter / vovó*, obteve 27 respostas: 24 em Al. e 3 em termos mistos. 12 respostas foram a variante em Al. *Großmutter*, 12 a variante *Oma*, 3 *Mutter*, 2 *Großmotttere* 1 *Motter*. Termos mistos: 2 expressaram *Wowwa* e 1 *Wowwo*. Os católicos responderam 11 variantes em Al. e os luteranos 13. Os termos mistos foram respostas de católicos.

A questão 73, *Enkelkind / neto ou neta*, por outro lado, teve menos respostas, um total de 17: 11 em Al. e 6 em Pt. O termo em Al. *Engelkinner* foi empregado 6 vezes, *Engelkinder* 2 vezes, *Enkelkind* também 2 vezes e *Engelche* uma vez. A resposta em Pt. *netos* teve 4 respostas e *netinhos* 2. 4 respostas em Al. foram dos católicos expressaram e 7 dos luteranos. Os católicos apresentaram 4 termos em Pt. e 2 os luteranos.

Bem menor foi o número de respostas à questão 74, *Urenkelkind / bisneto ou bisneta*. Somente 9 respostas em Al. e 4 em Pt., 3 informantes não elaboraram qualquer resposta espontânea. *Urenkelkinner* foi expressa por 4 informantes, *Urengelkinner* por 3 informantes, *Urengel* por 1 e *Urengelche* também por 1 informante. Os termos em Pt. *bisneto* e *bisneta* foram elaborados cada um por 2 informantes. 4 católicos e 5 luteranos responderam em Al. e 2 católicos e 2 luteranos responderam em Pt.

Também a pergunta 75, *Urgroßeltern / Bisavós*, obteve somente 13 respostas espontâneas, sendo que 8 em Al., 2 com termo misto e 3 em Pt. 5 informantes não responderam a questão de forma espontânea e 2 apresentaram 2 variantes. Os termos em Al. foram 3 variantes. 6 informantes responderam *Urgroßvater und Urgroßmutter*, 1 respondeu *Großmutter und Großvater* e 1 *de Großvater sein Papa*. O termo misto *Urwowo* foi expresso 2 vezes e o termo em Pt. *bisavós* 3 vezes. 2 católicos responderam em Al., 2 com termos mistos e 2 em Pt. Os luteranos, por sua vez, 6 em Al. e 1 em Pt.

Semelhante foi o resultado da questão 76, *Urgroßvater / bisavô*. 9 respostas foram em Al. e 3 em Pt. 4 informantes, da GI, não apresentaram resposta de forma espontânea. Por outro lado, os 8 informantes da GII responderam em Al. *Urgroßvater* e 1 da GI respondeu *zweimal Großvater*. 3 informantes da GI responderam em Pt. *bisavô*. Os católicos responderam 5 variantes em Al. e 3 em Pt., enquanto os luteranos, somente 4 variantes em Al.

A pergunta 77, *Urgroßmutter / bisavó*, também obteve 8 respostas dos informantes da GII em Al. *Urgroßmutter*; destes, 2 ainda expressaram em Al. *Urgroßmotter*. 1 informante, da GI, expressou em Pt. *Bisavó*, e os demais 7 informantes da GI não responderam a questão de forma espontânea. Nas confessionalidades, 6 respostas em Al. foram dos católicos e 4 dos luteranos; e 1 católico respondeu em Pt.

Parte-se, agora, para a análise individual das respostas das questões dos termos de parentesco espiritual. A questão 78, *Taufpatt / padrinho*, apresentou 18 respostas em Al. e 2 em Pt. Com exceção de 2 informantes da CaGI, que responderam em Pt. *padrinho*, os demais 14 responderam a variante em Al. *Patt*. Destes 14, 4 informantes das GII dos católicos expressaram, ainda, a variante *Ferrepatt*, que se refere ao padrinho da primeira eucaristia. Os luteranos não possuem essa modalidade de padrinhos. Foram totalizadas, assim, 12 respostas em Al. pelos católicos e 6 pelos luteranos, também 2 respostas em Pt. dos luteranos.

Parecidos foram os resultados da pergunta 79, *Taufgoht* / *madrinha*, a qual teve 13 respostas em Al. de 13 informantes. 2 dos 13, da CbGII católica, ainda responderam em Al. *Ferremgoht*. Totalizaram-se 15 respostas em Al, sendo 10 dos católicos e 5 dos luteranos. 2 luteranos expressaram-se em Pt. *Madrinha* e 1 informante, da GI, não respondeu a questão de forma espontânea.

A pergunta 80, *Pattensohn* / *afilhado*, obteve 10 respostas em Al., 1 termo misto *afilhad* e 6 em Pt. *afilhado*. As variantes em Al. foram *Pattche*, elaborada 8 vezes, *Taufkind* 1 vez e *Patteskind* também 1 vez. 2 informantes, da CaGI, não responderam de forma espontânea; e 2 informantes, da GII, apresentaram 2 variantes cada um. Os católicos responderam 5 variantes em Al. e 2 em Pt. Os luteranos também apresentaram 5 variantes em Al., 1 mista e 4 em Pt.

Menos respostas obteve a questão 81, *Pattentochter* / *afilhada*. Do total de 11 respostas, 8 foram em Al. *Gohtche* e 3 em Pt. *afilhada*. 4 respostas em Al. foram dos católicos e 4 dos luteranos, todos da GII. As 3 respostas em Pt. foram de luteranos, da GI, e 5 informantes da GI não responderam a questão de forma espontânea.

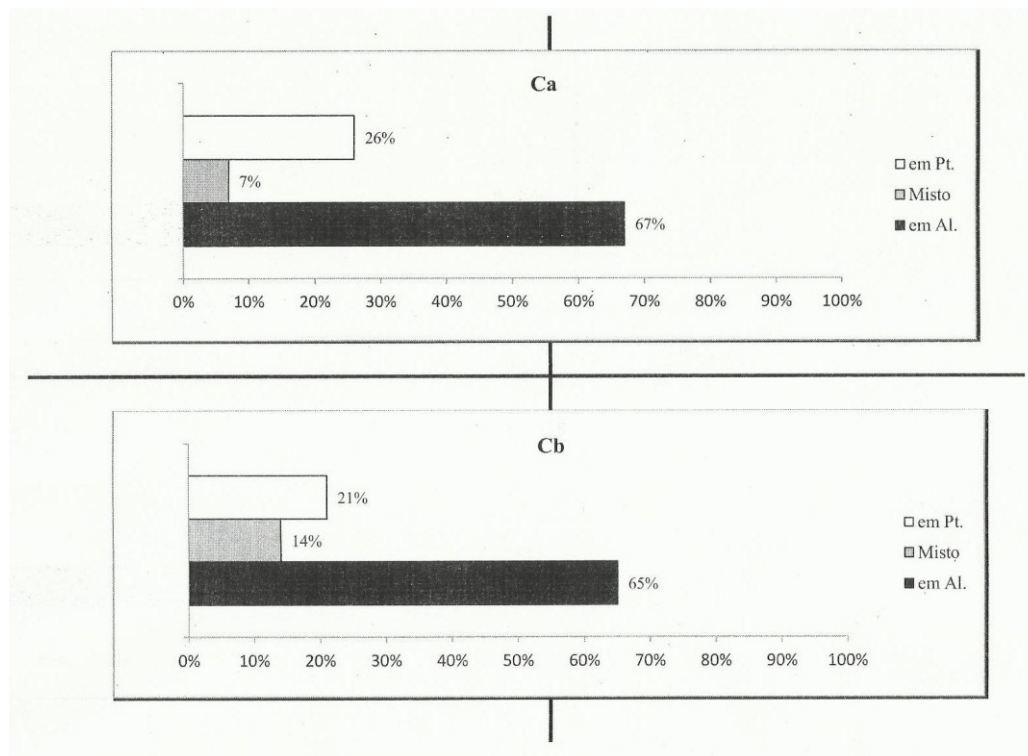
4.2 DIMENSÃO DIASTRÁTICA

Nesta parte da pesquisa, descreve-se e analisa-se a manutenção, a variação e a substituição dos três grupos de termos de parentesco pela dimensão diastrática a partir das respostas espontâneas ao questionário lexical. Os dados estão expostos em gráficos em duas cruzes, uma católica e outra luterana.

Inicia-se pela descrição dos dados do ponto de pesquisa católico de Tunápolis. No quadro 10 a seguir, observa-se que o grupo Ca aplica mais os termos em Al. (67%), mas com uma mínima diferença de 2% em relação a Cb, que emprega 65% dos termos em Al. Os termos mistos estão mais presentes na Cb (14%), e a Ca apresenta um número bem inferior (7%). De outra forma, o grau de substituição do Al. pelo Pt. ocorre mais na Ca, com 26%, e na Cb, com 21%.

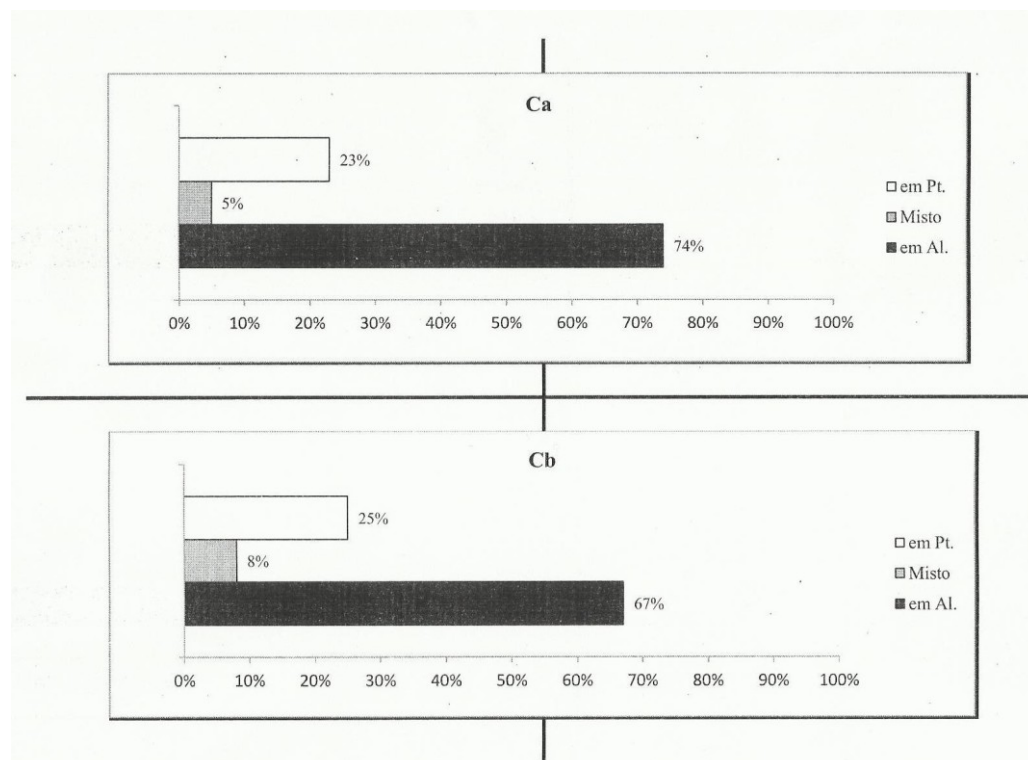
Para uma melhor visualização comparativa expõe-se logo após o quadro 10, também o quadro 11, com os dados da cruz luterana.

Quadro 10 – Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al., misto e em Pt. a partir da dimensão diastrática católica / Tunápolis (SC).



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Quadro 11 – Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al., misto e em Pt. a partir da dimensão diastrática luterana / Cunha Porã (SC).



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Entre os luteranos, de acordo com o quadro 11 a cima, a manutenção do alemão também é realizada mais pela Ca (74%) em relação à Cb (67%). E os termos mistos ocorrem mais na Cb (8%) em relação aos 5% da Ca. Da mesma forma, a substituição do Al. pelo Pt. ocorre mais na Cb (25%) seguida com 23% da Ca.

Observando-se as cruzes católica e luterana lado a lado, constata-se que a cruz luterana apresenta mais porcentagem na manutenção do alemão tanto na Ca (74%) como na Cb (67%) em relação às classes socioculturais católicas, 67% e 65% respectivamente. Nos dois pontos de pesquisa, é a Ca que mais mantém o alemão em relação à Cb. Entre a Cb luterana e a Ca católica, houve um empate de 67% no grau de manutenção. A Cb católica apresenta menos manutenção do alemão e, por outro lado, é a que apresenta a maior porcentagem em termos mistos (14%) seguida pela Cb luterana (8%), depois a Ca católica (7%) e a Ca luterana, com o menor dado: 5%.

Na substituição do Al. pelo Pt., as diferenças entre as classes não são grandes. A Ca católica lidera no grau de substituição, com 26%; seguida pela Cb luterana, com 25%; a Ca luterana, com um grau de 23%; e a Cb católica apresenta o menor grau, 21%.

De uma forma geral, pela dimensão diastrática, é a Ca que mantém mais o alemão nas duas confessionalidades; e, entre elas, a luterana apresenta 7% a mais. Ao mesmo tempo, essas duas classes socioculturais apresentam menos termos mistos em relação à Cb. Uma explicação plausível para tal situação é a de que a Ca, por possuir um grau de formação maior, tem mais o hábito da leitura e de estudar, e se aplica esse hábito na área das línguas; além disso, as línguas são empregadas para ler e estudar. Alguns informantes da Ca afirmaram que estudaram também um pouco de alemão. O ler e o estudar mantêm mais a língua por ela estar sendo aplicada. Quanto mais se emprega algo, mais se automatiza. Numa língua, o domínio em mais habilidades favorece a sua manutenção, de acordo com Mackey (1972), Grosjean (1982) e King e Mackey (2007).

Essas características justificam tanto o baixo grau de elaboração de termos mistos, como também, o baixo emprego de termos em Pt. Como realizou-se uma conversação em Al., os falantes demonstraram um alto conhecimento dessa língua, sem a necessidade de recorrer a outra – somente quando realmente não sabiam o termo em Al.

De acordo com Thun (1998, 2005a), uma formação escolar maior provoca mais conhecimento e, por consequência, mais conscientização. A Ca possui mais consciência sobre

o seu conhecimento de línguas e, assim, discerne entre o emprego de uma ou de outra. Esta é, também, uma explicação para o menor número de termos mistos elaborados pela Ca (5%) na luterana em relação aos 8% da Cb e entre os católicos da Ca (7%) e da Cb (14%), uma vez que a elaboração de termos mistos indica uma fase de transição no emprego de línguas, conforme Horst (2011). O falante não conhece o termo na variedade alemã, mas tenta criar um termo adequado. Porém isto não ocorre quando o falante possui mais conhecimento nas línguas e sobre as línguas e é o caso da Ca.

Esses resultados e as prováveis explicações da sua ocorrência estão de acordo com o que Thun (1998, 2005a) também constatou em suas pesquisas. Para o autor, uma maior formação provoca uma maior consciência linguística; conseqüentemente, uma maior diferenciação entre elas e uma maior manutenção. Assim como na pesquisa de Thun (1998), no presente estudo, os informantes CaGII são professores e apresentaram uma inclinação na aplicação de uma variedade mais padronizada tanto em português como em alemão. No caso desta pesquisa, os informantes estão conscientes da preservação da língua minoritária. Essa conscientização observou-se na resposta às perguntas metalinguísticas, no início do questionário. Os informantes da CaGI também apresentaram vários comentários metalinguísticos, demonstraram uma consciência sobre o seu conhecimento linguístico e a sua manutenção.

A língua minoritária, para os informantes da Ca dos pontos de pesquisa, possui uma funcionalidade nos diferentes domínios sociais, conforme reflete Fishman (1972 apud RODRIGUES, 2015). Os informantes da Ca afirmam que trocam de código dependendo, principalmente, do fator interlocutor no momento da interação, também de acordo com o que Heredia (1989) defende. Nos contatos linguísticos, eles possuem consciência de qual código estão empregando.

Entre os falantes de alemão da Ca de Tunápolis e Cunha Porã, ocorre o que muitos estudiosos afirmam (MACKEY, 1972; FISHMAN, 1965, 1972; CLYNE, 1982; BOYD, 1985; HYLSTENSTAM; STOUT, 1991; RODRIGUES, 2015; HEREDIA, 1989): em quanto mais grupos de domínios a língua é empregada, mais ela se mantém. Conforme as falas dos entrevistados, em Tunápolis, praticamente em todos os locais eles falam alemão – dependendo de se o interlocutor também compreende alemão. Em Cunha Porã, de outra forma, os informantes afirmaram que nem em todos os locais empregam alemão por falta de interlocutores que falem essa língua; porém, os informantes alegam que, em muitos

momentos, poderiam empregar alemão, quando todos os interlocutores o entendem, mas optam inconscientemente em empregar o português.

Pertille (2009) e Altenhofen (2011) afirmam que os de classe mais baixa são colonos ou, no caso dos imigrantes, descendentes de colono, e a língua que os colonos falam é considerada errada e de pouco prestígio, por isso o alemão do colono não é mantido ou difundido entre falantes. Esta realidade se percebeu nas falas de informantes da Cb que, nos dois pontos de pesquisa, em alguns momentos da entrevista afirmaram que o alemão falado por eles é feio ou errado. Nisto consiste a explicação da percentagem de manutenção ser menor na Cb.

Conforme Labov (2008), Krug (2004), Altenhofen (2011), a língua identifica o grupo ao qual você pertence. Se o grupo possui *status* e prestígio, a língua desses falantes também possui. Como os da Cb, na maioria dos casos, são agricultores ou têm uma profissão não tão bem reconhecida, não possuem *status*, sua língua não possui prestígio e, assim, não é difundida. Isto se aplica aos falantes da Cb de Tunápolis e de Cunha Porã. Dos quatro informantes da Cb católicos, somente a F da GI não é agricultora, mas é atendente de serviços gerais na prefeitura. Por outro lado, dos informantes da Cb de Cunha Porã, as duas mulheres são agricultoras; dos homens, um é motorista e o outro da GI, possui um pequeno mercado num bairro da cidade e é filho de agricultor.

Pelos gráficos demonstrados nas cruzes nos quadros 10 e 11, verifica-se que não há um diferencial muito grande em percentagem na manutenção do alemão entre as classes socioculturais. Por exemplo, entre os católicos, somente há uma diferença de 2% da Ca sobre a Cb; porém entre os luteranos há um diferencial mais considerável de 7%.

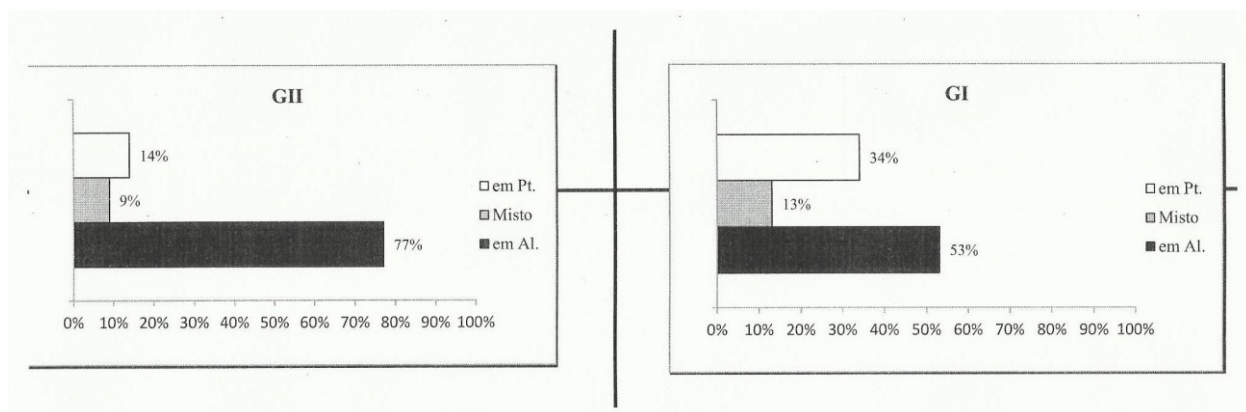
Portanto, percebe-se que um grau maior de conhecimento, pertencer a um grupo de maior prestígio e empregar a língua em vários grupos de domínios são fatores que implicam a manutenção da língua.

4.3 DIMENSÃO DIAGERACIONAL

Neste tópico, apresenta-se e analisa-se a aplicação dos três tipos de termos de parentesco pela dimensão diageracional através das respostas espontâneas, a fim de verificar como está a situação do alemão entre a geração GII, acima de 55 anos, e a geração GI, entre 18 e 36 anos. Os dados estão agrupados em duas cruzes, uma católica e outra luterana.

Na cruz católica, observa-se pelas percentagens no quadro 12, abaixo, que a GII mantém mais o alemão (77%) em relação à GI (53%). Esta também apresenta a maior percentagem de termos mistos (13%) em relação à GII (9%); também, um grau bem maior de substituição do alemão pelo português: 34% da GI e 14% da GII.

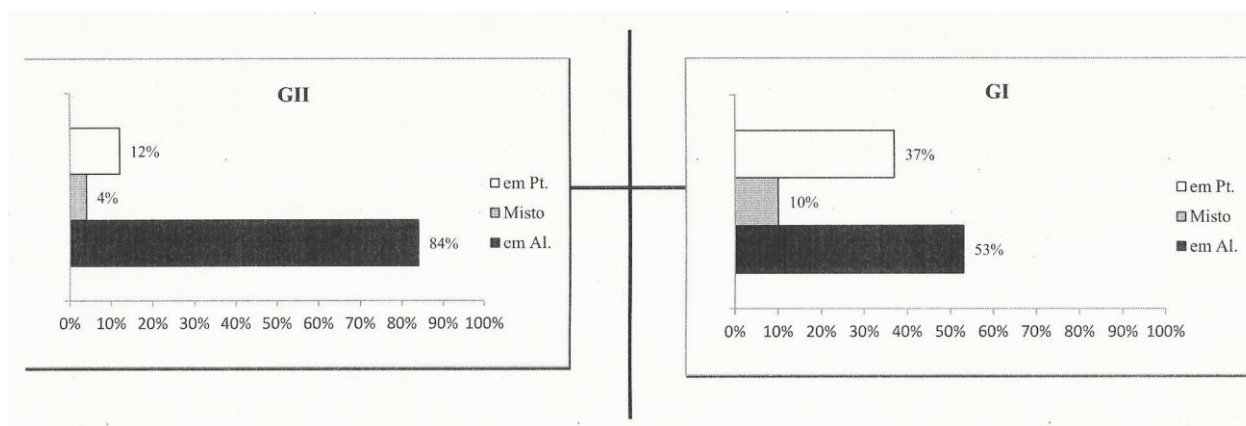
Quadro 12 – Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al., misto e em Pt. a partir da dimensão diageracional católica / Tunápolis (SC).



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Na cruz luterana, também é na GII, quadro 13 a seguir, que ocorre o maior grau de manutenção (84%); a GI tem um grau bem menor: 53%. No mesmo sentido, a GI apresenta o maior número de termos mistos, com 10%; enquanto na GII esse índice é de 4%; também o maior grau de substituição é na GI (37%), e de 12% na GII.

Quadro 13– Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al., misto e em Pt. a partir da dimensão diageracional luterana / Cunha Porã (SC).



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Comparando os dados das duas cruzes, denota-se que nas duas confessionalidades é a GII que mais mantém o alemão, e os luteranos possuem 9% a mais de manutenção em relação

aos católicos na GII. A GI apresenta um grau bem inferior, com um empate de 53% entre as confessionalidades. Na GI católica, ocorre o maior dado de termos mistos (13%), seguida pela GI luterana (10%), depois a GII católica (9%) e com menor grau a GII luterana (4%). O grau de substituição está maior na GI luterana (37%), seguida pela GI católica (34%), depois a GII católica e, com menor grau, a GII luterana.

Assim, denota-se que a GII mantém mais o alemão. Isto ocorre pelo fato de ela ter vivenciado um período com os seus pais com uma aplicação do alemão nos mais diferentes espaços e domínios, principalmente com a família bem maior que hoje, a GI. Segundo Mackey (1972), Heredia (1989), Fishman (2006) e Krug (2004), a quantidade de interlocutores que possuem conhecimento da língua favorece um maior número de contatos, o que beneficia a manutenção. Há mais de 55 anos havia mais contatos com o alemão e menos interferências do português.

Além disso, os informantes acima dos 55 anos frequentaram a *Unterricht* (catequese para os católicos e ensino confirmatório para os luteranos) em língua alemã – liam, escreviam e conversavam em alemão. Conforme informações dos informantes, no questionário geral, eles tinham que ter conhecimento oral e escrito da variedade alemã padrão do Pai Nosso, Credo Apostólico, Ave Maria, Os Mandamentos e fazer a leitura da Bíblia em língua alemã. Com isso, muitos foram alfabetizados na variedade alemã padrão. Os pais desses informantes somente dominavam a variedade alemã, e nas quatro habilidades. Assim mantiveram mais a sua língua. Faz parte da cultura alemã o hábito da leitura, conforme Krug 2004. Este hábito os informantes também adquiriram com os seus antecedentes; e a realização da leitura mantém mais a língua por ser habilidade adicional e também por ser mais padronizada, sem interferências ou com menor interferência de outras línguas, de acordo com Mackey 1972.

A GII, desde a sua infância, nos dois pontos de pesquisa, pôde empregar a variedade alemã em vários diferentes grupos de domínios e com bastante frequência; isto, segundo Heredia (1989), Fishman (2006) e Weinreich (1970 [1953]), favorece a manutenção da língua.

Também se observa nitidamente que o grau de manutenção diminuiu de uma geração a outra. Na luterana, essa queda foi maior: em dados mais gerais, percebe-se que, entre os luteranos, a diminuição foi de 31%; entre os católicos, de 24%. Os termos mistos, tiveram mais ocorrência na GI de ambas as confessionalidades, sendo que é maior na católica do que na luterana, com 4% de diferença. O grau de substituição também foi maior na GI; neste aspecto, os luteranos apresentaram uma percentagem de 3% maior que os católicos.

A queda maior no grau de manutenção do alemão entre as gerações e, entre os luteranos, é explicável, de acordo com Thun (1996) e Altenhofen (2011), pelo fato de estes viverem num espaço no qual há mais mobilidade e mais contatos, principalmente com o português, por ser uma comunidade mais aberta devido à sua localização e a presença de grandes empresas que criam muitos vínculos empregatícios como no caso da filial da Aurora Alimentos no município de Cunha Porã. Neste ponto de pesquisa, há a ocorrência da uniformidade da língua, conforme refere Labov (2008). A variedade portuguesa, como língua majoritária, está se uniformizando entre a comunidade.

Tunápolis, por outro lado, onde vivem os católicos desta pesquisa, é um local mais isolado e que realiza menos contatos, assim consegue manter mais a língua minoritária, conforme teoria de Fishman (2006) e Labov (2008). Por outro lado, Tunápolis possui a disciplina de língua alemã no currículo escolar e, de acordo com Heredia (1989), Altenhofen (2011) e Dück (2011), o grau de institucionalização da língua interfere a favor da sua manutenção, por ela estar representada e, conseqüentemente, valorizada nas instituições formais.

Observa-se a presença marcante do fator igreja na manutenção do alemão na GII. De acordo com Mackey (1972), Heredia (1989), Fishman (2006), Altenhofen (2004a, 2004b, 2011), Krug (2004), Dück (2011), Horst (2014), Rodrigues (2015), a igreja é um aspecto muito relevante que exerce interferência na manutenção ou na substituição de uma língua através de várias formas: estabelecimento de fronteiras, ensino, endogamia e exogamia, identidade de grupo, emprego da variedade padrão em materiais impressos, inclusive a Bíblia, e outras dependendo do contexto.

Na presente pesquisa, a questão religiosa é um fator de influência a favor da manutenção, por ela demarcar a identidade de um grupo conforme Krug (2004), neste caso, dos luteranos que se identifica com a língua alemã. Por outro lado também a influencia da igreja e a manutenção em grau maior por parte dos luteranos deve-se conforme afirma Willems (1980) ao fato de que estes empregam mais a variedade alemão padrão, através de materiais impressos, o que auxilia na sua manutenção.

A grande importância da relação entre manutenção do alemão e igreja denota-se também quando se observam os resultados da GII e da GI. A GII, nos dois pontos de pesquisa, relatou uma estreita relação de vivência com a igreja; a GI, por outro lado, raramente apresenta alguma questão religiosa. Então, observa-se um declínio no

envolvimento com a igreja e, paralelamente, um declínio na manutenção do alemão. Willems (1980) defende que o cultivo da língua de um povo, depende do cultivo da sua religião.

De acordo com Heredia (1989), Krug (2004) e Margotti (2004), de uma forma geral, a língua segue um estágio decrescente, da geração de mais idade para a geração mais nova – é o que se percebe nos pontos de pesquisa do presente estudo. Ainda conforme os mesmos autores, se a língua for empregada por ambas as gerações, ela está bem presente. Nas duas confessionalidades o alemão ainda se fala nas duas gerações: na GII católica, com um percentual de 77%; na luterana, de 84%. Na GI, apesar da diminuição, ainda está acima dos 50%, com um grau de 53% em ambas as confessionalidades. Portanto, ainda há um percentual considerável de manutenção, porém o declínio está aumentando de geração a geração e a tendência é o alemão ser substituído.

A GI não adquire mais um conhecimento do alemão suficiente para se comunicar fluentemente. Ela está numa fase de transição entre as línguas que se observa através do emprego de termos mistos. Por falta de conhecimento do termo em Al., o falante adapta e cria termos mistos entre as duas línguas.

Este é o aspecto do linguicídio apresentado por Skutnabb-Kangas e Phillipson (1996), uma vez que os falantes estão deixando a língua morrer, não oferecendo suporte para a manutenção do alemão. Principalmente, os falantes são os próprios responsáveis pelo linguicídio, pois não estão repassando o conhecimento no próprio ambiente familiar, de pais para filhos. Esta observação, sobre a responsabilidade do próprio falante pela manutenção do alemão, os informantes, principalmente os da Ca, expuseram no momento da aplicação do questionário geral.

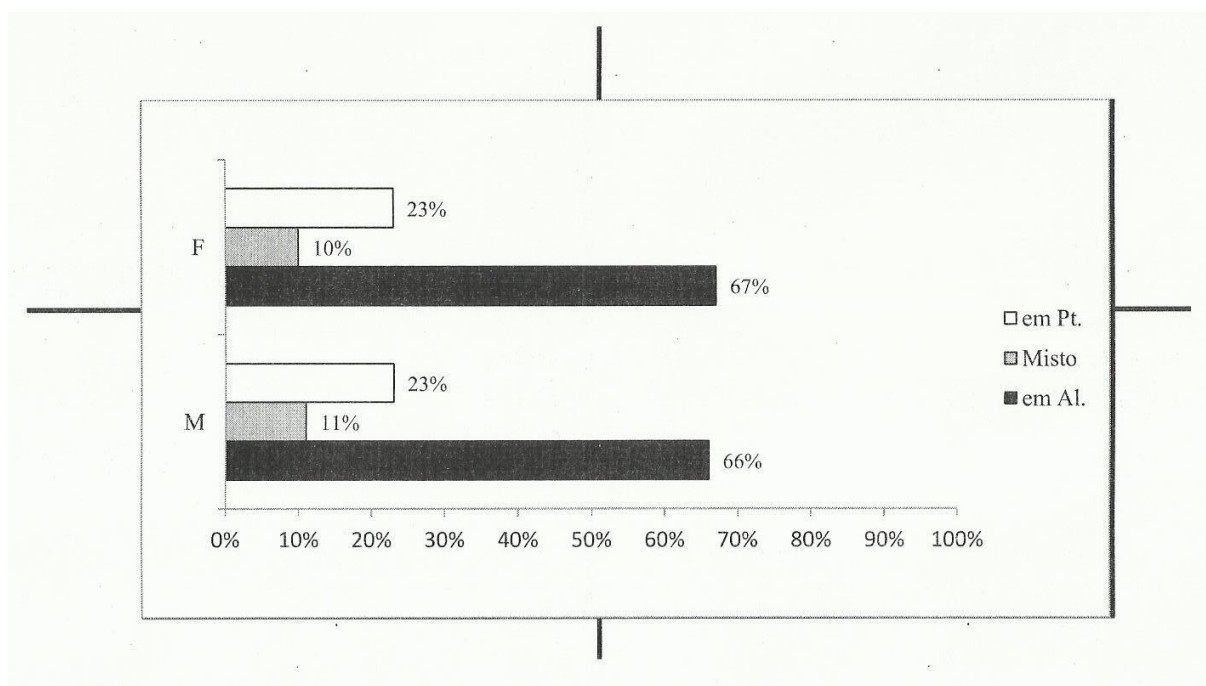
4.4 DIMENSÃO DIAGENÉRICA

O grau de emprego dos três grupos de termos de parentesco somados apresenta-se e analisa-se pela dimensão diagenérica, ou seja, o grupo masculino e o grupo feminino, neste tópico. Os resultados também são expostos através de duas cruzeiras, a católica e a luterana.

Inicialmente, denota-se na cruz católica, no quadro 14 a seguir, que as mulheres possuem um percentual maior na aplicação dos termos em Al. (67%) em relação aos homens (66%). Nos termos mistos, são os homens que apresentam um grau maior (11%) em relação às mulheres (10%). No aspecto de substituição do Al. pelo Pt., o percentual é igual nos dois grupos: 23%.

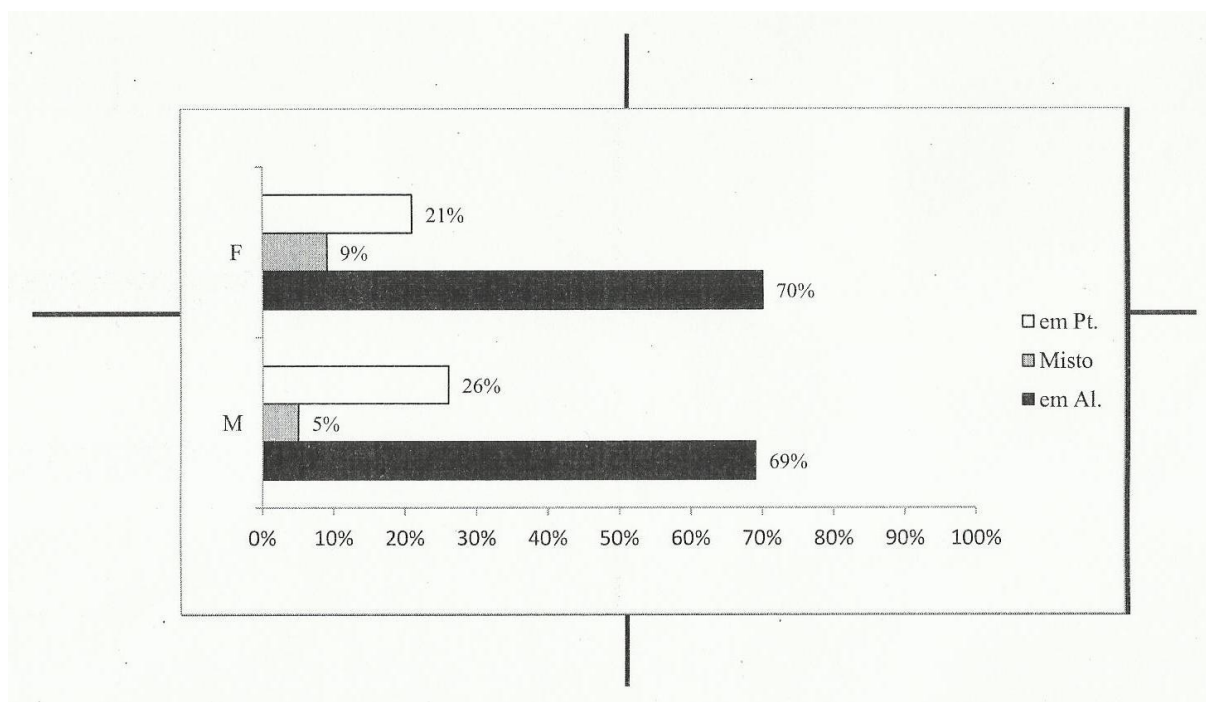
Logo a seguir, após o quadro 14, expõem-se a cruz luterana no quadro 15, a fim de haver uma melhor visualização comparativa.

Quadro 14 – Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al., misto e em Pt. a partir da dimensão diagenérica católica / Tunápolis (SC).



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Quadro 15 – Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al., misto e em Pt. a partir da dimensão diagenérica luterana / Cunha Porã (SC).



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Na cruz luterana, quadro 15 acima, também são as mulheres que mantêm mais o alemão (70%) em relação aos homens (69%). Mas nos termos mistos são as mulheres que possuem um percentual maior (9%) que o dos homens (5%). O grupo M, por sua vez, está à frente na substituição do alemão pelo português, com 26%; o grupo F apresenta índice de 21%.

Relacionando as duas cruzes, observa-se que são as mulheres das duas confessionalidades que mantêm mais o alemão, e as luteranas apresentam um grau maior (70%) em relação às católicas (67%). No grupo masculino, também são os luteranos que mantêm mais o alemão (69%) em relação aos católicos (66%). Constata-se, ainda, que os homens luteranos representam um percentual maior (69%) do que as mulheres católicas (67%).

Nos termos mistos, são os homens católicos que demonstram a maior ocorrência (11%), seguidos pelas mulheres católicas (10%) e as mulheres luteranas (9%); com o menor índice, os homens luteranos (5%). Por outro lado, também são os homens luteranos que mais substituem o alemão pelo português (26%), seguidos pelos dois grupos católicos (23%); com menos substituição, estão as mulheres luteranas (21%).

Os dados indicam que as mulheres apresentam 1% a mais nos termos em Al. do que os homens nas duas confessionalidades. São as mulheres também que apresentam o maior número de termos mistos em relação aos homens na confessionalidade luterana, com uma diferença de 4%, porém entre os católicos são os homens que possuem 1% a mais nos termos mistos. Na substituição, entretanto, os homens luteranos substituem mais que as mulheres (5% a mais), mas entre os católicos ocorre um empate no percentual de 23%.

Labov (2008) defende que as mulheres são as mais suscetíveis às mudanças, procuram estar atualizadas e de acordo com o padrão, o que possui mais prestígio na sociedade. Diante disso, seriam elas as principais responsáveis pela substituição da língua minoritária pela majoritária. Conforme o autor, as mulheres conversam mais que os homens, permanecem mais tempo com as crianças e exercem mais influência sobre elas. Diante disso, a mulher seria a maior responsável por mudanças linguísticas e, no caso do presente estudo, pela substituição. Mas os resultados da pesquisa não comprovam essa teoria, uma vez que são as mulheres que apresentam o percentual maior que os homens no emprego de termos em Al.

Paiva (2003) afirma que os papéis masculino e feminino estão sofrendo alterações constantemente nas diferentes sociedades. Além disso, o comportamento conservador depende da história individual e das histórias culturais de cada região. Portanto, de acordo com Paiva (2003), não se pode generalizar.

Porém, Bortoni-Ricardo (1985) defende que o que influencia diretamente no comportamento linguístico é o papel social do falante, se ele está incluso ou não na sociedade. A interação na sociedade ou o isolamento determinam os contatos com a língua majoritária.

Numa tentativa de interpretação dos resultados desta pesquisa, observemos primeiramente a situação das informantes dos locais da pesquisa e os resultados individuais em números reais da manutenção do alemão no emprego dos termos de parentesco coletados. Das 4 informantes católicas, a da CaGI possui restaurante na cidade, no qual é recepcionista; ela apresentou mais termos em Al. que o homem⁶⁴ que é agricultor e mora com a família na área rural. A informante CbGI é atendente de serviços gerais na prefeitura municipal e mora na cidade; ela também elabora mais termos em Al. em relação ao homem que é agricultor e mora com seus pais na área rural. A entrevistada da CaGII é professora aposentada, mora na cidade, é ministra na igreja e possui outros cargos na comunidade; ela apresentou menos termos em Al. que o homem que também é professor aposentado e elabora folhetos informativos de família. A informante da CbGII é agricultora e mora com sua família na área agrícola; ela também apresentou menos termos em Al. em relação ao homem que também é agricultor e mora no interior.

Das luteranas, a da CaGI é telefonista e apresentou menos termos em Al. do que o homem⁶⁵ que é agricultor e frequenta a universidade em outra cidade. A outra informante da CbGI é agricultora e vive com a família no interior; esta apresentou mais termos em Al. que o homem que possui mercado na cidade. A informante da CaGII é professora aposentada, atualmente faz parte da diretoria do grupo de idosos e mora na cidade; ela apresentou menos termos em Al. em relação ao homem que também é professor aposentado mas ainda ministra algumas horas aula e também mora na cidade. A entrevistada da CbGII é agricultora e mora no interior com seu filho; ela realiza mais termos em Al. que o homem que é motorista e mora na cidade.

⁶⁴ Conforme dados da tabela do quadro 3 na página 82 da presente pesquisa.

⁶⁵ Conforme dados da tabela no quadro 4 na página 83 da presente pesquisa.

Portanto, a maioria das mulheres da pesquisa (5 de 8) está ativa na comunidade e realiza, conforme Altenhofen (2011), mais contatos do que se estivesse mais isolada, que é o caso das outras 3 informantes.

Analisando os gêneros e o papel social dos informantes, bem como seu local de moradia nos dois locais de pesquisa, percebe-se uma diversidade de questões. No ponto católico, os 4 informantes, um de cada célula da cruz, que mais mantêm o Al. são os dois homens da GII e as duas mulheres da GI. Os dois homens da GI são agricultores, e as duas mulheres moram na cidade e trabalham com público. Entre os da GII, o da Ca é professor, e o da Cb é agricultor; as mulheres, também professora e agricultora. Uma unanimidade há que, dos 4 informantes católicos que mais mantêm o alemão, 3 – 2 mulheres e 1 homem – moram na cidade e 1 mora na área rural.

No ponto luterano, dos 4 informantes que mais mantêm o alemão, 2 são mulheres da Cb e agricultoras, e dois são homens da Ca – um professor morador da cidade e outro agricultor mas frequenta universidade. Portanto, entre os luteranos, dos 4 informantes que mais mantêm o alemão, 3 são agricultores.

Em números reais das respostas espontâneas da aplicação dos termos de parentesco em alemão, o informante que mais apresentou termos em Al. (37 termos) é masculino, professor aposentado ainda ativo (CaGII), morador da cidade e membro da IECLB. Dos católicos, o informante que mais empregou termos em Al. (35 termos) também é masculino, professor aposentado (CaGII), morador da cidade e elabora boletins informativos de família.

Diante dessas questões arroladas sobre os informantes e os resultados apresentados em relação ao emprego do alemão, constata-se que são vários os fatores que interferem na manutenção e/ou substituição de uma língua. Esta pesquisa apresenta resultados diferenciados em relação a outras pesquisas e teorias. A questão da diferença em relação ao gênero defendido por Labov (2008) não pode ser comprovada nos pontos de pesquisa, Tunápolis e Cunha Porã, pois nos dados gerais finais são as mulheres que mais mantêm o Al. Nem a teoria de Bortoni-Ricardo (1985), de que, dependendo do papel que o falante desempenha na sociedade, ele mantém mais ou menos a língua minoritária, pode-se comprovar, pois os informantes desta pesquisa exercem funções em que permanecem mais isolados, como agricultor, e outras de contato com mais pessoas. O local de moradia mais isolado, na área rural ou na área urbana, onde ocorrem mais contatos, também não é critério para esta pesquisa.

De um lado, considera-se que os mesmos fatores que estão a favor da manutenção ou da substituição do alemão exercem a mesma influência tanto para os homens como para as mulheres e, assim, pode-se afirmar que a questão de diferença de gênero não é relevante nos pontos de pesquisa ora analisados. Por outro lado, como a diferença entre as percentagens gerais entre os homens e as mulheres é somente de 1%, nas duas confessionalidades, pode-se considerar praticamente um empate técnico. O fato de que os dados individuais em cada dimensão apresentados em percentagens no item 4.6, quadros 18 e 19⁶⁶, demonstram que em algumas células os homens apresentam um percentual maior que as mulheres reforça essa conclusão. E, ainda, em cada confessionalidade, conforme os mesmos quadros, foram sempre 2 homens e 2 mulheres que aplicaram mais termos em Al. Resultados equilibrados entre gêneros como os levantados nesta pesquisa também já foram constados em estudos de Horst (2011) e Horst e Krug (2012).

No entanto, há um fator que diferencia as mulheres dos homens e causa essa pequena diferença de percentual: conforme Labov (2008), as mulheres falam mais que os homens. Essa teoria comprova-se nesta pesquisa, pois no total de respostas espontâneas as mulheres responderam mais termos em Al. do que os homens⁶⁷. As mulheres católicas responderam 109 termos em Al.; os homens, 103. Nos luteranos, as mulheres elaboraram 113 respostas em Al.; os homens, 105.

Portanto, pela dimensão diagenérica da presente pesquisa, conclui-se que não são os fatores sociais, mas sim uma questão de comportamento, o falar mais das mulheres, que influencia na manutenção da língua minoritária.

4.5 DIMENSÃO DIALINGUAL

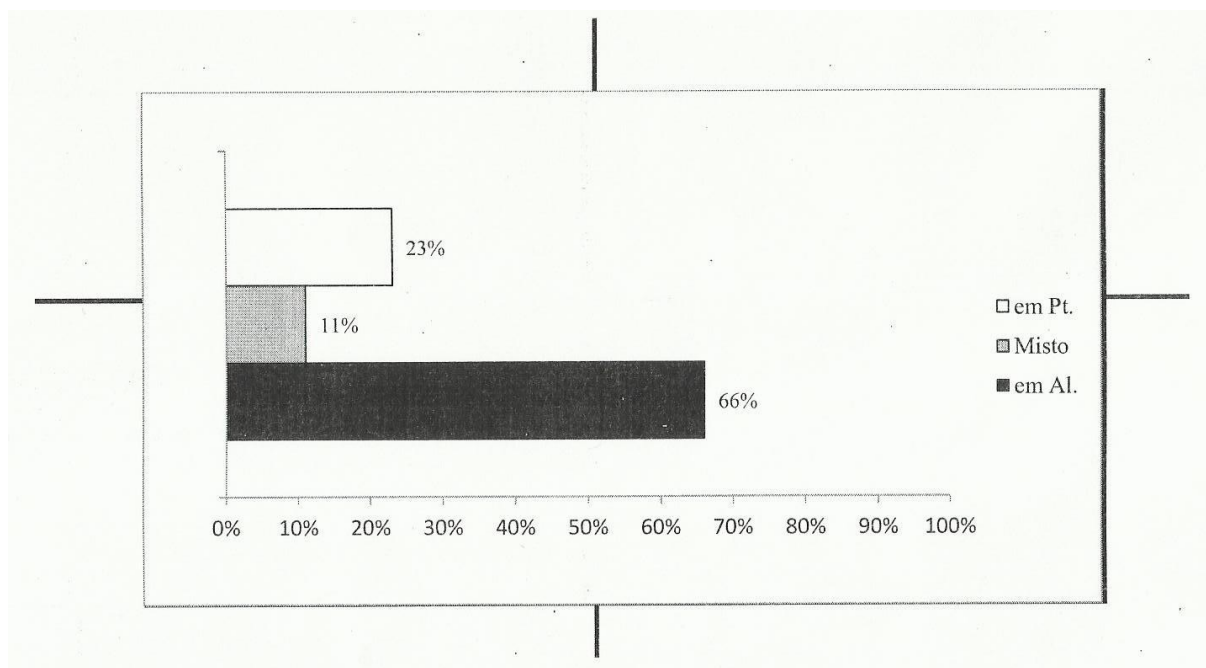
Esta análise demonstra uma visão geral sobre a dimensão dialingual. Os dados de todos os espaços estão agrupados em duas cruzes, católica e luterana.

Na cruz católica, de acordo com o quadro 16, a seguir, constata-se que predomina a manutenção do alemão, com 66% da aplicação dos termos em Al.. O índice de ocorrência de termos mistos está em 11%; e o grau de substituição, em 23%.

⁶⁶ Constan na pagina 111 do presente trabalho.

⁶⁷ Conforme dados das tabelas nos quadros 3 e 4 nas paginas 82 e 82 da presente pesquisa.

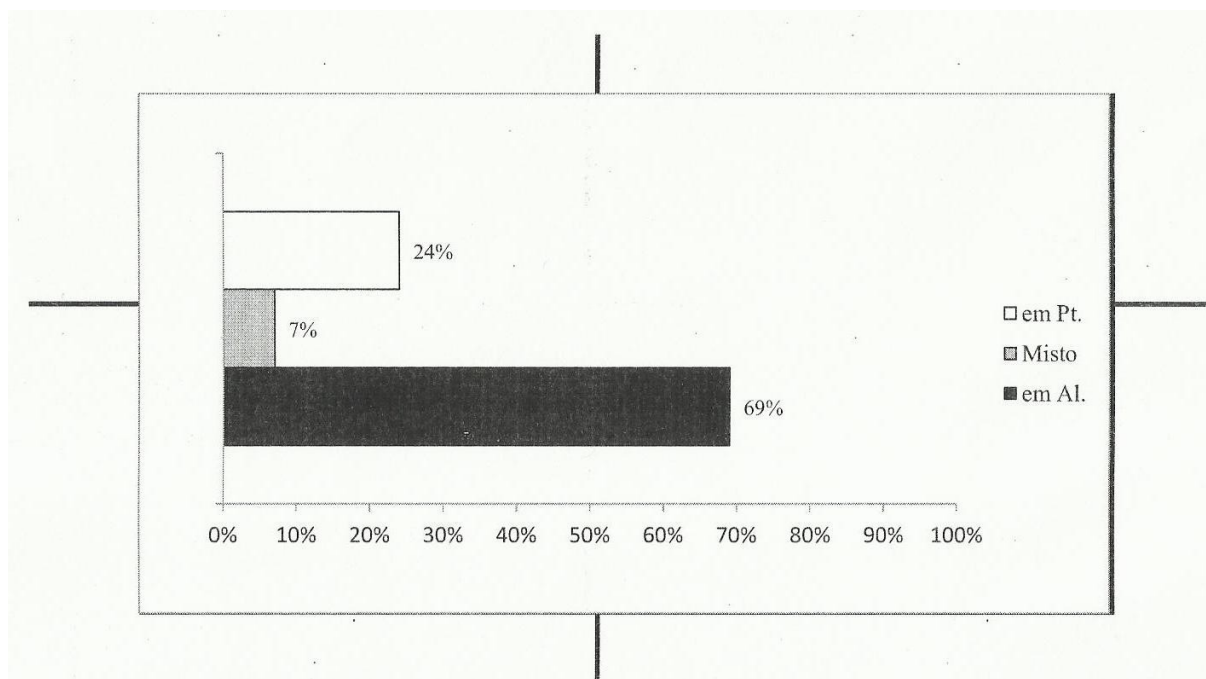
Quadro 16 – Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al., misto e em Pt. a partir da dimensão dialingual católica / Tunápolis (SC).



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Também na cruz luterana, quadro 17 a seguir, observa-se a predominância da manutenção do alemão (69%), enquanto a ocorrência de termos mistos está em 7%, e a substituição, em 24%.

Quadro 17 – Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al., misto e em Pt. a partir da dimensão dialingual luterana / Cunha Porã (SC).



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Comparando os dados das duas cruces, denota-se que os luteranos possuem um maior grau de manutenção (69%) em relação aos católicos (66%). O número de termos mistos está maior entre os católicos (11%) em relação aos luteranos (7%); a substituição do alemão pelo português apresenta-se um pouco menor entre os católicos (23%) do que entre os luteranos (24%).

Percebe-se que o percentual de diferença na manutenção do alemão entre os luteranos e católicos não é muito grande, somente de 3%. Os luteranos, conforme pesquisas de Altenhofen (2011), Krug (2004), Horst (2011) e Horst (2014), mantêm mais o alemão que as demais confessionalidades. Porém, o ponto de pesquisa luterano desta investigação possui mais população, é mais aberto pela sua localização e possui mais mobilidade; assim, conforme Thun (1996) e Altenhofen (2011), os luteranos realizam mais contatos do que os católicos, pois este ponto de pesquisa situa-se mais isolado e é menor. O isolamento dos católicos favorece a manutenção do alemão, de acordo com Labov (2008) e Altenhofen (2011).

Denota-se que, em todas as dimensões analisadas neste estudo – a diastrática, a diageracional, a diagenérica e a dialingual –, a confessionalidade luterana apresentou maior percentual de manutenção em relação à católica. Se ainda considerarmos as questões demográficas e geográficas, conforme Thun (1996), Labov (2008), Altenhofen (2011), que interferem na manutenção e substituição de uma língua, o resultado de os luteranos manterem mais o alemão se torna ainda mais considerável.

De acordo com Willems (1980) e Seyferth (1999), a língua alemã é a expressão de fé dos luteranos, pois a confessionalidade luterana surgiu com a tradução da Bíblia para a língua alemã por Martin Lutero. Portanto, o idioma de Martin Lutero é a língua alemã, conforme Willems (1980), que também afirma que os católicos possuem a devoção aos santos e padroeiros da localidade que não possuem ligação com nenhuma língua, enquanto que os luteranos possui Martin Lutero não como um santo, mas como fundador.

Além disso, conforme Wirth (1998), o fundador do luteranismo pregava a favor da alfabetização de todas as pessoas, indiferentemente de sua classe social. Estes são os dois mais significativos aspectos relacionados com a manutenção do alemão pelos luteranos em contextos plurilíngues, como o do ponto de pesquisa deste trabalho Cunha Porã.

Relacionada a isto está também a questão da construção do *Deutschtum*, segundo Dreher (1999) e Seyferth (1999), do qual a língua é um fator primordial. Porém, essa filosofia os imigrantes alemães católicos também possuíam. Mas o diferencial entre os católicos e os luteranos consiste no fato de o Brasil ser reconhecido pelo governo como país católico. No início da colonização e até poucas décadas atrás, igreja e governo, conforme Dreher (1999), eram uma unidade. De acordo com Willems (1980) e Ranzi (1996), os católicos aceitavam as imposições do governo com mais facilidade. Os luteranos, por outro lado, não mantinham essa conformidade com o governo. Quando da implantação pelo governo brasileiro do regime militar e da campanha de nacionalização, os luteranos enfrentaram mais dificuldade e sofrimento.

Essas questões demonstram e comprovam as afirmações de Mackey (1972), Heredia (1989), Fishman (2006), Labov (2008), Krug (2004), Altenhofen (2011), Dück (2011), Horst (2011), Horst (2014) e Rodrigues (2015), de que a identidade de um grupo, manifestada pela língua, influencia na sua manutenção. Neste caso, o grupo é definido pela igreja, a luterana; e a língua, o alemão.

Os mesmos autores também incluem a religião como um grupo de domínio que interfere na manutenção ou na substituição da língua. No caso da presente pesquisa, ela está a favor da manutenção. Heredia (1989), Fishman (2006), Labov (2008) defendem também que a igreja auxilia na manutenção da língua através do emprego desta em sermões, orações, doutrinas e materiais religiosos impressos, inclusive a Bíblia. Essa língua empregada na igreja, principalmente pelos luteranos, é uma variedade *standard* e/ou *substandard* alemã e, conforme as pesquisas de Krug (2004), Altenhofen (2011), Meyer (2009), Horst (2014) e Rodrigues (2015), essa variedade auxilia na manutenção do alemão. A elaboração de termos mistos em percentagens menores pelos luteranos em relação aos católicos - 7% e 11%, respectivamente – também comprova o maior conhecimento de uma variedade padrão com menos interferências.

Além disso, a igreja é um espaço onde os falantes de variedade alemã se encontram e a maioria dos interlocutores fala a esta variedade e se identifica com essa língua. Assim, a igreja é um espaço de emprego da mesma. Relevante também é o fato de atualmente ocorrerem intercâmbios entre os adeptos, principalmente da IECLB, entre os dois países. Há também a distribuição de matérias impressos, a celebração de cultos e a entoação de hinos em

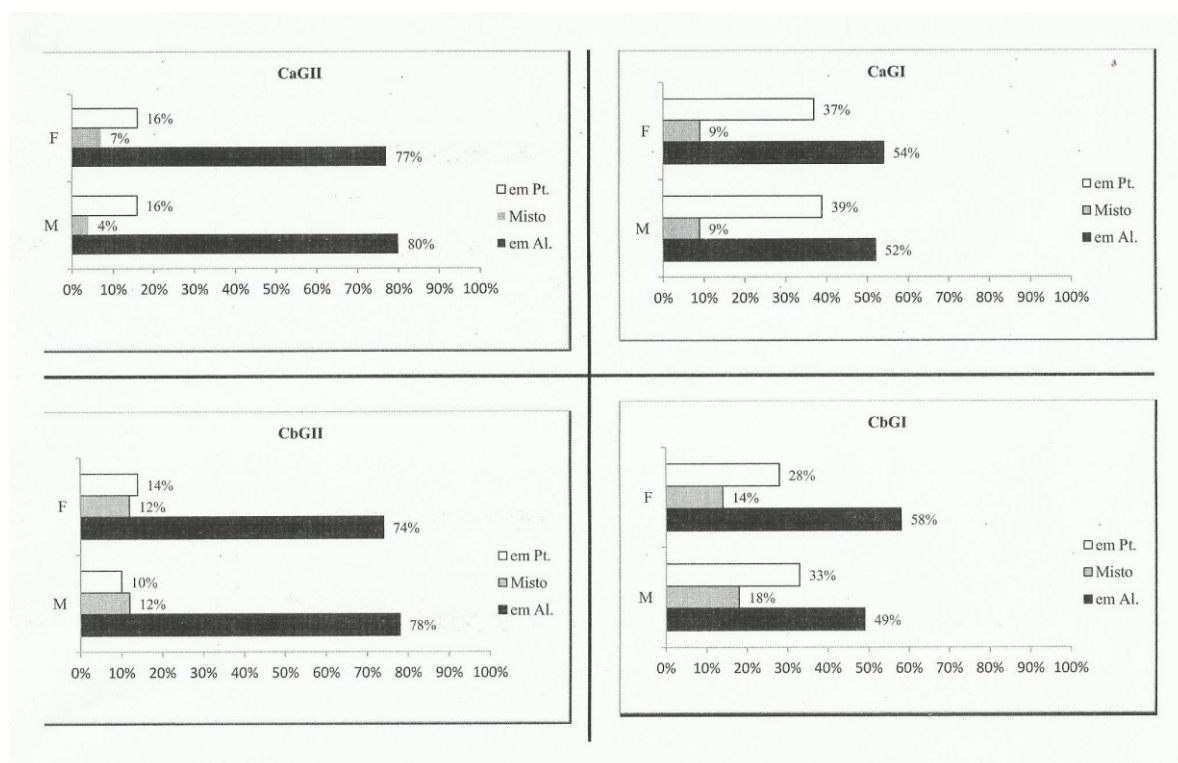
língua alemã. O contato atual com a língua do país de origem ajuda a manter a variedade alemã.

4.6 DIMENSÕES DIASTRÁTICA, DIAGERACIONAL, DIAGENÉRICA DIALINGUAL, DIARRELIGIOSA

Com o objetivo de demonstrar os resultados de cada dimensão, apresentamos neste item as porcentagens das respostas espontâneas separadas nas dimensões diastrática, diageracional, diagenérica e dialingual nas quatro células da cruz. Para apresentar os dados da dimensão diarreligiosa, mantêm-se separados também os dados de cada confessionalidade, demonstrando-os em duas cruzes, uma para cada confessionalidade, conforme quadro 18 da católica e quadro 19 da luterana a seguir.

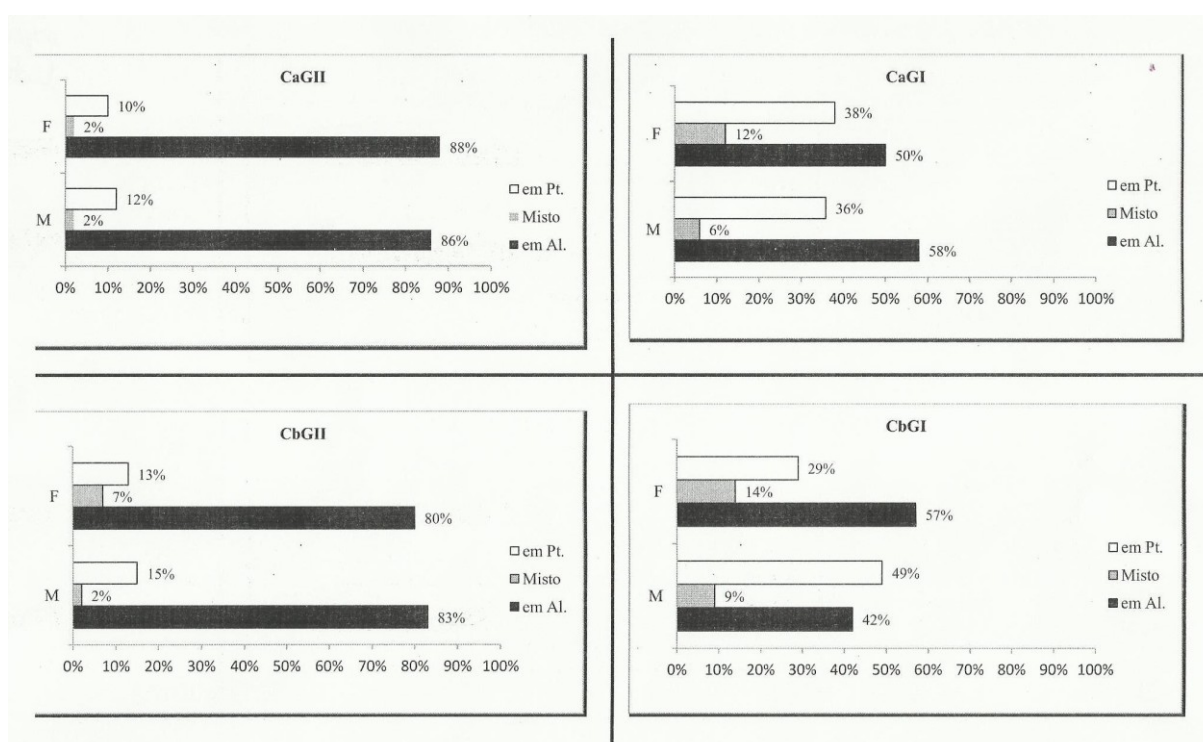
Para uma melhor visualização comparativa expõem-se as duas cruzes em sequência em uma única página conforme consta na próxima página.

Quadro 18 – Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al., misto e em Pt. a partir das dimensões diastrática, diageracional, diagenérica, dialingual, diarreligiosa católica / Tunápolis (SC).



Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Quadro 19 – Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, neutro e espiritual em Al., misto e em Pt. a partir das dimensões diastrática, diageracional, diagenérica, dialingual, diarreligiosa luterana / Cunha Porã (SC).



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Observando os resultados separados por cada dimensão, observa-se que, entre os católicos, quadro 18 acima, são os homens com formação acima do ensino médio e acima dos 55 anos que mais mantêm o alemão, com uma percentagem de 80%. Entre os luteranos, quadro 19 a cima, ocorre o mesmo, porém a percentagem é maior (88%) e não são os homens, porém a smulheres que aplicam a maior percentagem de termos em Al. Portanto, de forma geral, são os luteranos que mais mantêm o alemão, pois todas as demais células apresentam percentagens menores que 88%.

Comparando as células específicas entre as cruzes, percebe-se que os católicos somente apresentaram uma percentagem maior que os luteranos na CaGI F e na CbGI M e F. Nos demais espaços, os luteranos sempre apresentaram um percentual de manutenção maior que os católicos.

Relacionando os 8 espaços das duas cruzes denota-se que na GII, na Ca, na Cb e entre os gêneros são os luteranos que mantem mais o alemão. Somente na GI são os católicos. De forma geral, então, são as mulheres luteranas com formação acima do ensino médio e acima de 55 anos que mais mantem o alemão.

Os resultados de maior manutenção, principalmente da GII e Ca dos luteranos, pode ser explicado, novamente, pela estreita ligação através da igreja por ser a língua alemã um símbolo de fé e pelo emprego da variedade padrão. Inclusive a GII, foi alfabetizada nesta perspectiva. O percentual maior dos católicos em relação aos luteranos na GI se deve ao fato do isolamento dos católicos e de mais contatos e interferências por parte dos luteranos.

4.7 CONSIDERAÇÕES SOBRE A APLICAÇÃO DOS TERMOS DE PARENTESCO EM AL. NA CONVERSA LIVRE E SEMIDIRIGIDA E NA LEITURA – DIMENSÃO DIA - FÁSICA

Este item visa complementar as análises dos dados do questionário lexical com a verificação da aplicação dos termos de parentesco sanguíneo, espiritual e neutro em Al. nos estilos de conversa semidirigida e de leitura.

4.7.1 Estilo conversa semidirigida

A conversa semidirigida foi realizada no início da entrevista para que o informante se sentisse mais à vontade em relação à entrevista e ao questionário. Iniciou-se a conversa com a pergunta: “*Kennt ihr etwas über euch und eure Familie erzählen, wie ihr wohnt, mit wem ihr wohnt, was ihr macht, wie ihr lebt?*”⁶⁸

Alguns contaram a sua história, principalmente os da GII, desde onde nasceram e como chegaram ao local onde estão hoje. Relataram também histórias que vivenciaram desde a sua infância até o presente momento e como se constitui a família deles hoje. Na GI a conversa não foi muito longa; também, esses informantes apresentaram menos termos de parentesco em relação aos da GII. Isto se deve ao fato de vivenciarem realidades diferentes. A maioria da GII já é avô ou avó. Entre os da GI, alguns são casados e possuem filhos, outros não; alguns possuem uma grande família, a de outros é menor. Diante disso, a quantidade de termos de parentesco varia muito de informante para informante. Os termos de parentesco que a maioria expressou foram do grupo sanguíneo e em Al., como podemos observar na tabela no anexo 5.

*Papa, Mama, Kinner, Mädcher, Bubcher, Vater, Mutter, Schwester, Geschwister, Bruder*⁶⁹ foram os termos aplicados em Al. Ocorreu um termo misto, *Wowwo*. Em Pt., os informantes expressaram termos como *neto, tia, guri* e *vô*.

Observa-se, entre as duas tabelas no anexo 5 que os católicos expressaram mais termos de parentesco do que os luteranos. Nas falas, percebeu-se que as famílias católicas são mais numerosas que as luteranas e, ao descrever a família, consequentemente, aquelas empregaram mais termos que estas.

⁶⁸ “Você poderia contar um pouco sobre você e sobre a sua família, como mora, com quem mora, o que faz, como vive?” (Tradução da autora).

⁶⁹ “Pai, mãe, filhos, menina, menino, pai, mãe, irmã, irmãos, irmão” (Tradução da autora).

Entre os católicos, na dimensão diageracional, a GII expressou mais termos em Al.: de um total de 31 termos⁷⁰, 25 foram em Al. A GI elaborou 18 termos: 14 em Al. Na dimensão diastrática, a Cb aplicou mais termos em Al.: de um total de 26 termos, 20 foram em Al. Na Ca, de um total de 23 termos, 19 foram em Al. Pela dimensão diagenérica, as mulheres mantêm mais o alemão: de 29 termos, expressaram 25 em Al.; enquanto que, entre os homens, de 20 termos, 14 foram elaborados em Al.

Denota-se, diante dos resultados, que entre os católicos a CbGII mantém mais o alemão. Os informantes desse grupo contaram muito sobre a sua família; percebeu-se que a família, principalmente da informante F, é numerosa. A informante F, da CaGI, também empregou um alto número de termos em Al.; assim como a F da CaGII. As CbGI M e F empregaram um número menor de termos. O M é filho único e solteiro; a F é casada, mas não possui filhos.

Percebe-se que entre os católicos são as mulheres que mais expressaram termos de parentesco. Isto pode ser explicado pelo fato de que a mulher está mais ligada com a família, com a educação dos filhos, assim fala mais sobre este assunto e emprega mais vezes os termos.

Entre os luteranos, na dimensão diageracional, a GII elaborou 21 termos: 15 em Al.; a GI também expressou 21 termos⁷¹: 19 em Al. Na dimensão diastrática, a Ca falou 20 termos, 16 em Al.; na Cb, de um total de 22 termos elaborados, 18 foram em al. Pela dimensão diagenérica, os homens expressaram 23 termos, 21 em Al.; enquanto as mulheres falaram 19 termos, 15 em Al.

Entre os luteranos, na conversa livre, percebe-se um grau praticamente igual de manutenção do alemão. Entre as gerações, há uma diferença de 4 termos; entre as classes socioculturais, de 2 termos; entre os gêneros, de 4 termos.

Diferentemente dos dados católicos e dos dados do questionário lexical, nos luteranos, é o grupo CbGI que mantém mais o alemão – destacando-se o informante M, que elaborou mais termos de parentesco em toda a sua fala e o maior número de termos em Al. De forma geral, os homens expressaram mais termos, um total de 23; também, elaboraram o maior número de termos em Al. – entre as mulheres, foram 15 no total.

⁷⁰ Conforme dados da tabela no quadro 8 na página 85 da presente pesquisa.

⁷¹ Conforme dados da tabela no quadro 9 na página 85 da presente pesquisa.

A conversa livre ou, neste caso, semidirigida faz parte da dimensão diafásica, assim como as respostas ao questionário e a leitura. São três estilos de aplicação da língua; para cada um, o falante pode ter um comportamento diferenciado, devido ao ambiente diferenciado que o estilo provoca. Ora, de acordo com Labov (2008), não há falante de estilo único. O estilo do falante pode variar conforme o contexto, o interlocutor, o assunto e a forma da comunicação. Diante disso, o estilo conversa livre é o mais informal, que fornece dados de forma espontânea, natural e mais descuidada, por ser o estilo mais usual no dia a dia do informante.

Os dados apontam que o grau de aplicação dos termos de parentesco em Al. ocorre de forma diferente entre o estilo conversa livre e respostas a questionário. Há informantes, como o caso do CbGI M luterano, que não aplicam muitos termos em Al. nas respostas ao questionário, mas no estilo conversa livre o fazem. Outros, pelo contrário, responderam mais ao questionário e na conversa semidirigida falaram menos termos de parentesco, como a informante CbGI F católica.

No resultado total, pela dimensão dialingual, também houve diferença entre os dados da conversa semidirigida e as respostas ao questionário. Enquanto nas respostas ao questionário os católicos apresentaram mais termos de parentesco, mas o número de termos em Al. foi menor em relação aos luteranos, na conversa semidirigida os católicos elaboraram mais termos que os luteranos⁷², e, também, o número de termos em Al. foi maior que o dos luteranos. Entre os católicos, de um total de 49 termos falados, 39 foram em Al.; os luteranos, por sua vez, expressaram 34 termos, todos em Al. Mas, nas dimensões diageracional, diastrática e diagenérica, na confessionalidade católica, também são os falantes da GII que mantêm mais o alemão, os da Cb e as mulheres. Este resultado também ocorre no estilo resposta ao questionário, porém o maior percentual é dos luteranos.

4.7.2 Estilo leitura

Depois da aplicação do questionário lexical, sugeriu-se aos informantes realizar a leitura dos textos conforme o anexo 2. Inicialmente, apresentou-se o texto na variedade do alemão padrão, anexo 2.3; depois, o da variedade do alemão local, anexo 2.2. Deixou-se livre para quem se sentisse à vontade iniciar a leitura, esclareceu-se que não teria a necessidade de ler todo o texto, que a leitura poderia ser feita alternadamente.

⁷² Conforme dados das tabelas dos quadros 8 e 9 página 85 da presente pesquisa.

A presente análise é feita por aplicação em duplas na ordem dos grupos da cruz, ou seja, inicia-se com os informantes da CaGII e segue-se com a CaGI, CbGII e CbGII. Apresentam-se, primeiramente, as impressões do estilo leitura pelos católicos.

A CaGII imediatamente iniciou a leitura pelo informante M; em seguida, pela F. Leram todo o texto na variedade alemã padrão. O informante M apresentou uma leitura fluente, com pequenas dificuldades em algumas palavras mais difíceis de serem pronunciadas; mas termos de parentesco ele leu com boa fluência. A CaGII F também leu o texto apresentando um pouco mais de dificuldade, mas também teve fluência nos termos de parentesco.

Ao apresentar-se o texto na variedade do alemão local aos informantes da CaGII, eles logo afirmaram que aquela era a variedade *Hunsrückisch* do alemão. Eles liam o texto na variedade alternadamente e faziam pausas para pequenas risadas, pois estranhavam poder ler como falavam.

Ao sugerir a leitura a CaGI, a informante F logo afirmou *Ich weess net*⁷³, e o M, *Da kommt nichts raus*⁷⁴. Mas a F iniciou a leitura do texto na variedade padrão apresentando dificuldade e, depois de algumas palavras, desistiu. O M também iniciou a leitura, mas logo parou.

Quando lhes foi apresentado o texto na variedade do alemão local, imediatamente a informante F afirmou *das ist das selbiger Dingst, so schlimm wie der ander. Nähgst wie Englisch*⁷⁵. O informante M falou *das ist wie Englisch*⁷⁶. Eles não realizaram a leitura da variedade do alemão local.

A CbGII, quando exposta ao texto no alemão padrão, também teve reações diversas. O informante M disse *Das habe ich nicht gelent*⁷⁷, soletrou algumas palavras soltas do texto e as repetiu novamente, demonstrando que havia entendido a palavra ao ouvi-la – algumas dessas palavras são termos de parentesco. Ele interrompeu a leitura e falou *Ich kann net gut*⁷⁸. A informante F iniciou a leitura com alguma dificuldade, soletrou a palavra e repetiu-a para entendê-la; leu uma boa parte do texto na variedade do alemão padrão e demonstrou fluência

⁷³ “Eu não sei” (Tradução da autora).

⁷⁴ “Não vai sair nada” (Tradução da autora).

⁷⁵ “Isto é a mesma coisa, tão difícil quanto o outro. É quase como o inglês” (Tradução da autora).

⁷⁶ “Isto é como inglês” (Tradução da autora).

⁷⁷ “Isto eu não aprendi” (Tradução da autora).

⁷⁸ “Eu não sei muito bem” (Tradução da autora).

nos termos de parentesco. Expostos ao texto na variedade do alemão local, eles se sentiram mais à vontade e leram com mais fluência cada um uma parte do texto.

Na CbGI, por sua vez, ao obter contato com o texto na variedade padrão, a informante F logo iniciou a leitura apresentando fluência e alguma dificuldade com os termos de parentesco. O informante M informou *lesa kann ich net*⁷⁹ e não se dispôs à leitura. Ao apresentar-se o texto na variedade do alemão local, a informante F também iniciou a leitura demonstrando mais fluência e interesse pela leitura, enquanto M afirmou *Ich verstehe bald nichts*⁸⁰. Este começou a ler o texto em português e a F acompanhou a leitura com o texto na variedade do alemão local. Então, ela afirmou *ich komme mit, so verstehe ich alles*⁸¹.

Ao perguntar-se se percebiam uma diferença entre os textos, a informante F afirmou *de erschter ist Deutsch von Alemanha und de zweter ist unser Sprach und der ist leichter*⁸². O informante M diz *seh keen Unterschied*⁸³.

Analisando todo o processo de leitura dos quatro grupos de informantes católicos, percebe-se que a GII apresenta um maior grau de manutenção do alemão no estilo leitura de termos de parentesco. Nas classes socioculturais da GII, a Ca apresenta maior fluência e mais disponibilidade de leitura nos dois textos. Na GI, a fluência não é tão boa naqueles que se dispõem a ler, também leem menos. Somente a informante F da Cb apresenta grande interesse na leitura e apresenta uma boa fluência nos dois textos. De forma geral, as mulheres se empenharam e leram mais, com uma melhor fluência. Entre os homens, destacou-se o da CaGII, que demonstrou grande fluência.

Entre os luteranos, a leitura também teve boa aceitação por parte dos informantes; cada um demonstrou a sua capacidade de leitura em alemão, tentando ler algumas partes ou algumas palavras. O informante M da CaGII, ao obter o texto na variedade padrão, logo iniciou a leitura e leu-o todo. Enquanto a informante F afirmou *leser tue ich jo wenig, ich kann nett das helfte leser*⁸⁴. Após a leitura do M, a F falou *ich dencke nett, ich lese jo nie Deutsch*⁸⁵. A este grupo não foi apresentado o texto na variedade local.

⁷⁹ “Ler eu não sei” (Tradução da autora).

⁸⁰ “Eu não entendo quase nada” (Tradução da autora).

⁸¹ “Eu consigo acompanhar. Assim eu consigo entender tudo” (Tradução da autora).

⁸² “O primeiro é o alemão da Alemanha e o segundo é a nossa língua e este é mais fácil” (Tradução da autora).

⁸³ “Não vejo diferença” (Tradução da autora).

⁸⁴ “Ler eu leio pouco. Eu não consigo nem ler a metade” (Tradução da autora).

⁸⁵ “Eu acho que não, eu nunca leio em alemão” (Tradução da autora).

A CaGI, ao ser apresentada ao texto, logo se dispôs a lê-lo. O informante M iniciou a leitura de forma fluente, principalmente os termos de parentesco. Ele interrompeu a leitura para que a informante F pudesse continuar. Esta, por sua vez, apresentou grande dificuldade na leitura. O M retomou a leitura de forma fluente. F leu algumas partes com dificuldades. Ao obterem o texto na variedade local, o informante M afirmou *einer ist so wie man aus sagt der andere ist der richtiger*⁸⁶ e a F disse *der ist leichter zu lesen*⁸⁷.

Na CbGII, os dois tentaram ler o texto padrão. A informante F iniciou e o M continuou – foram lendo juntos com certa fluência. Depois de algumas linhas, pararam e afirmaram que ficou embaraçado. A informante F disse que lhe faltavam os óculos e que sempre ficava tonta quando lia. Ele também afirmou que lia muito pouco. Ao verem o texto na variedade local, o informante M disse *das ist mehr Hunsrückisches, das ist leichter*⁸⁸. Eles leram algumas palavras soltas no texto, alguns termos de parentesco, e pararam, afirmando não possuir o hábito da leitura.

O informante M da CbGI, ao lhe ser sugerido ler, expressou *lesen, ich denke nett*⁸⁹, *complicado*. Olhou o início do texto um tempinho e disse *das geht nett*⁹⁰. Ao ver a variedade local, tentou ler alguns termos de parentesco e parou. A informante F respondeu quando da sugestão de leitura *Deitsch, nein ich kann nett Deutsch lesen. Ich han noch nie Deitsch geles*⁹¹. Mesmo assim, leu alguns termos de parentesco do texto com fluência, mas não frases. O texto na variedade do alemão local não lhes foi apresentado, pois a entrevista teve que ser interrompida devido à chegada de mais pessoas.

Também entre os luteranos denota-se uma maior fluência e uma maior manutenção do alemão no estilo leitura na GII. A GI tentou ler, mas não apresentou muita fluência, com exceção do CaGI M. Entre as classes sociais, a Ca apresenta uma manutenção maior; entre os gêneros, são os homens que apresentam uma melhor fluência e, conseqüentemente, mais manutenção no estilo leitura em alemão.

Observa-se, portanto: de uma forma geral, os resultados demonstram que, entre os católicos e os luteranos, o estilo leitura mantém o mesmo nível. A GII se destaca mais, principalmente na Ca da GII e na GI alguns apresentam mais conhecimento, como é o caso da

⁸⁶ “Um é como a gente fala, o outro é o correto” (Tradução da autora).

⁸⁷ “Este é mais fácil de ler” (Tradução da autora).

⁸⁸ “Isto é mais *Hunsrückisch*, este é mais fácil” (Tradução da autora).

⁸⁹ “Ler, acho que não” (Tradução da autora).

⁹⁰ “Isto não dá” (Tradução da autora).

⁹¹ “Alemão? Não eu não sei ler em alemão. Eu nunca li em alemão” (Tradução da autora).

CbGIF católica e do CaGI M luterano. Os dados do estilo leitura diferem do estilo resposta ao questionário na dimensão diagenérica. No estilo leitura, as mulheres católicas apresentam um grau de manutenção maior que o dos homens; entre os luteranos, os homens apresentaram um grau maior. Os resultados do estilo leitura se complementam com os resultados do estilo conversa livre.

Confirma-se, pois, a afirmação de Thun (2009) de que a leitura representa o estilo de uso mais formal, mais cuidado da língua. A leitura lembra a escola, a forma mais prestigiada da língua e, assim, possui um comportamento próprio. Essa formalidade se percebeu neste momento da entrevista, de conversa livre, semidirigida. Os informantes ficaram um pouco mais retraídos; muitos primeiramente pensaram, conversaram e se explicaram sobre a sua realidade em relação à leitura. Ora, a leitura é o estilo que exige mais domínio da língua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após concluídas as etapas de leitura, preparação do questionário e dos textos para a leitura, coleta de dados, organização, tratamento, descrição e análise do *corpus*, retoma-se a questão inicial da pesquisa: averiguar qual o grau de manutenção dos termos de parentesco sanguíneo, espiritual e neutro em alemão na fala de indivíduos de confessionalidades católica e luterana nos municípios de Tunápolis e Cunha Porã.

A partir da análise dos dados, chegou-se às seguintes considerações finais:

- a) Pela dimensão diastrática, os resultados não confirmam a hipótese inicial de que a Cb apresentaria o maior grau de manutenção. Os dados finais desta pesquisa demonstram que a Ca mantém mais o alemão. Através do presente estudo, constata-se que os indivíduos com mais estudos (Ca) possuem mais conscientização sobre o seu conhecimento linguístico e sobre o valor desse conhecimento e, ainda, sabem diferenciar uma língua da outra, consequentemente, mais mantém esse conhecimento, de acordo com Thun (1998, 2005a). As pessoas com mais tempo de formação normalmente gostam de estudar e de ler e mantêm esse hábito, que é transportado para as línguas que dominam. O que se percebeu nesta pesquisa é que a maioria da Ca, além de aplicar mais os termos de parentesco em Al., também apresentou menos termos mistos e uma leitura fluente. A leitura é uma habilidade a mais no domínio de uma língua, que contribui na sua manutenção, conforme Mackey (1972), Grosjean (1982) e King e Mackey (2007). Outro aspecto da Ca é que normalmente são pessoas de prestígio na sociedade, como um professor no caso dos informantes da GII desta pesquisa. Consequentemente, a língua desses indivíduos também possui mais prestígio. Os informantes da Cb, de outra forma, geralmente possuem profissões não tão prestigiadas, como alguns colonos informantes deste trabalho, cuja língua é muitas vezes considerada feia ou errada. Conclui-se, através da análise dos dados desta pesquisa, que uma formação maior implica uma consciência linguística e em prestígio. Estes dois aspectos favorecem a manutenção de uma língua minoritária.
- b) Os dados da dimensão diageracional confirmam a hipótese inicial da manutenção maior do alemão por parte da GII. Isto se deve às suas vivências de mais contatos com a língua em diferentes grupos de domínios da sociedade e, principalmente, na família e na igreja. Há 55 anos, havia nos pontos de pesquisa mais interlocutores em alemão e menos contatos com o português. Por terem frequentado a *Unterricht* em alemão, muitos da GII foram alfabetizados nessa língua e, também, desenvolveram mais habilidades nela, como as da

leitura e da escrita, além da oral. Verifica-se uma grande diminuição na aplicação do alemão de uma geração a outra, principalmente entre os luteranos, por viverem num local de maior contato com o português. O conhecimento do alemão não está sendo repassado de uma geração a outra na família, e a relação da GI com a igreja também diminui. Estes são os principais fatores de interferência a favor da substituição do alemão pelo português de uma geração a outra, observados também nas falas dos informantes.

- c) De outra forma, pela dimensão diagenérica, os resultados também são diferentes da hipótese inicial. Nesta pesquisa, com enfoque na dimensão diarreligiosa, as mulheres apresentam uma maior manutenção do alemão, e não os homens como se esperava – porém, essa diferença é somente de 1%. Esta pesquisa indica que são vários os fatores que interferem na manutenção ou substituição da língua minoritária nos dois gêneros: o local de moradia, a realidade da família, a atividade profissional e o papel social do falante são alguns aspectos. Porém, o que diferencia os gêneros é o fator comportamental, ou seja, a mulher fala mais que o homem, conforme Labov (2008). Pelos dados da pesquisa, a mulher realizou mais termos em todas as respostas e, deste todo, elaborou mais termos em A1. Portanto, pelo fato de falar mais, indiferentemente da língua, ela aplica de forma mais recorrente os termos, mantendo-os.
- d) Pela dimensão dialingual, o grau de manutenção do alemão está acima de 50% nos dois pontos de pesquisa, Tunápolis e Cunha Porã, pelas confessionalidades católicas e luteranas respectivamente. Porém, percebe-se que a substituição está ocorrendo gradualmente, e o grau de substituição aumenta da geração mais velha para a mais nova. Este dado indica que, tanto na sociedade como no ambiente familiar, não se emprega mais tanto o alemão e, de maneira geral, não ocorre a passagem de conhecimento de uma geração a outra. As falas dos informantes confirmam essa explicação; os informantes, principalmente os da GII, afirmaram que não empregam o alemão tanto quanto poderiam e deveriam.
- e) Os resultados finais comprovam a hipótese do objetivo geral de que os luteranos mantêm mais o alemão, tendência já apontada por outras pesquisas (KRUG, 2004; ALTENHOFEN, 2011; MEYER, 2009; HORST, 2011; HORST, 2014), mas não havia dados empíricos comprobatórios. Verificou-se que os luteranos de Cunha Porã, mesmo sendo moradores de uma localidade maior, que apresenta grande mobilidade, realiza muitos contatos e é mais heterogênea, mantêm mais o alemão do que uma comunidade menor, isolada, fechada e mais homogênea como é o caso dos católicos de Tunápolis. Em todas as dimensões analisadas nesta pesquisa – diastrática, diageracional, diagenérica, dialingual e diarreligiosa –, os luteranos apresentam um grau maior de manutenção. Este resultado se

deve ao fato de a língua alemã ser um símbolo de fé para os luteranos. Durante as entrevistas, as falas dos informantes comprovam a relação da língua alemã com a igreja. A língua alemã também está relacionada com a construção do *Deutschtum*, presente entre os luteranos e também entre os católicos; porém, como a igreja luterana não era reconhecida pelo governo, os luteranos tinham mais resistência em relação às imposições do governo. Nisto inclui-se a maior manutenção do alemão pelos luteranos, que, por exemplo, não se adaptaram à campanha de nacionalização do governo brasileiro como os católicos. Além disso, a igreja é um grupo de domínio, um espaço de interação da língua e, também, de identidade que possui prestígio e *status*, o que favorece a língua empregada por ela, neste caso o alemão.

Percebeu-se, com esta pesquisa, que a igreja é um dos fatores mais importantes para a manutenção da variedade alemã no Brasil devido ao fato dela ser um grupo de identidade de prestígio; estar relacionada com a história da imigração – religião e língua alemã chegaram juntos ao Brasil; preservar o *Deutschtum* através da prática da fé e da língua. Diante destas questões, os resultados de maior manutenção do alemão por parte da GII são os que mais comprovam a influencia da igreja na manutenção.

A maior manutenção do alemão por parte dos luteranos, principalmente na GII e na Ca, está relacionada com as praticas na variedade alemão padrão ofertadas pelas igrejas luteranas desde o inicio da imigração até atualmente. Isto se deve ao fato da língua alemã ser um símbolo de fé e ser a base para os luteranos. Os contatos com a variedade alemão padrão são através de cultos, hinos, intercâmbios e materiais religiosos impressos e *online*. A variedade alemão padrão auxilia na manutenção, por ser uma língua sem muitas interferências e proporcionar o desenvolvimento de varias habilidades na língua.

Percebe-se, porém que somente este fator não é o suficiente para a manutenção, pois denotou-se uma grande diminuição na manutenção de uma geração a outra entre os luteranos. Considera-se que a GI está mais afastada da igreja que a GII, e assim diminui os contatos com a língua e, conseqüentemente diminui a manutenção. Porém, outro fator importante de manutenção da variedade alemã é o isolamento do ponto de pesquisa. Os dados de maior manutenção dos católicos na GI comprova esta situação. Os católicos vivem de forma mais isolada, com menos contatos e interferências com variedades portuguesas o que auxilia a propagação da variedade alemã entre as gerações.

Com este resultado, alcançamos o objetivo desta pesquisa: comprovar empiricamente um grau maior de manutenção do alemão pelos luteranos e que a igreja é o fator de grande relevância. Assim, espera-se que esta pesquisa sirva de apoio e de embasamento para a realização de trabalhos seguintes. Outras pesquisas são necessárias para comprovar uma relação mais intrínseca entre igreja e fala.

REFERÊNCIAS

- ALMA – Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/projalma/oqueeh/apresentacao.html>>. Acesso em: 7 jun. 2015.
- ALTENHOFEN, C. A constituição do corpus para um “atlas linguístico-contatual das minorias alemãs na bacia do prata”. **Martins-Staden-Jahrbuch**, São Paulo, n. 51, p. 135-165, 2004a.
- _____. et al. Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil. **Revista Contingentia**, v. 2, p. 73-87, nov. 2007.
- _____. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul**. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996.
- _____. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. **Revista de Letras Norte@mentos-Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, 12. ed., 2013/02.
- _____. O conceito de língua materna e suas implicações para o estudo do bilinguismo (alemão-português). **Martius-Staden-Jahrbuch**, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002. Disponível em: <www.ipol.org.br/ler.php?cod=94>. Acesso em: 1 set. 2006.
- _____. O status de brasilidade das línguas de imigração em contato com o português. In: **I Fórum Internacional da Diversidade Linguística – 17 a 20 de julho**, 2007. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- _____. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: **Seminário Internacional Línguas em Contato**. Pelotas: UFPel, 2011.
- _____. Política linguística: mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. **RILI**, p. 83-93, 2004b.
- _____.; MARGOTTI, Felício. O português de contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ATENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tomaso (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- _____.; THUN, Harald. **Questionário para o Hunsrückisch**: Parte Pluridimensional. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language contact and bilingualism**. London: New York [u.a.]: Arnold, 1992 [1987].
- BATALHA, Luiz. **Breve análise sobre o parentesco como organização social**. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa, 1995.
- _____. Decodificando o parentesco. **Trabalho de Antropologia e Etnologia**, Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, v. 43, p. 3-4, 2003.
- BECHARA, Evanildo. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BLOM, Jan-Petter; GUMPERZ, John J. Social Meaning in Linguistic Structures: Code Switching in Northern Norway. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. **Directions in Sociolinguistics**, New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1972.

BORTOLLOTO, Paula C. M. **O talian na fala dos ítalo-brasileiros em Chapecó - SC e Pato Branco - PR**: manutenção e substituição dos termos de parentesco. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **The urbanization of rural dialect speakers**. A sociolinguistic study in Brazil. New York: Cambridge University Press, 1985.

CHRIST, Paulo. **Entre onças e esperanças**: a história de uma cidade. Chapecó: Arcus, 2008.

COELHO, Izete L., et. al. **Sociolinguística**. UFSC: Florianópolis, 2012.

COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982. (Cuadernos de Lingüística; 8).

CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DREHER, Martin N. **A Igreja Latino-Americana no contexto mundial**. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

_____. **História do provo luterano**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

_____. **Igreja e Germanidade**. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

DÜCK, Elvine S. **Vitalidade linguística do Plattdietsch em contato com variedades Standart faladas em comunidades menonitas no Brasil**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FERGUSON, C. A. Diglossia. In: FONSECA, S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974 [1959]. p. 99-118.

FISHMAN, Joshua A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. **Journal of Social Issues**, v. 23, n. 2, p. 29-38, 1967.

_____. Language maintenance, language shift, and reversing language shift. In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, William C. (Eds.). **The handbook of bilingualism**. Malden; Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006. p. 406-436.

FRITZEN, Maristela P. **“Ich kann mein Namemit letra junta und letra solta schreiben”**: bilinguismo e letramento em uma escola rural localizada em zona de imigração alemã no Sul do Brasil. 2007. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, Unicamp: Campinas, 2007. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000431549>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

GECKELER, H. **Strukturelle Semantik des Französischen**. Max Niemeyer Verlag: Tübingen, 1973.

GHASARIAN, Christian. **Introdução ao estudo do parentesco**. Trad. Ana Santos Silva. Lisboa: Terramar, 1996.

GROSJEAN, Francois. **Live with two languages**. An introduction to Bilingualism. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1982.

GUY, Gregory. Variationist approaches to phonological change. In: JOSEPH, Brian; JANDA, Richard (Eds.). **Handbook of historical linguistics**. London: Blackwell, 2001.

HEREDIA, Christiane de. Do bilinguismo ao falar bilíngue. In: VERMES, G.; BOUTET, J. (Orgs.). **Multilinguismo**. Campinas: Unicamp, 1989.

HEYER, Jürgen. Línguas em contato: considerações sobre bilinguismo e bilinguagem. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 229-235.

_____. Sobre o conceito de diglossia. In: GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl (Orgs.). **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua**. Florianópolis: UFSC, 2006. p. 69-81.

HORST, Aline. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no vale do taquari**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

HORST, Cristiane. “Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira bisa”. A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil. Westensee-Verlag: Kiel, 2011.

_____; KRUG, Marcelo. Línguas em contato no sul do Brasil: um estudo de caso do português e da variedade alemã Hunsrückisch. *Papia*, v. 22, n. 2, p. 367-383, 2012.

JUNGBLUT, Roque. **Porto Novo: Um documentário Histórico**. São Miguel do Oeste: Arco Iris e Barozzi, 2000.

_____. **Porto Novo: Um documentário Histórico**. 3. ed. Porto Alegre: Letra & Vida, 2011.

KAUFMANN, Angélica. “Hoje o Großvater é praticamente o Vôvo”: o uso de termos de parentesco em contextos de contato linguístico português-hunsriqueano. TCC (Graduação) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

Kaufmann, GÖZ. **Varietäten dynamik in Sprachkontakt situationen: Attitüden und Sprachverhalten rußlanddeutscher Mennoniten in Mexiko und den USA**. Frankfurt/Main: Peter Lang Verlag, 1997.

KING, K. A.; MACKEY, A. **The bilingual Edge: why, when, and how to teach your child a second language**. New York: Collins, 2007.

KRUG, Marcelo J. **Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Missões no Brasil e Misiones na Argentina (ALCF)**. FAPERGS/UFRS, 2013.

_____. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de Imigrante-RS**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

_____. **Os bilíngues teuto-brasileiros frente à metafonía funcional do Português no Sul do Brasil**. Kiel: Westensee-Verlag, 2011.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. Original em inglês.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EDUSP, 1982.

LIMA, Carla K. S. de; SCHALLENBERG, Erneldo. A fronteira do natural: representações sociais de parentesco em grupos étnicos de alemães e italianos no Sul do Brasil. **Cadernos do**

CEOM, ano 25, n. 37, 2013. Disponível em: <bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/1430/793>. Acesso em: 26 jan. 2015.

MACKEY, W. Bilingualism and multilingualism / Bilingualismus und multilingualismus. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus; Trudgill (Hrsg.). **Sociolinguistics**: na international handbook of the science of language and society = Soziolinguistik. 2. ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2005. p. 1483-1495.

_____. The description of Bilingualism. In: FISHMAN, J. **Leading in the sociology of language**. 3. ed. Monton: The Hague, 1972. p. 554-584.

MARGOTTI, Felício. **A Difusão Sócio-geográfica do Português em Contato com o Italiano no Sul do Brasil**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

McCLEARY, Leland. **Sociolinguística**. UFSC, 2007. Disponível em: <file:///D:/Meus%20documentos/Downloads/sociolinguistica%20(1).pdf>. Acesso em: 15 jan. 2015.

MEINCKE, Silvio. **Horizontes e Raízes**: Histórias de sesmarias e de picadas. São Leopoldo: Oikos, 2011.

MEYER, Martina. **Deutsch ou Deutsch?** Macroanálise pluridimensional da variação do Hunsrückisch rio-grandense em contato com o português. TCC – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/42806>. Acesso em: 20 jan. 2015.

MÜLLER, Telmo Lauro. **175 anos de imigração alemã**. Porto Alegre: EST, 2001.

MUYSKEN; Pieter. Mixed Codes. In: AUER, Peter; WIE, Li. (Eds.). Handbook of multilingualism and multilingual communication. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2007. p. 315-339.

NADALIN, Sérgio Odilon. João, Hans, Johann, Johannes: dialética dos nomes de batismo numa comunidade imigrante. **História Unisinos**, v. 11, n. 1, p. 14-27, 2007.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 43-50.

OLIVEIRA, Gilvan Muller; ALTENHOFEN, Cléo V. O in vitro e o in vivo na política da diversidade lingüística do Brasil – Inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e na sociedade. In: MELLO, Heliana; ATENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tomaso (Orgs.). **Os contatos lingüísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

PAIVA, M. da C. O percurso da monotongação de [ey]: observações em tempo real. In: PAIVA M. da C.; DUARTE, M. E. (Org.) **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra capa, FAPERJ, 2003.

PERTILLE, Marley Terezinha. **O Talian entre o Italiano-padrão e o Português Brasileiro**: Manutenção e Substituição Lingüística no Alto Uruguai Gaúcho. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PORTELA, Rodrigo. Fé, cultura e norma eclesística: A genese da Igreja Luterana no Brasil – organizacao popular e tutela eclesiastica. **Fragmentos de Cultura**, Goiania, v. 16, n. 7/8, p. 593-607, jul./ago. 2006.

PUPP SPINASSÉ, Karen. **Deutsch als Fremdsprache in Brasilien**: Eine Studie über context-abhängige unterschiedliche Lernersprachen und muttersprachliche Interferenzen. Berlin: Peter Lang, 2005.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolingüística românica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Eds.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik**: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel: Westensee-Verl, 1996. p. 25-49.

RAMBO, Arthur Blásio (Trad.). **Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul - 1824-1924**. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

RANZI, Serlei M. F. **Alemães católicos**: um estudo comparativo de famílias em Curitiba (1850-1919). Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V. Os contatos linguísticos e o Brasil: dinâmicas pré-históricas, sócio-históricas e políticas. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Orgs.). Os contatos linguísticos no Brasil. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 13-56.

RIEHL, Claudia M. **Sprachkontaktforschung**: Eine Einführung. Günter Narr Verlag: Tübingen, 2. Überarbeitete Auflage, 2009.

RINDLER SCHJERVE, Rosita. Codes witching (CS) in funktionell rückläufigen Minderheitensprachen: theoretische und methodische Überlegungen. **Sociolinguística**, n. 18, Tübingen, p.13-29, 2004.

RODRIGUES, Sarah L. **Miparlotaliàn**: uma análise sociolinguística do bilinguismo português-dialeto italiano no município de Santa Teresa, Espírito Santo. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

ROMAINE, S. **Bilingualism**. 2. ed. Oxford : Basil Blackwell, 1995.

RUSCHEINSKY, Elena W. **“Uma vez falando em alemão”**: o uso da variante uma vez no português falado em Itapiranga e São João do Oeste - SC. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

SALGADO, Ana Claudia P. **Medidas de Bilingualidade**: uma proposta. Tese (Doutorado). PUC/RJ, Rio de Janeiro, 2008.

_____; DIAS, F. H. Desenvolver a bilingualidade: foco da educação bilíngue e do ensino de línguas. **Sigmo**, Santa Cruz do Sul, v. 35, n. especial, p. 145-153, jun.-dez. 2010.

SARTI, Cynthia A. “Deixarás pai e mãe”: Notas sobre Lévi-Strauss e a família. **Revista Antheopológicas**, ano 9, v. 16, n. 1, p. 31-52, 2005.

SCHALLENBERGER, Erneldo. **Associativismo cristão e desenvolvimento comunitário**: imigração e produção social do espaço colonial no sul do Brasil. Cascavel: Edunioeste, 2009.

SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1999.

SKUTNABB-KANGAS, Tove. Multilingualism and the education of minority children. In: _____; CUMMINS, Jim (Eds.). **Minority education: from shame to struggle**. Clevedon /Avon: Multilingual Matters, 1988. p. 9-44.

_____; PHILLIPSON, R. Linguicide and linguisticism. In: GOEBL, Hans et al. (Eds.). **Contact linguistics: an international handbook of contemporary research**. Handbooks of linguistics and communication science. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1996. p. 667-675.

STEFFEN, Joachim. **Vereinzelne Sprachinseln oder Archipel?** Die Mennonitenkolonien in Belize im Englischen-Spanischen Sprachkontakt. Kiel: Westensee-Verlag, 2006.

TARALLO, F. L. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

THUN, H. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl. **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2005b. p. 63-92.

_____. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de A. (Org.). **Para uma história do português brasileiro**. v. VII: Vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.

_____. Entre alteridad y aliedad: las lenguas minoritarias en momentos de crisis internacional. In: PFLEGER, Sabine; STEFFEN, Joachim; STEFFEN, Martina (Coords.). **Alteridad y Aliedad – La construcción de la identidad con el otro y frente al otro**. Universidad Nacional Autónoma de México: México, 2012. p. 21-40.

_____. La geolinguística como linguística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: **International Congress of Romance Linguistics and Philology** (21.: 1995: Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729.

_____. Movilidad demográfica y dimensión dinámica. Los montevideanos em Rivera. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Orgs.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Aktendés Symposiums zurempirischen Dialektologie**. Kiel: Westensee-Verl, 1996. p. 210-269.

_____. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Erich (Eds.). **Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation**. v. 1: Theories and methods. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 706-723.

_____. Von “guaraní tribal” zum “guaraní paraguayoi”. Die abgestufte Romanisierung des rioplatensischen Guaraní. In: NOLL, V.; SYMEONIDIS, H. (Hrsg.). **Sprache in Iberoamerika**. Festschrift für Wolf Dietrich zum 65. Geburtstag. Hamburg: Buske, 2005a. p. 203-230.

UNESCO *ad hoc* Expert Group Language Vitality and Endangerment. (Document submitted to the international expert meeting on UNESCO). Programme Safeguarding of Endangered Languages. Paris, 10-12 Mar. 2003.

VERMES, Geneviève; BOUTET, Josiane (Orgs.). **Multilinguismo**. Trad. Celene M. Cruz et al. Campinas, SP: Unicamp, 1989.

WACHHOLZ, Wilhelm; HOFFMANN, Patricia; SCHMIDT, Jefferson. Escola e Igreja Teuto-Brasileiras: Germanidade entre preservação e revitalização. In: Anais do IV Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH – Memória e Narrativas nas Religiões e nas Religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, PR, v. V, n. 15, jan. 2013. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Acesso em: 8 jan. /2015.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact**. Findings and problems. 7th Printing. The Hague; Paris: Mouton, 1970 [1953].

_____; LABOV, W.; HERZOG, M. L. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

WERLE, André Carlos. Jesuítas alemães e o projeto de uma colônia étnica e religiosamente homogênea no extremo oeste catarinense: Porto Novo (Itapiranga). **Cadernos do CEOM**, Chapecó, n. 15, 2002.

WIESE, H. O papel da igreja evangélica na preservação da língua alemã na colônia Hammonia. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, n. 9/10, 2005.

WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil**: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

WIRTH, Lauri. Protestantismo e etnia: sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração. **Fronteiras**, Florianópolis, n. 6, 1998.

ANEXOS

ANEXO 1

Questionário para aplicação na coleta de dados sobre o grau de manutenção do alemão em Tunápolis e em Cunha Porã

O presente questionário será aplicado na coleta de dados sobre o grau de manutenção da língua alemã em Tunápolis e em Cunha Porã se concentrando nos termos de parentesco sanguíneos e espirituais. Inicialmente, serão recolhidos os dados pessoais, os aspectos culturais, linguísticos e metalinguísticos do informante. Após se aplicará o questionário sobre os termos de parentesco sanguíneos e espirituais. O informante será instigado, primeiramente, a responder a pergunta livremente, se não houver resposta se provocará por uma resposta e também se fará sugestões de possíveis respostas.

As perguntas deste questionário possuem como fonte o *Questionário Pluridimensional do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira* de Krug (2013) e foram traduzidas, por esta autoria, em três línguas e se apresentam nesta ordem: a variedade do alemão empregado em Tunápolis e em Cunha Porã/ variedade do alemão oficial empregado na Alemanha (Hochdeutsch) e a variedade português padrão. A escrita da variedade do alemão local de Tunápolis e de Cunha Porã baseou-se nas teorias do Grupo de Estudos da Escrita do Hunsrückisch (ES-CRITHU), estudo pioneiro na transcrição do *Hunsrückisch* falado em regiões no Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina⁹². A pergunta pode apresentar mais de uma opção, devido às variações nas falas dos informantes.

Para esta pesquisa foi aplicada uma nova numeração, mas que segue a ordem cronológica das questões do *Questionário Pluridimensional do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira*, conforme Krug (2013). As sugestões de respostas às questões sobre os termos de parentesco, tanto sanguíneo como espiritual, se apresentam somente no alemão dos contextos de pesquisa e em duas colunas, a primeira para a computação dos dados dos informantes femininos e a segunda para os masculinos. No ato da realização da entrevista, serão registrados as ocorrências de outras variáveis além das sugeridas. Na formulação da próxima pergunta serão empregados variáveis apresentadas pelo próprio informante anteriormente.

Capítulo 1: Informanten/ Befragten/ Informantes

I Die Informanten seina dados/ Daten der Befragten/ Identificação dos Informantes

1. Wie schreibt ihr eich von dahem? Wie ist eira Schreibname?/Wie ist Ihr geborener Familienname?/ Nome de família (de solteira) inf. (vide ALMA 1, Horst C. (2011).

2. Wie ist/hesst eira ésta (erste) nama?/ Wie ist Ihr Vorname/ Como é seu primeiro nome?

2.1 Informant/ Befragten/Informante:

3. Wen seid ihr geboha? Wan hot Ihr gebotstag? Von was vor Johrgang seid Ihr?/ Wann sind Sie geboren?/ Qual a sua data de nascimento?

⁹² Veja: ALTENHOFEN, et al. (2007).

4. Wie viel Johr seid ihr in die Schul gang? Wie lang hot ihr gelent? Wie viele Johr hot ihr gelent? Wie lang seid ihr in die Schul gang?/ Wie lange sind Sie in die Schule gegangen? Wie lange/ wie viele Jahre haben Sie gelernt? / Qual seu grau de instrução?

5. An was schaffft ihr? Was ist eira/eure Orweit? Was tut ihr schaffen/ Was sind Sie von Beruf? / Qual a sua profissão?

6. In welche Kerch geht ihr?/ Welche ist Ihre Religion?/ Qual a sua religião?

II. Die Eltra sein dados/ Daten der Eltern/ Identificação dos Pais

1. De Familia sein Noma/Nama/ Familiennome/ Nome de Família

7. Wie schreib deen Papa sich?/ Wie ist der Familiennome Ihres Vaters?/ Como é o sobrenome do seu pai?

8. Wie schreib deen Mama sich von dahem?/ Wie ist der Familiennome Ihrer Mutter?/ Como é o sobrenome da sua mãe (de solteira)?

9. Von wo kimmt deen Familie her? Von wo seid ihr?/ Woher kommt Ihre Familie?/ Qual a origem da sua família?

2. Ésta (erste) Nama/Noma/ Vorname/ Prenome

10. Wie hesst den Papa? Wie ist den papa sen ésta Nama/Noma?/Wie heißt Ihr Vater? / Qual o nome do seu pai?

11. Wie hesst den Mama? Wie ist den Mama sen ésta Nama/Noma?/ Wie heißt Ihre Mutter? / Qual o nome da sua mãe?

12. Was schaffen den Papa und Mama? An was schaffen den Papa und Mama? An was tun den Papa und Mama schaffen?/ Welcher Beruf haben Ihre Eltern? / Qual a profissão dos teus pais?

13. De Papa?/Der Vater?/ O pai?

14. Die Mama?/ Die Mutter/ A mãe?

III – Üwer der Deitsch/Alemão. Wie die Leit sprechen/ Metasprachliche Aspekte / Aspectos Metalinguísticos

I Wie die Leit sprechen/ Identitätsfrage/ Questões de Identidade

15. Was sprecht/verzehlt ihr dahem? (Wie oft? Wen, mit wer?)/ Welche Sprache sprechen Sie in der Familien oder zu Hause? Wie oft? Wann, com quem? / Qual a língua/quais as línguas costuma falar em casa? Com que frequência? Quando? Com quem? (Krug, 2004, Steffen, 2007)

16. Welcher Deitsch/Alemão ist das? Wie hesst de? Kennt ihr mal ein bisschen sachen/sprechen/verzehlen was ist Deitsch/Alemao? Was ist das vor een Deitsch/Alemao? Von

das wo ihr gesot hot, was mennt ihr was hot ihr?/ Welcher Deutsch ist das? Wie heißt er? Können Sie mal ein bisschen erzählen, was ist typisch Deutsch? Was von dem das Sie erzählt haben, meinen Sie, gehört zu Ihnen? / Que tipo de alemão é este? Como se chama? Podias falar um pouquinho sobre o que é típico alemão? O que disse que você colocou, você acha que você apresenta?

17. Ist eurer Deitsch/Alemao anasta als der Deitsch/Alemao aus Deutschland/Alemanha? Was ist anasta?/ Ist der Deutsch aus Deutschland anders als Ihr Deutsch? Was ist anders?/ Tem diferença entre o alemão da Alemanha e o daqui? Qual é a diferença? (Vide Krug, 2004)

18. Wie verzeht ihr gena? Was hot ihr gena? Welcha Deitsch/Alemao sprecht ihr gena? Was tust du liebster sprechen? / Auf welche Sprache reden Sie am liebsten?/ Em que língua mais gostas de conversar?

19. Und so was sprecht ihr mehr de Deitsch/Alemão oder de Português?/ Was sprechen Sie mehr Deutsch oder Portugiessich? O que você mais fala o alemão ou o português?

20. Wen moi/mei kimmt/wen ihr moi/mei krigt/ leit kommen, was sprecht/verzeht ihr gener? Was tut ihr dem meisten verzehlen?/ Wenn Besuch kommt, was sprechen Sie lieber?/ Quando vem visita que língua prefere usar? (Vide Krug, 2004)

21. Und wen de moi/mei blos português sprecht/kann/versteht/verzeht? Ist es bessa wen de moi/mei och Deitsch/Alemão sprecht/verzeht? Hot ihr es gener wen de moi/mei och Deitsch/Alemão sprecht/verzeht?/ Und wenn der Besuch nur Portugiesisch spricht? Fühlen Sie sich besser wenn der Besuch auch Deutsch spricht? / E se a visita só fala português? Se sente melhor quando é uma visita que também fala alemão? (Vide Krug, 2004)

22. Was ment ihr von die Leit/Menschen, wo blos português sprechen/ kennen/ verstehen/ verzehlen und nie de Deitsch/Alemão wo die Dahem gelent hon, sprechen?/ Was denken Sie über die Leute, die nur Portugiesisch sprechen und sprechen nie die Sprache, die sie zu Hause gelernt haben?/ O que você acha das pessoas que só falam português e nunca sua própria língua de casa?

23. Ist es mol mit eich passiert, das ihr mit jemand woht der Deitsch/Alemao konnt, awer der wollt eefach blos português sprechen/verzehlen?/ Ist es mal passiert, das Sie mit jemandem waren, der Deutsch wusste, aber der wollte einfach nur Portugiesisch sprechen?/ Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, mas insistia em só falar português?

24 Wie hot ihr der Portugues gelent? (in de Schul, in Militer, mit andra Leit, an der Orweit, ...)/ Wie haben Sie das Portugiesische gelernt? (in der Schule, im Militär, mit anderen Leuten, an der Arbeit, ...)/ Como aprendeu o português? (Lembretes: escola, quartel, contato, trabalho, ...)

25 Wie ist/woh das in de Schul mit de Deitsch/Alemão? Und in de Kerch?/ Wie war/ist das in der Schule mit dem Deutsch? Und in der Kirche?/ Como é/foi na escola e na igreja o uso do alemão? (Vide Krug, 2004)

26 Was ment ihr, wie sihn die andre Leit, die Menscher die wo von hier sind? (Wie die sprechen? Wie die so sind, was die machen?) / Was meinen Sie, wie sehen die andere Leute, die Leute die von hier sind? / Como acha que as pessoas de fora veem os originários daqui? (Vide Krug, 2004)

27 Was ment ihr so, was seid ihr? Deitscha/Alemão, Brasilionar, Catarinense, ..oder?? / Wie fühlen Sie sich mehr, als Deutscher, Brazilianer, Catarinense, oder?? / Como se sente mais? Alemão, Brasileiro, Catarinense, ou??

28 Der wo in Santa Catarina uf die Welt komm ist, ist...? / Der Mensch der in Santa Catarina geboren ist, ist...? / Quem nasce em Santa Catarina é...?

29 Wen denkt ihr uf Deutsch/Alemão?/ Wann denken Sie auf Deutsch?/ Quando pensa em alemão?

30 Ver wen torciert ihr wen Brasil und Deutschland/ Alemanha mitsamer spielt? / Für wen sind Sie wenn Brasilien gegen Deutschland spielt? / Se o Brasil joga contra a Alemanha, para quem você torce?

II – Wie tut man sich identifizieren (variação und wie viel man sich identifiziert) / Die standards Identitätsidentifizierung (Variation und Intensität der Standarts)/ Identificação de padrões identitários (variação e intensidade da identidade).

31 Von wen sacht/sogt ihr, das ist een Deitscha/Alemão von hier? Wer/wie ist een Deitscha/Alemão von hier?/ Wie identifiziert man ein typischer Deutscher von hier? Was identifiziert ein typischer Deutscher von hier?/ O que identifica o alemão típico daqui?

32 Und der Brasilioner?? Wie ist der?/ Und der Brazilianer, wie ist der?/ E o brasileiro, como é ele?

33 Wie sacht/sogt ihr voo der wo net Deutsch/Alemão ist? Wie sacht/sogt ihr vo der uf Deutsch/ Alemão? / Wie benennen Sie die Personen, die nicht Deutscher sind? / Como chamam as pessoas que não são de origem alemã? (na língua de imigrante e no português) Sugestões: a) Bloie, b) Blaue, c) Brasilioner, d) gringo, e) alemão-batata, f) outra forma.

34 Was ist Brazilianisch?/ Eingeschaften des Brazilianers?/ Características do brasileiro. Wie ist de Brasilioner? a) hot een dunkel Hoot/Haut? b) spricht blos português? c) kommt von der Stadt? d) kann man sich druf verlassa? e) orweit/schafft gen? f) hot odnung? g) die lait hon ihn gen? man kann alles druf verlassa? Ich gebe alles druf ihm? (amigo) h) verzehl viel? i) man kommt bei dem immer gut an? bei dem kann man immer hingehen? j) der glohbt nicht alles was man sacht/sogt? / Wie ist der Brazilianer? a) hat eine dunkle Haut? b) spricht nur Portugiesisch? c) kommt aus der Stadt? d) ist zuverlässig? e) arbeitet sehr gern? f) ist organisiert? g) ist freundlich? h) ist unterhaltsam? i) ist gastfreundlich? j) ist misstrauisch?/ Como é o brasileiro? a) de pele escura? b) só fala português? c) provém da cidade? d) confiável? e) gosta de trabalhar? f) organizado? g) amigo? h) conversador? i) hospitaleiro? j) desconfiado?

35 Was kennt ihr von de ander Deitsch/Alemão von den ander Leit? (Andere Dialekte, Hochdeutsch, reden, tauschen, .../ Was kennen Sie von anderen deutschen Sprachen, anderen Dialekte, Hochdeutsch? / O que sabe da língua do (outro) alemão? Citar palavras ou expressões (Vide Krug, 2004).

36 Von alle Leit hier wer spricht noch de mehrsta der Deitsch/Alemão wer ist noch ganz Deitsch/Alemão? wer hot noch viel das Deitscher? Wer macht/ist noch so wie früher/ wie damals, wie vor die Johra? / Von den Leuten hier, wer bewahrt noch am meisten die deutsche Sprache, Kultur und Traditionen? De modo geral, de todas as pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem?

37 Ist der Português wo hier in Tunápolis gesproch wed anasta als der wo in Santa Helena gesproch wed? Wie so kann das so sind? Wie so ist das so? Wie kann das sind?/ Gibt es einen Unterschied zwischen dem Portugiesisch der hier in Tunapolis gesprochen wird und dem Portugiesisch der in Santa Helena gesprochen wird? Woran liegt den Unterschied? Geben Sie Beispiele./ Tem diferença entre o português falado em Tunápolis e em Santa Helena? A que se deve isso? Dê alguns exemplos.

38 Wer spricht der schenster Português, der Deitscher/ Alemão, Der Brasilioner? /Wer spricht den besten Portugiesisch, der Deutscher, der Brasilianer?/ De modo geral, quem fala melhor português, o alemão, o brasileiro?

III – Die Sproch und de Kultur/ Der Deitsch und de Kultur / Die Rolle der Sprache im Aufbau des Standarts (die Beziehung der Sprache mit anderen Ikonen der Kultur) / Papel da Língua na constituição da identidade (relação de língua com outros ícones da cultura).

39 Mennt ihr, die Kinner missen von den Alter de Deitsch/Alemao lennen? Worum? / Meinen Sie, es ist wichtig dass die Kinder Deutsch von/mit den Eltern lernen? Warum? / Acha importante que os filhos aprendam alemão dos pais? Por quê? (Vide Krug, 2004).

40 Viele Junge sprechen net mehr die Alter sein Deitsch/Alemão. Was mennt ihr davon? / Viele Jugendliche sprechen nicht mehr die Sprache der Eltern. Was meinen Sie davon? / Muitos jovens não falam mais a língua dos pais. O que acha disso?

41 Denach wo ihr seid, schemt ihr eich Deitsch/Alemao sprechen. / Gibt es Situationen in der Sie sich schämen Deutsch zu sprechen?/ Existem situações em que você tem vergonha de falar alemão?

42 Ist das gut das die Kinner Deitsch/Alemão in de Schul lennen, was mennt ihr? Ist bessa dass die Kinner Deitsch/Alemao lennen gecha Ingles? Warum? / Was meinen Sie, ist es gut, dass die Kinder Deutsch in der Schule lernen? Wenn ja, ist Deutsch wichtiger als Englisch? Warum? / Acha que deveria ter ensino de alemão na escola? Se sim, seria mais importante que ensino de inglês? Por quê? (Vide Krug, 2004)

43 Wenn ihr sogen/sachen kennt, was identifiziert mehsten den Deitscher/Alemão. Wenn Sie sagen müssten, was identifiziert am meisten ein Deutscher, was würden Sie sagen, was wäre es? / Se fosse dizer o que mais identifica um alemão, diria que é o que?

1. an sein Körper 2. wie der spricht 3. sein Musik. 4. an sein Haus 5. so wira ist 6. an sein Kerch 7. was und wie er was macht, wie er so alles macht, wie er gewohn ist, was machen. 8. an seine festa 9. an seine Nomen/Namen 10. Was noch/gibts noch was: _____ / 1. Seine körperliche Eigenschaften 2. Seine Sprache 3. Seine Musik 4. Seine Wohnung 5. Seine Art des Seins 6. Seine Religião 7. Seine Gewohnheiten und sein Benehmen 8. Seine Feste 9. Seine Name 10. Anders: _____ / 1. Suas características físicas 2. Sua língua 3. Sua música 4. Sua casa 5. Seu jeito de ser 6. Sua religião 7. Seus hábitos e costumes 8. Suas festas 9. Seus nomes 10. Outro: _____

IV. Wie viel von Deitsch und wie viel von Português se Gefrogter, der Gemeinde und wie seht er sich. / Bilinguismusgrad der Befragten und der Gemeinde und Identitätsanerkennung / Grau de bilinguismo dos informantes, da sua comunidade e o reconhecimento da identidade.

44 Was spricht ihr wen ihr hier bei eich/ in de eurer Stadt uf de Correio seid: _____ im Mercado: _____ im Laden, im Gescheft, im Loja: _____ uf de sindicato: _____ im Restaurante _____ uf der prefeitura: _____ in de posto de saúde: _____ mit de Poda oder Pfara: _____ uf een Fest oder Boll: _____ in de confessionário: _____ in de Posto de gasolina: _____ an der orweit: _____ / Welche Sprache sprechen Sie wenn Sie in Ihrer Stadt auf der Post sind: _____ im Supermarkt: _____ im Geschäft: _____ auf dem Sindikat: _____ im Restaurante: _____ auf dem Rathaus: _____ auf der Krankenstelle/station / auf der Unfallstation: _____ mit dem Priester/ Pfarrer: _____ auf Festen und auf Tänzten: _____ auf dem Beichstuhl: _____ an der Tankestelle: _____ an der Arbeit: _____ / Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? (Vide Schmidt, 1997). 1. No correio: _____ 2. No mercado: _____ 3. Nas lojas: _____ 4. No sindicato: _____ 5. No restaurante: _____ 6. Na prefeitura: _____ 7. No posto de saúde: _____ 8. Com o padre / pastor: _____ 9. Nas festas e nos bailes: _____ 10. No confessionário: _____ 11. No posto de gasolina: _____ 12. No trabalho: _____.

45 Wen ihr een fremder uf der Stross trefft, wie spricht/verzehlt ihr mit dem? / Wenn Sie einen Fremder auf der Straße treffen, auf welche Sprache sprechen Sie mit ihm? / Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?

46 Wen spricht/verzehlt ihr de Deitsch/Alemão und wenn der português? / Wann sprechen Sie Deutsch und wann sprechen sie Portugiesisch? / Em que situações você fala a língua minoritária e em qual situação a língua portuguesa?

47 Wen ihr português spricht/verzehlt, tut ihr der Deitsch/Alemao misturira, rin mischa, durcheinander machen? Was misturiert ihr, was macht ihr durcheinander und warum? / Wenn Sie Portugiesisch sprechen, mischen Sie dann Deutsch ein? Was mischen Sie ein und warum? / Quando você fala o português, você mistura o alemão no portugues? O que você mistura?

48 Wen ihr Deitsch/Alemão sprecht, tut ihr der português mit rin mischa, oder misturira, ...? was misturiert ihr, was macht ihr durcheinander und warum? / Wenn Sie Deutsch sprechen, mischen Sie dann Portugiesisch ein? Was mischen Sie ein und warum? / Quando você fala o alemão, você mistura o português no alemão? O que você mistura?

IX. Verwanden und Familia / Verwandschaft und Familien / Parentesco e Familia

49 Wie sacht/sogt ihr für alle die Leit die das selbige Blut hon, die zu der Familie gehören, (wohnen aber nicht alle beisammen)? / Wie nennen Sie die Personengruppe die das gleiche Blut haben, die zu der Familienstamm gehören? / Como você denomina o grupo de pessoas que possuem o mesmo sangue, que pertencem a mesma árvore genealógica? (Vide ALMA cap. 1-VIII – 157)

Feminino	Masculino
a) Parent, b) Verwandte, c) mein Leit → Deriv.: aa) Parentoosche, Verwandschaft, aaa) Parentagem.	a) Parent, b) Verwandte, c) mein Leit → Deriv.: aa) Parentoosche, Verwandschaft, aaa) Parentagem.

50 Wie sacht/sogt ihr für die zweu Leit die dich uf die Welt gebrach hon/getun hon/eich das Lewwe geb hon, die dich gezogen hon? Die zweu mitsamma. / Wie nennen Sie die zwei Personen zusammen die Ihnen das Leben ermöglicht haben/ die Ihnen das Leben gegeben haben/ die Ihnen erzogen haben? / Como você denomina as duas pessoas juntas que lhe possibilitaram a vida, que lhe educaram, que lhe colocaram no mundo? (Vide ALMA cap. 1-IX – 163)

Feminino	Masculino
a) Eltre, b) die Alde P: a) pais, b) velhos	a) Eltre, b) die Alde P: a) pais, b) velhos

51 Wie sacht/sogt ihr vo der Mann de eich uf die Welt getun hot, eich das Lewwe geb hot, eich gezogen hot? / Wie nennen Sie den Mann, der Ihnen das Leben ermöglicht hat/ der Ihnen das Leben gegeben hat, der Ihnen erzogen hat? / Como você denomina o homem que lhe possibilitou a vida, que lhe deu a vida, que lhe colocou no mundo, que lhe educou? (Vide ALGR cap. B, III-15; MRhSA 52.4; ALMA cap. 1-IX – 164)

Feminino	Masculino
a) Vater, b) Vatti, c) Pappai, d) Papa, e) Pai, f) Paio, g) der Alt (?)	a) Vater, b) Vatti, c) Pappai, d) Papa, e) Pai, f) Paio, g) der Alt (?)

52 Wie sacht/sogt ihr vo der Froo de eich uf die Welt getun hot, eich das Lewwe geb hot, eich gezogen hot? / Wie nennen Sie die Frau, die Ihnen das Leben ermöglicht hat/ die Ihnen das Leben gegeben hat, die Ihnen erzogen hat? / Como você denomina a mulher que lhe possibilitou a vida, que lhe deu a vida, que lhe colocou no mundo, que lhe educou? (Vide ALGR cap. B, III-15; MRhSA 52.4; ALMA cap. 1-IX – 165)

Feminino	Masculino
a) Motter, b) Mutti, c) Mammai, d) Mama e) Mai, f) Maio, g) Manhe, h) Maie, i) die Alt (?)	a) Motter, b) Mutti, c) Mammai, d) Mama e) Mai, f) Maio, g) Manhe, h) Maie, i) die Alt (?)

53 Wie sacht/sogt ihr voo die Froo die een Kind hot, hot awer kena Mann? / Wie nennen Sie die Frau die ein Kind hat, hat aber keinen Mann, ist nicht verheiratet? / Como você denomina a mulher que possui um filho ou filha, mas não possui marido? (Vide ALMA cap. 1-IX – 166)

Feminino	Masculino
a) mãe solteira	a) mãe solteira

54 Wie sach/sogt ihr voo der der grad uf die Welt komm ist/ gebohr ist? / Wie nennen Sie die Person, die gerade auf die Welt gekommen ist/ geboren ist? / Como você denomina a pessoa que acabou de nascer? (Vide ALERS GSL 425: recém-nascido, ALGR cap. B, III-5; MrhSA 182.2: Kind; ALMA cap. 1-IX – 167)

Feminino	Masculino
a) Baby, b) Kinnche, c) Nenne, d) Nenne- che, e) Brustkind, e) Schoßkind, P: a) bebe, b) nenê, c) recém-nascido	a) Baby, b) Kinnche, c) Nenne, d) Nenne- che, e) Brustkind, e) Schoßkind, P: a) bebe, b) nenê, c) recém-nascido

55 Wie sacht/sogt der Mama/Mae/die Eltra uf sein Nenneche/Kind wens femenin ist/ een Froo ist? / Wie nennen die Eltern ihr weibliches Kind? / Como os pais denominam a sua criança/ o seu filho feminino? (Vide MRhSA 130.2; WS 09; ALMA cap. 1-IX – 168)

Feminino	Masculino
a) Mede/ Mere → Kontext: ens von mein P: filha; HD: Tochter	a) Mede/ Mere → Kontext: ens von mein P: filha; HD: Tochter

56 Wie sacht/sogt der Mama/Mae/die Eltra uf sein Nenneche/Kind wens maskulin ist/ een Mann ist? / Wie nennen die Eltern ihr männliches Kind? / Como os pais denominam a sua criança/ o seu filho masculino? (Vide MRhSA 130.2; WS 09; ALMA cap. 1-IX – 169)

Feminino	Masculino
a) Jung, b) Bub → Kontext: enne von mei- ne ... P: filho; HD Sohn	a) Jung, b) Bub → Kontext: enne von mei- ne ... P: filho; HD Sohn

57 Wenn zweu Kinner uf eenmol uf die Welt kommen/ gebohr sind, wie sacht/sogt man uf die zwei mitsamme? / Wenn zwei Kinder mitsammen geboren werden, wie nennen Sie sie? / Se duas crianças nascem juntas, como você as denomina? (Vide ADDU 195; ALERS QSL 436; ALiB QSL 125; ALGR cap. B. III-82 u. 83; ALMA cap. 1-IX – 170)

Feminino	Masculino
a) Zwillinge, b) Zwillings P: gêmeos; E: gemelos	a) Zwillinge, b) Zwillings P: gêmeos; E: gemelos

58 Wie sacht/sogt ihr voo de lester von der Familie, der uf die Welt komm ist/ gebohr ist? / Wie nennen Sie der letzte der in der Familie geboren ist? / Como você denomina aquele que nasceu por último na família? (Vide ADDU 202; ALLERS QSL 438, ALiB QSL 131; ALGR cap. B, III-85 u. 86; ALMA cap. 1-IX – 171)

Feminino	Masculino
a) der jüngschte, b) caçula P: a) caçula, b) benjamim, c) mais moço, d) menor	a) der jüngschte, b) caçula P: a) caçula, b) benjamim, c) mais moço, d) menor

59 Wie sacht/sogt ihr voo alle die ihr uf die Welt getun hot, voo die alle beisamma? / Wie nennen Sie alle die Personen zusammen, die Sie auf die Welt gebracht haben? / Como você denomina todas as pessoas juntas que você colocou no mundo? (Vide MRhSa 161.4: `Kinder`; ALMA cap. 1-IX – 172)

Feminino	Masculino
a) Kinner P: filhos	a) Kinner P: filhos

60 Wie sacht/sogt ihr voo der, der keen Eltra hot? / Wie nennen Sie die Person, die keine Eltern hat? / Como você denomina aquele que não possui pais? (Vide ADDU 210; ALMA cap. 1-IX – 173) Criança sem pais?

Feminino	Masculino
Orfong P: órfão; E: huérfano	Orfong P: órfão; E: huérfano

61 Wie sacht/sogt ihr voo Männer alle beisamme, wo den selbigen Eltra hon, een Papa und een Mama hon? / Wie nennen Sie alle Männer zusammen, die die gleichen Eltern habeh? Como você denomina o grupo de homens que possuem os mesmos pais? Vide MRhSA 143.2; WS 33: Sg.; ALMA cap. 1 1 – IX – 179)

Feminino	Masculino
a) Brieder, b) Brierer, c) Maninhos P: a) irmão, b) mano, E: hermano	a) Brieder, b) Brierer, c) Maninhos P: a) irmão, b) mano, E: hermano

62 Wie sacht/sogt ihr voo Froen alle beisamme, wo den selbigen Eltra hon, een Papa und een Mama hon? Wie nennen Sie alle Männer zusammen, die die gleichen Eltern habeh? Como você denomina o grupo de mulheres que possuem os mesmos pais? (Vide MRhSA 127.1; WS 17: Sg.; ALMA cap. 1 – IX -180)

Feminino	Masculino
a) Geschwister P.: irmãos	a) Geschwister P.: irmãos

63 Wie sacht/sogt ihr voo die Froen und die Männer alle beisammen, wo die selbigen Eltra ho, een Papa und een Mama hon? / Wie nennen Sie alle Frauen und Männer zusammen, die die gleichen Eltern haben? / Como você denomina o grupo de mulheres e homens juntos que possuem os mesmos pais? (Vide ALMA cap. 1 – IX -181)

Feminino	Masculino
a) Geschwister P.: irmãs	a) Geschwister P.: irmãos

64 Wie sacht/sogt ihr voo der Papa oder der Mama sein Bruder? / Wie nennen Sie den Bruder Ihres Vaters oder Ihrer Mutter? / Como você denomina o irmão do seu pai ou da sua mãe? (Vide ALERS QFF 003; ALGR cap. B, III-75 bis 80; ALMA cap. 1-IX – 182)

Feminino	Masculino
a) Onkel, b) Unkel, c) Vetter (?), d) Tio (Aussprache?/Pronuncia?) Se diz também para um estranho? P: tio/ titia	a) Onkel, b) Unkel, c) Vetter (?), d) Tio (Aussprache?/Pronuncia?) Se diz também para um estranho? P: tio/ titia

65 Wie sacht/sogt man voo der Papa oder der Mama sein Schwester? / Wie nennen Sie die Schwester Ihres Vaters oder Ihrer Mutter? / Como você denomina a irmã do seu pai ou da sua mãe? (Vide ALGR cap. B, III-81; ALMA cap. 1-XV – 183)

Feminino	Masculino
a) Tante, b) Bas (?), c) Boos (?), d) Tia (Aussprache?/pronuncia?) Se diz também, para uma mulher estranha? P: tia/ titia	a) Tante, b) Bas (?), c) Boos (?), d) Tia (Aussprache?/pronuncia?) Se diz também, para uma mulher estranha? P: tia/ titia

66 Was ist der Jung von der von eich? / Was ist der Sohn Ihres Onkels oder Ihrer Tante zu Ihnen? / O que o filho do seu tio ou tia é de você? (Vide ALGR cap. B, III-67-68; ALMA cap. 1-IX – 184)

Feminino	Masculino
a) Prime, b) primo HD: Cousin/Vetter	a) Prime, b) primo HD: Cousin/Vetter

67 Was ist das Mädchen von der von eich? / Was ist der Tochter Ihres Onkels oder Ihrer Tante zu Ihnen? / O que a filha do seu tio ou da sua tia é de você? (Vide ALGR cap. B, III-69-70; ALMA cap. 1-IX -185)

Feminino	Masculino
a) Prime, b) Prima HD: Cousine	a) Prime, b) Prima HD: Cousine

68 Was ist der Jung von deen Bruder oder deen Schwester von eich? / Was ist der Sohn Ihres Bruders oder Ihrer Schwester von Ihnen? / O que o filho do seu irmão ou irmã é de você? (Vide ALGR cap. B, III-62-63; ALMA cap. 1-IX – 186) Filho do irmão ou da irmã em relação a nós?

Feminino	Masculino
a) Sobrinhe, b) Sobrinho HD: Neffe	a) Sobrinhe, b) Sobrinho HD: Neffe

69 Was ist das Mädchen von deen Bruder oder deen Schwester von eich? / Was ist die Tochter Ihres Bruders oder Ihrer Schwester von Ihnen? / O que a filha do seu irmão ou irmã é de você? (Vide ALGR cap. B, III-64-65; ALMA cap. 1-IX – 187) Filho do irmão ou da irmã em relação a nós?

Feminino	Masculino
a) Sobrinhe, b) Sobrinha HD: Nichte	a) Sobrinhe, b) Sobrinha HD: Nichte

70 Was sind deen Papa sein Eltra von eich? / Was sind die Eltern von Ihrem Vater von ihnen? / O que os pais do seu pai são de você? (Vide ALMA cap. 1-XV – 188)

Feminino	Masculino
a) Großeltern, b) Wowworw P: avós	a) Großeltern, b) Wowworw P: avós

71 Was ist deen Papa sein Papa von eich?/ Was ist der Vater von Ihrem Vater von Ihnen? / O que o pai do seu pai é de você? (Vide ALMA cap. 1 – IX – 188 ADDU 211; ALGR cap. B, III-50-51: ALMA cap. 1 - IX – 189)

Feminino	Masculino
a) Großvater, b) Opa, c) Wowwe (Art.?), d) Wowwo, e) Vater? P: avo.	a) Großvater, b) Opa, c) Wowwe (Art.?), d) Wowwo, e) Vater? P: avo.

72 Was ist deen Papa sein Mama von eich?/ Was ist die Mutter von Ihrem Vater von Ihnen? / O que a mãe do seu pai é de você? (Vide ADDU 212; ALGR cap. B, III-52-53; ALMA cap. 1-IX – 190)

Feminino	Masculino
a) Großmutter, b) Oma, c) Wowwe, d) Mutter? P: avó	a) Großmutter, b) Oma, c) Wowwe, d) Mutter? P: avó

73 Was seid ihr von deiner Oma/Wowwe ? Und deen Bruder oder Schwester? /Was sind Sie zu Ihrer Großmutter? Und Ihrer Bruder oder Ihre Schwester? / O que você é em relação a sua avó? E seu irmão ou sua irmã? (Vide ALGR cap. B, III-54 bis 57; ALMA cap. 1-IX -191)

Feminino	Masculino
a) Enkelkind, b) Enkelche → P: Neto/Neta	a) Enkelkind, b) Enkelche → P: Neto/Neta

74 Was sind deen Kinner voo dena Oma/Wowwe? / Was sind Ihre Kinder zu Ihrer Großmutter? / O que seus filhos são em relação a sua avó? (Vide ALGR cap. B, III-57.1 u. 57.2; ALMA cap. 1-IX – 192)

Feminino	Masculino
a) Urenkelche, → P: Bisneto, Bisneta	a) Urenkelche, → P: Bisneto, Bisneta

75 Wie sachen/sogen deen Kinner voo dener Wowwe und Wowwo beisamme? / Wie sagen Ihre Kinder zu Ihren Großeltern? / Como os seus filhos denominam os seus avós? (Vide ALMA cap. 1 – IX – 193)

Feminino	Masculino
a) Urgroßeltre, b) Urwowwore P: bisavós	a) Urgroßeltre, b) Urwowwore P: bisavós

76 Wie sachen/sogen deen Kinner für dena Opa/Wowwo? / Wie sagen Ihre Kinder zu Ihrem Großvater? / Como os seus filhos denominam o seu avô? (Vide ALGR cap. B, III-54. 1 u. 54.2; ALMA cap. 1 – IX – 194)

Feminino	Masculino
a) Urgroßvater, b) Uropa, c) Urwowwe (Art.), d) Urwowwo	a) Urgroßvater, b) Uropa, c) Urwowwe (Art.), d) Urwowwo

77 Wie sachen/sogen deen Kinner für dena Oma/Wowwe? / Wie sagen Ihre Kinder zu Ihrer Großmutter? / Como os seus filhos denominam a sua avó? (Vide ALGR cap. B, III-54. 3 u. 54.4; ALMA cap. 1 – IX – 195)

Feminino	Masculino
a) Urgroßmutter, b) Uroma, c) Urwowwe P: bisavó	a) Urgroßmutter, b) Uroma, c) Urwowwe P: bisavó

78 Und in der Kerch wie ihr getof seid, woren deen Papa und deen Mama dot. Und wer wor noch dot vor der Poda/ Pfara? Der gebt eich Päckchen/hot eich Päckchen geb. Wie sacht/sogt ihr voo dem, der Mann? /Wie nennen Sie den Mann, der bei Ihnen und bei Ihren Eltern war, als sie getauft worden sind, der gibt oder hat Ihnen immer Geschenke gegeben? / Como se denomina o homem que estava presente no seu batismo além de seus pais e sempre dá ou deu presentes a você? (Vide ALGR cap. B, III-87-88; ALMA cap. 1-IX – 203)

Feminino	Masculino
a) Patt → dif. B) Toofpatt, c) Ferrempatt P: padrinho	a) Patt → dif. B) Toofpatt, c) Ferrempatt P: padrinho

79 Und in der Kerch wie ihr getof seid, woren deen Papa und deen Mama dot. Und wer wor noch dot vor der Poda/ Pfara? Der gebt eich Päckchen/hot eich Päckchen geb. Wie sacht/sogt ihr voo dem, der Froo? /Wie nennen Sie die Frau, die bei Ihnen und bei Ihren Eltern war, als sie getauft worden sind, die gibt oder hat Ihnen immer Geschenke gegeben? / Como se denomina a mulher que estava presente no seu batismo além de seus pais e sempre dá ou deu presentes a você? (Vide ALGR cap. B, III-87-88; ALMA cap. 1-IX – 203)

Feminino	Masculino
a) Patin, b) Goht, → dif.: c) Toofgoht, d) Ferremgoht, P: madrinha	a) Patin, b) Goht, → dif.: c) Toofgoht, d) Ferremgoht, P: madrinha

80 Was seid ihr voo eirer Patt und Goht? / Was sind Sie zu Ihrem Patt und Goth? / O que você é para o seu padrinho e madrinha? (Vide ALGR cap. B, III-31 u. 332; ALMA cap. 1-IX – 205)

Feminino	Masculino
a) Gohtche P: afilhada	a) Pattche P: afilhado

81 Was ist ihr Schwester (Informante masculino)/ ihr Bruder (Informante Femenino) voo de-
nerer Patt oder Goht? / Was ist Ihrer Bruder oder Ihre Schwester zu dem Patt und Goth? / O

que seu irmão ou irmã é para o seu padrinho e sua madrinha? (Vide ALGR cap. B, III-32 u. 34; ALMA cap. 1-IX – 206)

Feminino	Masculino
a) Patche P: afilhado	a) Gohtche P: afilhada

ANEXO 2.1

Texto para leitura na variedade alemão padrão

Die Taufe

Jetzt schläft das kleine Baby friedlich. Heute ist der große Tag der Taufe. Der Vater Kurt war ängstlich. Arthur ist sein erster Sohn und er möchte gerne ein zweites Kind haben, vielleicht eine Tochter um ein Pärchen zu haben. Die Taufe war schon vor ein paar Tagen verabredet. Es war nicht leicht gewesen einen Tag zu finden, dass die Verwandten aus Rio Grande do Sul und aus Santa Catarina alle kommen konnten. Arthurs Vater und Mutter haben sich zufällig kennengelernt als sie schon 40 Jahre alt waren. Wegen Marlises Schwangerschaft, Arthurs Mutter, haben sie sich entschieden zusammen zu wohnen. Es war eine sehr große Freude für Kurts Vaters Elton, Arthurs Großvater, als er es mitbekommen hat, dass noch ein Enkelkind kommen würde. Er war schon 63 Jahre alt und hatte bis zu dieser Zeit erst einen Enkel. Der Enkel Arthur, Sohn seines ältesten Sohnes, würde der einziger Man in der Familie sein, der den Familiennamen tragen würde. Der andere Enkel, der Sohn seiner Tochter, trug den Familiennamen des Schwiegersohnes. Seine Brüder, Kurts Onkels, hatten keine Söhne und seine Schwestern, Kurts Tanten, hatten Söhne, aber sie trugen nicht seinen Familiennamen. Elton hat noch die jüngste Tochter, die auch schon mehr als 30 ist, aber sie hat Schwierigkeiten mit engen Beziehungen. Von Ihr würde es schwierig sein einen Enkel oder eine Enkelin zu bekommen. Leider ist Arthurs Großmutter Wally nicht mehr da, um den Enkel zu genießen. Sie starb vor 4 Jahren durch einen Autounfall. Arthurs Paten und Patinnen wurden gründlich ausgewählt. Weil Kurt der Pate seines Neffen war, war es gerecht seine Schwester als Arthurs Patin einzuladen. Marlies hat eine große Familie. Es war schwer die Paten und Patinnen auszuwählen. Sie haben eine jüngere Schwester als Patin und einen älteren Bruder als Paten eingeladen. Sie haben eine Nichte von Marlies, Arthurs Cousine Sofia, die auch Marlises Patentochter war, als Patin eingeladen aber sie war im letzten Tag der Schwangerschaft von Zwillingen und dadurch konnte sie nicht zur Taufe kommen. Ihr Bruder Guilherme, Arthurs Cousin, hat sie vertreten. Die Taufe war ein schönes Erlebnis und Arthur hat es sehr genossen. Aber die vielen gewünschten Fotos von den Paten und Patinnen mit dem neuesten Patensohn haben ihn gelangweilt.

ANEXO 2.2

Texto para leitura na variedade alemão local

Der Tóof

Jetzt schloft de kleener nene ganz liebcher. Hait ist de großer Toooh. De Papa/Vater Curt wor ganz unruich. De Arthur ist sein erchtes Kind. Er wollt noch em zweter hon, sogar ein Medcher fó ein percheer hon. De Tóof wor schon vor paar Toge markiert.

Es wor schlimm een Tog zu finner, wo die Parend/Verwander von Rio Grande do Sul und von Santa Catarina alle kommer kenner. Arthur seen Papa/Vater und de Mama/Mutter hon sich getroof, woran sie schon vérzig und dann sind as zusammen wohner gang weil de grvida wor. Awer de Papa/Vater von de Curt, de vovo/Opa/Großvater von Arthur, hot sich jooh so gefreit das er wieder vovo/Opa/Großvater wed, das wieder een kleenes kommt.

Er ist doch schon 63 Jahr alt und hor erscht eener Enkelkind/Netochen. De Enkel/Neto Arthur, de nene seiner Jung, nur de hot de richtiger Familiernome. Weil de ondere Neto ist joh von seen Medcher und der hot joh der Familiernome von seen Papa. Seener Bruder/irmãos, was die Onkels von Curt sind, die hon joh keen Buber und die Fróen, was die Schwester sind, Curt senner Tanden, die hon Buber/Junges, awer die hon joh net de Nomer behal, die hon joh een andra Familiernomer krieche von seen Papa/Vater.

Elton hot joh noch des jüngstes Medcher, das schon üwer 30 ist, awer das bleebt joh nicht lan mit kenner, von der kommt kenner Netocher/Enkel oder een Netacher/Enkelin das och de genn hon wollt. Es ist schood, das die Vovô/Oma/Großmutter net meer lebt, und de kleen seehn, die ist joh vor 4 Jahr umkomm.

Die Pat und die Kot von Arthur honsa ganz gut ausgesucht. De Curt wor joh schon de Pat von seen Schwester sein Jung, da wollt er joh och die Schwester vo Kot hon. Marlise hot joh een groß Familier das wor joh net leicht gewess de Pat und Kot aussucher. Die hon denn die kleenst (Schwester) und de elster Bruder für Kot und Pat genomm.

Die hon och eener Sobrinha von Marlise vo Kot genomm, die Sofia die ist joh och prima von Arthur und wor joh och Marlise seiner Kotcher. Awer die ist joh in den letzten Toge, die ist joh Grvida von zwee/Zwillinge und so kann die joh net kommer. Awer da kommt seen Bruder, de Guilher uf seen Platz in der Kerch.

De Tóof wor joh was schönes für de kleener, de hot joh sich so gefreit. Awer de konnt joh net so gut hon, weil de Pat und de Kot wollter so vieler Bildcher macher mit den kleenschter/jünschter Patcher/Kotcher.

ANEXO 2.3

Texto para leitura na variedade português padrão

O Batismo

Agora o pequeno bebe dorme tranquilamente, hoje é o grande dia do seu batizado. O pai, Curt, estava ansioso, o Arthur era seu primeiro filho e gostaria de ter um segundo, talvez uma filha menina para ter um casal. O batizado estava marcado há dias, tinha sido difícil encontrar uma data favorável para os parentes do Rio Grande do Sul e do Paraná poderem vir. O pai e a mãe de Arthur se conheceram por acaso, quando já tinham quase 40 anos e se uniram devido a gravidez de Marlise, a mãe de Arthur. Mas foi uma grande felicidade para o pai de Curt, Elton o avô de Arthur, saber da chegada de mais um neto. Ele já tinha 63 anos e tinha somente um neto até o momento. O neto Arthur, filho do seu filho mais velho é o único homem que manterá o sobrenome da família. O seu outro neto era filho de sua filha e que adotou o sobrenome do genro. Os seus irmãos, tios do Curt, não tiveram filhos homens e suas irmãs, tias do Curt, tiveram filhos homens, mas não mantiveram o sobrenome da família. Elton tem ainda a filha mais nova, que também já passa dos trinta, mas tinha dificuldades em se manter firme em um relacionamento, dela dificilmente virá um neto ou talvez uma neta que ele também gostaria de ter. É uma pena que a vó de Arthur, a Wally, não esteja mais viva, para curtir o neto. Ela havia falecido em um acidente há 4 anos.

Os padrinhos e madrinhas de Arthur foram escolhidos minuciosamente. Como Curt era padrinho de seu sobrinho, achou por bem convidar a sua irmã para ser madrinha de Arthur. Marlise tem uma família grande, ficou difícil escolher os padrinhos, convidaram uma irmã mais velha e um irmão mais novo para serem os padrinhos. Também convidaram uma sobrinha da Marlise, que era prima do Arthur e fora afilhada de Marlise, a Sofia para ser madrinha, mas ela estava nos últimos dias de gravidez de gêmeos e não podia comparecer ao batizado. Ela foi representada no dia por seu irmão Guilherme, primo de Arthur.

O batizado foi um grande momento que o pequeno Arthur curtiu muito. O que lhe cansou muito foi a quantidade de fotos que os padrinhos e madrinhas queriam tirar com o seu mais novo afilhado.

ANEXO 3

TABELA DAS VARIÁVEIS E DAS RESPOSTAS INDIVIDUAIS

LEGENDA																	
Resp. espontânea / Resp. por insistência / Sug. aceita / Sug. não aceita / Sem resposta																	
		TUNÁPOLIS/SC - CATÓLICO								CUNHA PORÃ/SC - LUTERANO							
		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
Q	Termos	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
49	Parent			●	●							○	○			●	
	Mein/unser Leit/Leut			○	○			○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
	Parentoosche	○	○	○	○	○	○		○			○	○	○	○		○
	Verwandtschaft			○	○	○	○	○	○			○	○	○	○		○
	Parentagem																
	Verwandte			○	○	○	○									○	○
	Parentes											○	○				
	Verwander	●	●							○	○	○	○	●	●	○	
	Parenda					●	●	●	○		●	○	○	●	●	●	●
	Bekannter									●					●		
Freunder									●								
50	die Alde			○	○	○	○	○	○			○	○	○	○	○	○
	Eltre			○	○												
	die Eltern			○		○	○	○	○	●	○	○	○	○	○	○	○
	pais																
	velhos																
	Eltra	●	●			●	●			●	●	○	○	○	○	○	●
	Die Voreltern	●															
	Papre			●	●												
	De papa und die Mama			●	●			●				●	●			●	●

	<i>De Vater und die Mutter</i>									●		●			●	●		
51	Vatti												○	○				
	Pappai																	
	Paio												○	○				
	der Alter																	
	der Vater	●	●	○	○	●	●	○	●	●	●	○	○	●	●	○	○	
	Pai					●												●
	<i>Papa</i>	●	●		●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	<i>De Alder</i>			●				●	●				○	○			○	●
	<i>Pappi</i>																	●
52	Motter								○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
	Mutti								○	○							○	○
	Mammai																	
	Mama	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Mai																	
	Maio												○	○				
	Manhe							○	○				○	○	○	○		
	Maie																	
	die Alt																	
	Mutter	●	●	○	○		○	●	●	●	●	○	○	●	●	○	○	
	mãe																	
	<i>Mui</i>																	●
53	mãe solteira	●	●	○	○								●	●	●	●	●	●
	<i>Strohwittfrau</i>	●	●	○	○	●	●			●	●	○	○			○	○	
	<i>Wittfrau</i>							●	●			○	○					
	<i>Lediges Mutter</i>											●						
	<i>Fraumensch</i>																	
	<i>Eine ledige Mama</i>															●		
54	Kinntche											○	○	○	○	○	○	○
	Nenne	●	●	●	●		●	●	●			○	○		●	○	●	

	Nenneche	●	●	◐	◐	●				◐	◐	◐	◐	◐	◐	●	
	Brustkind						◐	○	○	◐	◐	◐	○	◐	◐	○	○
	Schoßkind		◐	◐	○	◐		◐	◐	◐	◐	◐	◐	◐	◐	◐	◐
	Baby	○	○	○	○	○	○	○				○	○	○	○	○	◐
	bebe																
	nenê																
	recém-nascido																
	<i>Kleines Kind</i>	●	●				●	◐	◐	●	●	◐	◐			◐	◐
	<i>Kleener Kind</i>				●												
	<i>Klein Nenecher</i>											●	●				
55	Mede							○	○			○	○			○	
	Mere							○	○							○	
	ens von mein ...																
	Tochter	◐	◐	○	○	○	○	○	○	◐	◐	○	○	◐	◐	○	○
	Mädchen			●	◐						●					●	○
	filha																
	<i>Mädcher</i>	●	●			●	●	●	●	●	●	●	●	●	●		●
	<i>Mäder</i>																●
56	Jung							◐	◐							◐	◐
	Bub																◐
	enne von meine																
	Sohn	◐	◐	○	○	◐	◐	○	○	◐	◐	◐	○	●	●	○	○
	filho																
	<i>Bubcher</i>	●	●	●	●	●	●	●	●			◐	◐				
	<i>Jung</i>	●	●	◐	◐	◐	◐			●		●	●	●	●		
	<i>Buber</i>															●	
	<i>Guri</i>															●	
	<i>Guricher</i>											●	●				●
	<i>Juncher</i>										●						
	<i>Bubi</i>									●							

	<i>Mamalos</i>	●	●	○	○	◐	◐	○	○								
	<i>Waisekinner</i>	●	●														
	<i>Waisekind</i>					●	□	◐	◐			○	○	◐	◐	○	
	<i>Ohne Papa ohne Mama</i>				◐											◐	
	<i>Papa und Mama varloar</i>			◐													
	<i>angenhomes Kind</i>							◐	◐								
	<i>abandoniert</i>							◐	◐								
	<i>dunkelkind</i>							◐									
	<i>Das Kind hat kein Papa und kein Mama mehr</i>											◐	◐				
	<i>Hat kein Eltern mehr</i>										●	◐	◐				
	<i>Elternlos</i>													●	●		
61	Brieder	●	●	◐	○	●	●	◐	●			●		●	●	◐	●
	Brierer																
	Maninhos																
	Brüder			◐	◐			◐	◐	●	●	◐	◐				◐
	irmãos																
	manos																
	maninhos																
	hermanos																
	<i>mano</i>	◐	◐														
	<i>Bruder</i>			●	●	●	●							●	●	●	●
	<i>Geschwister</i>							●	●								
	<i>Brüders</i>											●					
62	Geschwister	●	●	●		●	●	●	●	●	●	◐	◐	●	●	○	●
	irmãos																
	<i>Bruders</i>				●							●	●				
	<i>Brüders</i>											●	●				
63	Geschwister																
	Schwestern	◐	◐	●	●	●	●			●	●			◐	◐	●	●

70	Nichte	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
	sobrinha	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	<i>Mein Schwester sein Kind</i>				●												
	Wowwro																
	Wowwochen													◐	◐		
	Großeltern					●	●	○	○	●	●	○	○	●	●	○	◐
	avós																
	<i>Die Großmutter und de Großvater</i>	●	●														
	Wowwre	◐															
	<i>Die Wó und de Wo</i>		◐														
	<i>Die Wowwo</i>					●	●	●	●								
	<i>Der Vater und die Mutter</i>															●	●
	<i>Großvaters</i>											●					
	Wowwos												●				
	<i>Großvater und Großmutter</i>			●	●						●						
71	Opa	◐	◐	○	◐	●	●	◐	◐	●	●	◐	○	●	●	◐	○
	Wowwe																
	Wowwo	●	●	◐	◐	●	●	●	●							○	●
	Wowwoche									◐	◐	◐	◐	◐	◐	◐	○
	Vater							◐	○			◐	●				●
	Großvater	●	●	●	●	◐	◐	◐	●	●	●	●	◐	●	●	●	◐
	vovô																
	avô																
	<i>Großwowwo</i>								●								
	<i>Opapa</i>													●			
				○	◐	◐	●	●	◐	●	●	◐	○	●	●	◐	○
72	Oma			○	◐	◐	●	●	◐	●	●	◐	○	●	●	◐	○
	Wowwe																
	Wowwoche									◐	◐	◐	◐				

	Großmutter	●	●									○	○			○	
	Mutter						●					○	●				●
	Großmutter	●	●	●	●	○	○		●	●	●	●	○	●	●	●	●
	vovó																
	avó																
	Wowwa	○	○			●	●		○								
	Wowwo			○	○				●							○	○
	Motter						●										○
73	Enkelche					○	○					○	○				
	Enkelkind	○	○			○	○	○	○			○	○	●	●	○	○
	Neto																
	Neta																
	Engelkinder	●	●													○	
	Engelkinner			○	○	●	●			●	●			●	●		
	Netinhos			●	●												
	Netos							●	●			●	●				
	Engelche												○				●
74	Urenkelche																
	Urenkelkind			□	□							○	○			□	□
	Bisneto							●	●								
	Bisneta											●	●				
	Urengelkinner		●											●	●		○
	Urengel	●															
	Urenkelkinner									●	●						
	Urengelche					●	●										
75	Urwowwre	□	□	□	□												
	Urwowwoche																
	Urgroßeltern											○	○			○	○
	Bisavós							●	●								●
	De Großvater sein Papa											●					

	<i>Großmutter und Großvater</i>												●				
	<i>Urmutter</i>												◐				
	<i>Urwowwo</i>								◐								
	<i>Urgroßmutter und Urgroßvater</i>					●	●			●	●			●	●		
76	Uropa	◐	◐			◐	◐						◐	◐	◐	◐	◐
	Urwowwe			◐	◐												
	Urwowwo	◐	◐			◐	◐	◐	◐				◐	◐	◐	◐	
	Urwowwoche	◐	◐														
	Urvater														◐	◐	
	Urgroßvater	●	●	◐	◐	●	●	◐	◐	●	●			●	●	◐	◐
	bisavô			●													
	o bisa																
	<i>Zweimal Großvater</i>				●												
	<i>Bisavô</i>							●	●								
77	Uroma	◐	◐			◐	◐						◐	◐	◐	◐	◐
	Urwowwe			◐	◐												
	Urwowwoche																
	Urwowwo					◐	◐						◐	◐	◐	◐	
	Urmutter														◐	◐	
	Urgroßmutter	●	●														
	Urgroßmutter	●	●	◐	◐	●	●	◐	◐	●	●			●	●	◐	◐
	bisavó			●													
	a bisa																
78	Toofpatt/Taufpatt	◐	◐	◐	◐	◐	◐	◐	◐						◐	◐	◐
	Ferrepatt	●	●	◐	◐	●	●			◐	◐	◐	◐				◐
	Patt	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	◐	◐	●	●	●	●
	Pate																
	padrinho											●	●				

